

ISSN 0103-3786

# TRANS *in* FORMAÇÃO

1989, Volume 1, Número 1  
Janeiro/Abril

## TRANS *in* FORMAÇÃO

*A PÓS-GRADUAÇÃO*

*E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA*

## TRANS *in* FORMAÇÃO

Departamento de Pós-Graduação  
Faculdade de Biblioteconomia  
Pontifícia Universidade Católica  
Campinas

## TRANS *in* FORMAÇÃO

VOLUME 1 - NÚMERO 1  
JANEIRO/ABRIL 1989

ISSN 0103-3786

# TRANSFORMAÇÃO

departamento  
pós-graduação  
biblioteconomia

**QP PUCAMP**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA E CAMPINAS**

*Grão-Chanceler*

Dom Gilberto Pereira Lopes

*Reitor*

Eduardo José Pereira Coelho

*Vice-Reitoria Acadêmica*

Vera Silvia Marão Beraquet

*Vice-Reitor Administrativo*

Gilberto Luiz Moraes Selber

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA**

*Diretora*

Maria Leontina da Conceição Pinke Luiz de Souza

*Vice-Diretoria*

Edilze Bonavita Martins Mendes

**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

*Coordenadora*

Dinah Aguiar Población

# TRANS*in*FORMAÇÃO

- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

## CONSELHO EDITORIAL

Geradina Porto Witter (Presidente)  
Dinah Aguiar Población  
Solange Puntel Mostafa  
Vera Silvia Marão Beraquet  
Elizabeth Márcia Martucci  
José Vanderley Gouveia

## CORPO EDITORIAL

Dinah Aguiar Población (ECA/USP - PUCCAMP)  
Elizabeth Márcia Martucci (EBDSC)  
Fernando C. Prestes Mota (FGV)  
Geraldina Porto Witter (USP - PUCCAMP)  
Hagar Espanha Gomes (UFF)  
João Francisco Régis de Moraes (UNICAMP)  
José Luiz Sigrist (UNICAMP)  
José Marques de Mello (ECA/USP)  
José Vanderley Gouveia (UFG)  
Leila M. Zerlotti Mercadante (UNICAMP)  
Samuel Pfromm Neto (IP/USP)  
Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)  
Vera Silvia Marão Beraquet (PUCCAMP)

## CONSULTORIA "AD HOC" PARA ESTE NÚMERO

Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo (UFF)  
Maria de Cleofas Faggion Alencar (PUCCAMP)

# TRANSFORMAÇÃO

## **Copyright by TRANSFORMAÇÃO**

A citação de partes de matéria publicada nesta Revista (até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte.

## **ENDEREÇO**

### **TRANSFORMAÇÃO**

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUCCAMP

Praça Imaculada 105 - Swift

Telefone (0192) 32-3163

13045 - CAMPINAS - SP - Brasil

Assinatura para 1989: 0,5 Salário de Referência

# TRANS*in*FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL  
VOL 1 N. 1 – JANEIRO/ABRIL 1989

## ÍNDICE

Editorial ..... 9

### TEMAS EM DEBATE:

#### A PÓS-GRADUAÇÃO E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- A pós-graduação busca o fogo do conhecimento  
Solange Puntel Mostafa ..... 13
- Pesquisas... Para que?  
Romário A. Mello ..... 25
- Pós-Graduação e produção científica: a questão da autoria  
Geraldina Porto Witter ..... 29

### ARTIGOS

- Investigaciones en inteligência artificial en España  
Emilia Currás ..... 41
- Artigos científicos e Transinformação: pré-requisitos para publicação  
Dinah Aguiar Población ..... 51
- Dissertações de mestrado em psicologia clínica  
(PUCCAMP, 1975/1987): análise da estrutura geral do discurso.  
Geraldina Porto Witter, Antônio I. Têrziş, Raquel Lobo Souza  
Guzzo, Saulo Monte Serrat e Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral 65
- Produção editorial de periódicos científicos brasileiros na área biomédica  
Antônio Felipe Corrêa da Costa ..... 81

## RESENHAS

Discurso: bases de análise	
Carla Porto Witter .....	107
Problemas da universidade	
Geraldina Porto Witter .....	109
Informação-Tecnologia	
Geraldina Porto Witter .....	111
Bibliotecas infanto-juvenis	
Telma C. Witter .....	114

## COMUNICAÇÕES DE PESQUISAS

A pesquisa em leitura e a biblioteca (1986/1987): Informativo	
Geraldina Porto Witter .....	119
Pesquisas em andamento .....	121
Resumo das dissertações defendidas no Curso de Mestrado em Biblioteconomia da PUCCAMP em 1988 .....	125
Relação das dissertações de mestrado defendidas no Curso de Pós- Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP até dezembro de 1987 .....	129

## DOCUMENTO

Estatuto de "Transinformação" .....	133
-------------------------------------	-----

## INFORMATIVO

Material bibliográfico recebido .....	141
---------------------------------------	-----

# TRANS*in*FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL  
VOL 1 N. 1 – JANEIRO/ABRIL 1989

## CONTENTS

Editorial .....	9
-----------------	---

## CONTEST: POST-GRADUATION AND SCIENTIFIC PRODUCTION

The post-graduation seeks the fire of knowledge. Solange Puntel Mostafa .....	13
Researches... Wat for? Romário A. Mello .....	25
Pos-graduation and scientific production: the question of authorship. Geraldina Porto Witter .....	29

## ARTICLES

Researches on artificial intelligence Spain Emília Currás .....	41
Scientific papers and Transinformação: pre-conditions to publications Dinah Aguiar Población .....	51
Master dissertation in Clinical Psychology (PUCCAMP, 1975/1987): general structure analysis of the discourse Geraldina Porto Witter, Antônio I. Têrzi, Raquel Lobo Souza Guzzo, Saulo Monte Serrat, Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral .....	65
Structure of editorial production of Brazilian biomedical journals Antônio Felipe Corrêa da Costa .....	81

## REVIEWS

Discurs: bases of analysis	
Carla Porto Witter .....	107
University problems	
Geraldina Porto Witter .....	109
Information-Technology	
Geraldina Porto Witter .....	111
Children and young adults libraries	
Telma C. Witter .....	114

## RESEARCHES COMMUNICATIONS

Reseraches, reading and libraries (1986/1987): Informative	
Geraldina Porto Witter .....	119
Research in course .....	121
Abstracts of dissertations presented at the Curso de Mestrado em Biblioteconomia of PUCAMP, 1988 .....	125
List of the master dissertations presented at the Graduation Course in Library Science of the PUCAMP, until 1987, december .....	129

Inicia-se a publicação de mais um periódico brasileiro que se incorpora às grandes áreas da Ciência, com as características da interdisciplinaridade que permeia a TRANSFORMAÇÃO.

Não se pode deixar de ressaltar a importância de um novo veículo para divulgar a produção científica de estudiosos e pesquisadores que, atuando nas instituições onde se desenvolvem as investigações em Ciências da Comunicação e da Informação, são profissionais da Biblioteconomia, da Ciência da Informação, da Documentação, da Arquivologia, da Museologia, do Jornalismo, da Editoração. Esse conjunto básico de profissionais, que realiza trabalho integrado, necessita não só do suporte metodológico, mas também das técnicas de pesquisas desenvolvidas pela Psicologia, Sociologia, Educação, Filosofia, Lingüística e fundamentalmente dos avanços tecnológicos oferecidos pela Informática.

Assim este meio de comunicação tem por finalidade congrega os profissionais representantes dessas diversas áreas a nível internacional, quer como autores ou como leitores. Este veículo deverá ser não apenas um órgão de TRANSFORMAÇÃO mas temos a firme convicção de que virá operar a TRANS(IN)FORMAÇÃO tão almejada no cenário das publicações científicas brasileiras.

A cooperação de esforços do corpo editorial, composto por docentes representantes de várias Universidades, garantirá o filtro de qualidade das contribuições que estão sendo enviadas por profissionais que atuam nas especialidades interrelacionadas com a Comunicação e a Informação.

Assim, neste primeiro número em que o tema focal é a *Pós-Graduação e Produção Científica* foram convidados pesquisadores que vêm se preocupando com esse assunto a fim de transmitir informações que nos permitam conhecer algumas características desse quadro nacional da pesquisa.

Justifica-se também neste primeiro número uma maior participação dos professores da PUCAMP com a contribuição de artigos, resenhas e comunicações. No entanto, a partir do segundo número espera-se que a publicação já tenha atingido os mais variados segmentos da comunidade de Informação e Documentação e portanto as contribuições deverão refletir o pensamento desses profissionais.

Da mesma forma procura-se atingir as universidades estrangeiras com as quais estamos formalizando convênios para permutar docentes e discentes de pós-graduação. Está programado para cada número a publicação de trabalhos dos docentes que pretendem vir ao Brasil para ter contacto com a comunidade brasileira de Informação.

Com a efetiva colaboração dos profissionais que almejam participar da "grande ciência" será possível levar avante a TRANSFORMAÇÃO.

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dinah Aguiar Población*

Coordenadora do Departamento  
de Pós-Graduação em Biblioteconomia  
PUCAMP

## **AUTORES**

**(Pela ordem dos textos)**

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA - Doutora em Educação (Filosofia da Educação), docente do Mestrado em Biblioteconomia da PUCAMP.

ROMÁRIO A. MELLO - Doutor em Bioquímica, Docente do Instituto de Ciências Biológicas da PUCAMP.

GERALDINA PORTO WITTER - Doutora em Ciências (Psicologia), Livre-Docente em Psicologia Escolar, Membro da Academia Paulista de Psicologia, Docente de pós-graduação na USP e PUCAMP.

EMÍLIA CURRÁS - Professora, Doutora em Química, Acadêmica, Diretora do Gabinete de Documentação Científica da Faculdade de Ciências da Universidade Autônoma de Madrid.

DINAH AGUIAR POBLACIÓN - Doutora em Ciência da Comunicação, Docente da ECA/UPS E da PUCAMP, Coordenadora do Departamento de Pós-Graduação e Biblioteconomia da PUCAMP.

ANTONIOS I. TÉRZIS - Doutor em Psicologia, Docente do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP.

RAQUEL L. GUZZO - Doutora em Psicologia, Docente do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP.

SAULO MONTE SERRAT - Mestre em Psicologia Clínica, Docente do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP, Coordenador Geral dos Cursos de Pós-Graduação da PUCAMP.

VERA LÚCIA A. R. AMARAL - Doutora em Ciências (Psicologia), Coordenadora do Curso e Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP.

ANTONIO FELIPE C. COSTA - Mestre em Ciência da Informação, Técnico em Informação do CNPq - CPCT/CPO (Centro de Informação sobre Política Científica e Tecnologia).

CARLA WITTER - Mestranda em Psicologia Escolar no Instituto de Psicologia da USP; bolsista do CNPq.

TELMA C. WITTER - Artista Plástica, formada em Educação Artística.

**TEMAS EM DEBATE: A PÓS-GRADUAÇÃO E  
A PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

## A PÓS-GRADUAÇÃO BUSCA O FOGO DO CONHECIMENTO

Solange Puntel Mostafa \*

PUCAMP (Biblioteconomia)

### RESUMO

MOSTAFA, Solange P. A pós-graduação busca o fogo do conhecimento. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCAMP, 1 (1): 13-23, jan./abr. 1989.

Em linguagem coloquial, a autora analisa as relações entre teoria e prática com os cursos de graduação e pós-graduação. Utiliza para isso as imagens do filme "Quest for fire".

Unitermos:

Pós-graduação, Pesquisa, Transferência da Informação.

O excelente filme intitulado Guerra de fogo (5), "Quest for fire", ajuda na compreensão do discurso oficial sobre a Universidade e a interminável discussão sobre a legitimidade da pós-graduação e a não menos controversa relação entre a doutora **pesquisa**, o mestre **ensino** e a estagiária **extensão** universitária.

A pós-graduação é luxo ou necessidade? Essa pergunta tem norteado a discussão no Brasil em todos os níveis, desde a reforma universitária de 1968. Equivale a perguntar: pesquisar é necessário? E nesse caso, a pesquisa necessita vincular-se à extensão? O irmão mais velho do tripé reclama, aflito: e o ensino, como fica na relação? Não é o ensino a base e o começo de tudo, confundindo-se até mesmo com o conceito de escola?

Falar, portanto, em pós-graduação desvinculada de graduação é o mesmo que tentar tocar na questão da Universidade ou suas atividades sem relacionar o tripé dialeticamente, tendo em vista a busca do fogo.

"A Universidade busca o fogo do conhecimento". A frase é de Jamil Cury (6). Mas, embora o autor refira-se ao mito do Prometeu para aludir a tarefa prometeica da Universidade, a frase suscitou-me as imagens do filme dos primatas, onde os ensinamentos sobre a relação entre teoria e prática são acertadíssimos. E aplicam-se muito bem à discussão da Universidade.

A relação entre graduação e pós-graduação pode ser analisada como a própria relação entre teoria e prática, ou, se preferirem, entre técnica e tecnologia, ou ainda entre o pensamento e as feições da realidade exteriores ao pensamento. Isto extrapola de longe a questão histórica da Universidade. Tanto mais os 20 anos de pós-graduação brasileira.

Se a finalidade da graduação é a formação profissional, a pós-graduação não visa outra coisa senão o aprimoramento daquela formação.

Se a formação visa a habilitação na sociedade, a pós-graduação, através da pesquisa, informa melhor a formação/atuação profissional do cidadão na sua área específica.

O discurso oficial está repleto de definições e mesmo posições acerca do que deve ser cada uma das atividades da Universidade: graduação, pós-graduação, especialização, ensino, pesquisa e extensão são categorias analisadas quer por autores individuais, quer pelos próprios planos governamentais(1). Mas a minha intenção não é o cotêjo dos documentos. Ao contrário, é voltar ao primitivismo da época do fogo, quando não existia nem a graduação nem a pós-graduação da forma institucionalizada como conhecemos hoje. Mesmo assim, os homens primatas se graduavam e se pós-graduavam em suas áreas específicas. E se lá na Idade do Fogo já existia pós-graduação, porque será que hoje, somente após 20 anos de tentativa brasileira, a gente questiona a sua legitimidade...

Observemos o homem primata: ele sabe que o fogo é importante. Mais do que isso, ele sabe que o fogo é fundamental. Ter o fogo é ter a vida: proteção contra os animais e proteção contra os outros homens, as outras tribos; o fogo aquece o corpo, afugenta o perigo, cozinha a carne. Na fala tecnocrática das burocracias modernas (weberianas ou personianas), o homem primata diria que o fogo é "fator de desenvolvimento".

A vida passa a ser a vida pelo fogo, quer no sentido de ser através do fogo que se tem a vida, quer no sentido de ser a busca do fogo toda a razão de viver. Daí o título do filme: Guerra do fogo. Além de se ter que buscá-lo na natureza, tinha-se que proteger o fogo do vento, da chuva.

Três grandes mensagens filosóficas são possíveis nas entrelinhas da linguagem onomatopéica do homem primata:

1) A prática é anterior à teoria (esse é um dos alicerces do materialismo histórico - postura oposta ao idealismo filosófico).

2) A teoria só existe para aprimorar a prática (lembrar as teses de Marx contra Feuerbach, especialmente a décima primeira, ou a célebre de Bertolt Brecht sobre a ciência e o alívio da miséria humana).

3) A relação entre teoria e prática é uma rua de mão dupla.

Isto significa que a graduação é prática no sentido de ser uma habilitação e que a pós-graduação é teórica no sentido de ser aprimoramento, refinamento, depuração das habilidades técnicas (ainda que estejamos falando em pós-graduação na área de tecnologia, por exemplo).

A graduação é técnica. A pós-graduação é tecnológica. (A ciência que não se arvora agora a entrar na discussão pois o seu logotipo já está embutido na tecnologia, para efeito de discussão - enquanto a terminologia acadêmica

\* Doutora em Educação (Filosofia da Educação)

Professora do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da PUCAMP

persegue as diferenças entre ciência e tecnologia /Solla Price fez isso até com brilhantismo inovador em seus trabalhos/, Sales vai dizer de forma bem mais simples (12): "O modo de sentir/pensar/agir é um modo de atuação. É uma tecnologia". E mais: "A Universidade... está, portanto, convocada a produzir tecnologias técnicas, políticas/sociais de afirmação dos construtores da sociedade")

O homem primata não é um homem homogêneo, isto é, o mesmo homem para toda a face da Terra. Há um homem ali, que por razões de clima e região desenvolveu habilidades diferentes das desenvolvidas acolá, visto que o homem, bem como todos os seus sentidos e sentimentos são históricos; o processo de hominização - diferenciação da natureza - também o é. Donde a grande mensagem deixada pelas imagens da descoberta do fogo: quando o primeiro homem primata observa, perplexo, o outro primata fazer o fogo, o espanto e a perplexidade do primeiro não cabem na expressão corporal do artista. Não era o fogo algo que se achava na natureza? Podia-se fazer o fogo, a qualquer hora, prescindindo dos caprichos da natureza que não-lo oferecia, às vezes em paisagens tão distantes, quase miragens.

A posse de um saber tão fundamental desnorreia a mente do homem primitivo. E nesse momento o seu pensamento se alarga enormemente. Pois o pensamento só vai pensando o possível, o imaginável... Fazer o fogo para esse homem era o impensável até aquele momento. De agora em frente, tudo vai ser diferente: a teoria estava pronta! Fogo era algo que se fazia.

A decepção não demora a surgir, quando, mesmo de posse da teoria, o primata não consegue realizar a grande façanha de botar fogo na vara, porque para isso é necessário ter jeito. Não pode ser qualquer jeito. É preciso **técnica**, é preciso habilidade: a fricção da vareta na pedra para provocar calor necessita de uma dada velocidade nas mãos do fazedor de fogo. É hora do manual de procedimentos. A técnica é importante e da mesma maneira que não existe tecnologia sem técnica, a técnica, sem os princípios racionalizadores da ciência, não consegue se fazer diferente. Mas no momento em que ele domina o fazer e o porque fazer desta forma, ele está em condições de criar inúmeras outras maneiras de proceder. É por isso que no II Plano Nacional de Pós-Graduação dos anos 80 está:

"... por alta qualificação deve ser entendida a capacidade de mover-se com segurança e agilidade na fronteira de uma especialidade, não só ao ponto de estar em condições de reproduzir o conhecimento gerado em outras partes, o que representaria a capacidade efetiva de incorporá-lo, mas também de colaborar para o seu avanço, com contribuições significativas, o que representaria o domínio real daquela especialidade"(1)

Quando Sales insiste tanto em ampliar o conceito de tecnologia para "um modo de sentir pensar/agir", a gente entende a graduação e a pós-graduação como momentos diferentes mas ainda assim momentos de um

mesmo processo. E como tal, o tripé pesquisa, ensino, extensão. Apesar de diferentes, concorrem para uma mesma coisa: a barra de viver.

No fundo, as tecnologias buscadas pela Universidade através da estreita vinculação entre graduação e pós-graduação devem ser aquelas "apropriadas à produção de um modo de sentir/pensar/agir adequado a fazer valer interesses negados, resgatar auto-estima e a alizez de quem não está conseguindo sentir/pensar/agir como construtor da sociedade e detentor de um saber" (p.5).

O esforço nesses 20 anos de reforma universitária brasileira foi grande na tentativa de pelo menos definir o que seria, afinal, os limites e as possibilidades da pesquisa, do ensino e da extensão universitários.

Tentou-se até fazer a permutação dos termos, por exemplo, LEITE LOPES (8), fala em "prestação de ensino" enquanto DURHAM (3), mais conservadora, entende a demanda social por "demanda de ensino", numa tentativa explícita de denegrir a extensão universitária. Há conservadores cultos. FAGUNDES (4) questiona a extensão usando uma argumentação mais procedente que DURHAM: a extensão não é inerente à Universidade como querem o MEC e o CRUB mas circunstancial e provisória; durará até que a Universidade se desilite quando então os resultados do ensino e pesquisa forem repassados para toda a sociedade.

Quem sabe a gente sai da condição de **consciência culpada** com que DURHAM nos analisou, nós, os extensionistas.

Se fosse o caso de cotejar opiniões, chamaria em minha defesa a lucidez de uma LEITE (7) que é quem seria indicada para "dialeitizar certas posições que, muitas vezes, dependendo de que posição se fala, aparecem como inconciliáveis: a pesquisa e o ensino, a pesquisa teórica e a sua utilização prática na sociedade; a graduação e a pós-graduação; a ciência e a tecnologia; as ciências exatas e as humanas; a produção e a transmissão do saber; o professor e o aluno; a licenciatura e o bacharelado" (p.104).

Aqui voltamos às teses materialistas que a descoberta do fogo encerrou: ver fazer o fogo foi fundamental ao homem primata. A teoria é importantíssima. Ele viu com os olhos e com o pensamento. É o mesmo caso da Eva que viu a uva. Ver é importante. Mas não é ainda fazer. Em que pese a importante função da teoria, a teoria não surge do nada; ela é sempre e necessariamente ad(vinda) da prática. A prática, por sua vez, sem a teoria, não caminha, não vira praxis.

Mas o que é a prática e onde ela está para poder virar "demanda de ensino" como quer DURHAM e, assim ser apropriada pela Universidade?

A prática está lá na vida: na fábrica, no posto Shell, no banco, no planalto central do país. E em qualquer dessas instituições, há produção de saber. "Pouco importa se tem origem acadêmica ou em outras partes", o importante é que haja "transformação de saberes" (12, p.8).

"O saber que funciona como transformador de saberes não é o saber

dos autores e professores. É o saber de quem, independentemente do grau de instrução e da função técnico-administrativa no processo de produção, esteja transformando saberes...(p.3)... O que diferencia uma universidade de uma fábrica? E de uma empresa comercial ou financeira? E de uma instituição de planejamento ou de prestação de serviços?... por produzir um saber todas as instituições são educadoras... além de educadoras como todas as instituições, a universidade é uma instituição de educação (p.2 e 3)... A universidade, portanto, não é livre para estudar o que quiser (p.6)... A produção do saber se identifica com o confronto de saberes (p.7)... Pelo modo de produzir saber, a universidade aprofunda ou superficializa saberes... Ao não aprofundar o saber, a universidade deixa de prestar um serviço aos trabalhadores que ainda não podem substituir a universidade, como o fazem os empresários, que têm seus assessores, seus centros de pesquisa, seus laboratórios, etc. (p.5)... A universidade deve ajudar a entender/solucionar os problemas dos trabalhadores que, não por acaso, são a maioria da sociedade. Como identificar os problemas a serem entendidos/solucionados? Saindo da universidade..." (p.6)

Extensão... expansão. Saindo para a periferia ou para o buraco negro da atmosfera? Extensão horizontal ou vertical?

Há uma famosa frase no ideário bibliotecário de Jesse Shera, um bibliotecário americano, que diz assim: A biblioteconomia ajuda a maximizar a utilização dos registros gráficos da humanidade, e sua preocupação deve ir desde a criança absorta em seus pensamentos até o cientista perdido em suas indagações esotéricas.

Quem em sã consciência duvidaria de um Stephen W. Hawking quando pergunta..."de onde surgiu o universo? Como e por que ele começou? Chegaria a um fim e, como seria isso?"

Perguntas desse tipo precisam ser contempladas pela Universidade até porque são perguntas universais: dizem respeito ao Universo, ao nosso Universo. É pesquisa pura. Quem leu o livro sentiu a pureza do cientista. As respostas a perguntas desse tipo são de tal complexidade que poucos de nós temos acesso até às próprias perguntas. Não quer dizer que são perguntas sem sentido. **É uma breve história do tempo** como diz Hawking ao intitular o seu livro. Mas há histórias e histórias. Há tempos e tempos. **A história e o tempo** é subtítulo de um livro de História do Brasil para escolares da sexta série do primeiro grau (10) que começa assim:

"A História expressa a vida dos homens em seu conjunto: como trabalham, produzem as riquezas e usufruem delas. A História está sempre em movimento."

O conjunto e o movimento do conjunto só foi possível captar após a obra de Hegel. Marx deu conta da produção e da apropriação das riquezas. Mas nenhum desses autores puderam ser estudados em nível de iniciação

científica. Foi a pós-graduação dos últimos 20 anos no Brasil que possibilitou uma nova filosofia da história, agora sendo absorvida no ensino de 1º grau.

Naturalmente que a história do tempo espacial é tão importante quanto a história dos homens na terra. Soa sem sentido polemizar entre pesquisa pura e aplicada, tecnologia de ponta ou de meio, realidade física ou social, porque tudo é realidade humana. E vive melhor quem melhor conhece a realidade. A melhor teoria é a que melhor fala da realidade, a que melhor se aproxima da realidade; por isso é que não tem sentido desprezar a teoria só porque ela é teórica. A rigor, ela é sempre teórico-prática. É interessante que o desprezo se estende quer para a realidade física quer em relação à realidade social. É como se a receita fosse menos importante que o bolo pronto ou a teoria de mais-valia valesse menos que a mercadoria que a gente compra no supermercado. Um e outro são expressão de ambos. Um representa o outro. É outra forma de apresentar a coisa. É representação. Está junto. É mais do mesmo.

O sentido da teoria? Igualzinho o sentido da pós-graduação em relação à graduação e dessa em relação aos ensinamentos de 2º e 1º graus. Descendo mais um pouco a gente chega na pré-escola e nas primeiras letras, nas primeiras falas. Por que será que falamos? Perguntar pela importância da teoria é perguntar pela importância da linguagem. A gente fala porque é constitutivo em nós. Nós somos do tipo que ainda mandamos flores. Nós falamos sobre o mundo. Porque pensamos! Mas antes, nós existimos. Primeiro a gente existe. Depois a gente fala sobre a existência. E essa ordem é rica de consequências. A briga filosófica sobre isso é enorme. Não só porque há uns que acham que existem porque pensam (qualquer lembrança a Descartes procede), mas sobretudo porque para existir, é necessário discutir quem tem direito à existência. E aí entra a confrontação do saber aludida por Sales (12, p.7):

"A produção do saber se identifica com o confronto de saberes. Há saberes sobre campos diferentes da atividade humana. São os saberes sobre processos físicos, químicos, biológicos, sociais, psicológicos, políticos, sobre produção do saber, etc. Há saberes de classes e grupos sociais diferentes. São os saberes diferenciados de operários, camponeses, técnicos, empresários, etc. Há saberes que se originam da construção material do mundo (produção de bens e serviços) e saberes que se originam na construção simbólica do mundo (produção de saber nas escolas, universidades, centros de pesquisa, etc.). Em qualquer campo de atividade, qual o lugar dos diferentes saberes na produção de um novo saber?"

## CONFRONTAÇÃO DE SABERES

Muito já se falou sobre a neutralidade científica. É tema epistemológico dentro da teoria filosófica da ciência. Ora, se a ciência não é neutra, a tecno-

logia também não o é. Por mais que funcione. Há várias formas de fazer o fogo. Algumas interessam a uns. Outras a outros. O confronto é constitutivo da existência humana. Por isso o cerne da discussão não pode ser a prioridade da ciência pura sobre a aplicada ou vice-versa. Ambas são fundamentais. A briga refere-se aos interesses norteadores do desenvolvimento de uma e outra.

Por exemplo, o movimento ecológico vem propondo a nível mundial um tipo de tecnologia dita leve, barata e feita por ar (tesão), em contraposição à tecnologia pesada, cara e poluente. Junto com isso vem o discurso da natureza (o verde) e a respectiva filosofia de sustentação: holismo, integração homem/natureza, equilíbrio entre as forças yang/ying, isto é, equilíbrio entre razão e intuição (ninguém fez isso melhor que F. CAPRA em **O ponto de mutação**).

Mas por desconsiderar o confronto de saberes como sendo antes um confronto de classe social, a nova tecnologia proposta afasta-se dos interesses da maioria dos homens até porque não questiona as bases materiais sobre as quais a nova tecnologia se assentaria: como é possível falar em descentralização da produção e travagem do consumo sem mexer na relação de trabalho, ou, para usar o jargão, no **modo de produção**? Dá para falar no consumo sem mexer na produção? Não, e os ecologistas sabem disso. É na produção mesma que eles querem chegar. Como? Mudando a tecnologia.

A proposta ecológica nos quatro cantos do mundo quer uma coisa só: mudar a produção mas sem mexer nas relações de produção. Uma nova tecnologia mas em relações de produção antigas, como se tecnologia fosse algo só material, apenas ciência aplicada como ensinam os dicionários.

Se para criar a nova tecnologia verde, artesanal e pueril vigorarão as mesmas premissas das relações sociais antigas que geraram a tecnologia pesada, a gente vai cair no buraco negro de Hawking. Senão vejamos:

As relações sociais legitimam essa ou aquela tecnologia. Quando se fala em tecnologia barata é preciso perguntar barata pra quem, pois o valor-de-troca não se identifica com o valor-de-uso no modo de produção capitalista. O capitalismo é o único sistema econômico que se assenta na produção de mercadorias, isto é, onde os bens são produzidos com a finalidade única de sua venda. Enquanto nos modos de produção anteriores, produção e comércio eram atividades conjuntas, unidas, cindidas, isto é, produzia-se algo para o uso - o produto valia pelo seu valor de uso, aqui entre nós, produção e consumo são aleatórios: produz-se para a venda. Venda para o lucro. Lucro por causa do aumento da produtividade. As empresas precisam saber como fazer mais e melhor do mesmo produto. E isso só é possível com a absoluta interdependência tecnológica das empresas. Se no modo de produção anterior, as empresas eram independentes umas das outras, no modo de produção capitalista, a interdependência tecnológica é fator de so-

breviência: quem não souber fazer melhor que o outro cai no buraco negro. É claro que o fazer melhor implica em estar a par dos outros fazeres.

Qualquer nova tecnologia dentro do mesmo modo de produção implica em concorrência e, conseqüentemente, lucro. Por isso, no confronto de tecnologias, não resolve muito discutí-las passando por cima das relações sociais. A proposta ecológica e tantas outras alternativas orientais para nos devolver o equilíbrio perdido só é válida na confrontação de saberes. Falar do saber social é falar do fazer. O saber e o fazer estão juntinhos. Travar o consumo para criar uma nova produção é gerar uma tecnologia burguesa e tão elitista quanto a anterior. A grande maioria dos homens famintos da humanidade morreria verde. A crise atual da economia capitalista desencadeada na década de 70 se expressa na crise da produtividade e, portanto, do consumo. Foge a esse artigo aprofundar o tema, pois teríamos que analisar as várias formas de reorganização da economia capitalista nos últimos 40 anos, especialmente a remodelação das condições gerais de produção no pós-guerra com a expansão do sistema de consumo particular o que, hoje, sabemos esgotados. Por isso é que o movimento ecológico é suspeito do ponto de vista dos trabalhadores: a ecologia propõe a levatada geral, aumento da produtividade com o necessário estancamento do consumo, através de hábitos frugais. É mais uma forma de reorganizar a economia capitalista da produção. As contradições inerentes a essa economia são muito bem percebidas pelos ecologistas. (impossível de analisar nesse artigo a contradição capitalista fundamental entre o aumento da produtividade e a baixa tendencial da taxa do lucro).

O importante é perceber que ao propor remodelações técnicas sem remodelações nas relações sociais (e relações sociais são algo bem mais material do que passeios matinais e hábitos frugais), o beneficiamento de certas empresas em detrimento de outras pelo reforço da concorrência e da concentração monopolista é inevitável. Para o modo de produção capitalista é totalmente indiferente que a tecnologia seja leve ou pesada. Para os ecologistas é também totalmente indiferente que a tecnologia leve proposta esteja em relações de produção capitalistas ou socialistas. O homem frugal está acima de qualquer suspeita.

Pois os ecologistas confundem capitalismo com industrialização. Já que o equilíbrio perdido entre o homem e a natureza se deu por culpa da industrialização, é mister inventar outra indústria menos poluente. Só que capitalismo é muito mais do que a indústria em geral. Indústria, porém, é qualquer sistema de aplicação de máquinas à produção. O que está em jogo é um dado sistema social. A contradição fundamental não é entre os homens e a natureza. Entre eles, desde o homem primata, tem havido infinidade de equilíbrios possíveis. E sempre com desequilíbrio/equilíbrio, depreciação/construção. O esgotamento da natureza é um mito: o homem não só tira da natureza mas também a repõe incessantemente. O esgotamento das

relações capitalistas de produção, esse sim, dá mostra de cansaço. Discussão complexa. Mesmo assim há que falar: é infinitamente melhor que a exploração entre os homens se dê num mundo menos poluído. Só que a gente quer respirar mais fundo, sem o risco do capital sufocar o trabalho. Introduzi o tema apenas para exemplificar a não-neutralidade da tecnologia. Serve também para mostrar a necessária ligação entre teoria e prática ou entre as ciências puras (físicas e sociais) e as ciências aplicadas (físicas e sociais). O que no tema de debates ficou sendo a questão do conhecimento no sistema de pós-graduação.

## MESTRADOS, DOUTORADOS E ESPECIALIZAÇÕES

Todos são importantes? Sim. É LOBO E SILVA FILHO (9) quem responde, destacando a melhoria da iniciação científica e dos cursos de especialização como formas de acelerar a formação pós-graduada.

“Internamente, é preciso reduzir o tempo - excessivo - consumido nos programas de pós-graduação. Um pós-graduado está levando em média, cinco anos e meio para obter o mestrado e mais cinco adicionais, para doutorar-se. Assim, um pesquisador formado no Brasil só completa sua formação acadêmica dez anos e meio depois de completar o bacharelado, aos 35 anos de idade.”

E a colocação mais geral:

“A pós-graduação, institucionalizada no Brasil no final dos anos 60, tinha como objetivos principais o aperfeiçoamento de professores universitários e a formação de pesquisadores para o sistema de ciência e tecnologia. Secundariamente, ela visava o aperfeiçoamento de profissionais para o mercado de trabalho, que se previa, seria cada vez mais sofisticado e competitivo... A pós-graduação não se esgota, entretanto, com a formação de - por melhor que ela seja - de pesquisadores e docentes universitários através do mestrado e doutorado. O que era secundário em 1968 é, hoje, tão prioritário quanto os demais objetivos da pós-graduação - a formação de profissionais altamente qualificados para o mercado de trabalho. Para estes os cursos de especialização são indispensáveis.”

Tentei discutir a questão de fundo, a de ser a pós-graduação um refinamento das habilitações da graduação. LOBO discute a formalidade de se conseguir isso: será via mestrados, doutorados ou tudo isso com ênfase especial para as especializações?

Outro ponto é o problema das vocações das instituições.

“Em resumo, parece haver um consenso em torno da soma de três condições para que uma Universidade seja uma Universidade: produção de conhecimento, transmissão e aplicação. Não são os numerosos prédios que

dizem se uma reunião de escolas é uma Universidade. Não é a existência de diferentes áreas do conhecimento que a conceituam; não é o ensino, dito superior, que a caracteriza. O que parece consenso é que uma Universidade deva SOMAR condições, ser um centro de produção de conhecimento e através do ensino e pesquisa formar seus quadros de pesquisadores, formar os profissionais de que a sociedade necessita e também os educadores do 1º, 2º e 3º graus de ensino; aplicar a "ciência que produz ao ensino que efetiva..." (11, p.13 2).

Mas tudo é possível, junto e de uma só vez? LEITE LOPES (8) responde:

"Uma Universidade terá assim necessariamente institutos de pesquisa básica, institutos de ciência aplicada e pesquisa tecnológica e faculdades de formação profissional. Nela poderão ainda integrar-se escolas de ensino técnico de nível superior. Mas se a Universidade se tornar muito grande, será mais difícil a eficácia do seu funcionamento. Poderíamos, assim, propor que se criassem, além das Universidades, e fora das Universidades, institutos universitários de tecnologia ou escolas superiores de formação de técnicos... (p.105). Por que deveriam existir Universidades, com a mesma estrutura e idênticas escolas de formação, em todos os cantos do Brasil?... (p.106).

## PRODUTIVIDADE ACADÊMICA E VOCAÇÃO INSTITUCIONAL

Como se define o bom uso do tempo? CASTRO (2, p.32) responde:

"Entre aulas, pesquisa, administração, extensão e aplicações práticas, tem que ser negociado o uso do tempo dos professores. É preciso, ad limine, redefinir as vocações de cada unidade. O que vem a ser produção docente em cada caso? De um físico teórico espera-se que publique nos melhores periódicos do mundo. O que se espera de um arquiteto? Que escreva ou que faça bons projetos? Espera-se um bom recital de um músico ou mais um ensaio sobre um dos 56 compositores da família Bach? Engenheiros devem fazer engenhos ou dissertar sobre eles? Um parecer jurídico importante é menos produção do que um ensaio sobre Direito Romano? Ajudar uma escola da comunidade pode ser mais da vocação de um departamento de educação do que escrever ensaios sobre teorias da moda. É preciso redescobrir uma pesquisa menos patensiosa mas que possa ser útil e respeitável. A tradução de novas teorias ao nível dos alunos ou sua aplicação do cotidiano deve ser estimulada. A idéia de prestação de serviços à comunidade vem se revelando como uma possibilidade interessante"...

Assim caminhamos. Na confrontação de saberes. Na confrontação de fazeres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BRASIL. Conselho Nacional de Pós-Graduação, II Plano Nacional de Pós-Graduação. Brasília, 1980. In: SAMPAIO, Roosevelt P. Pesquisa na Pós-Graduação: como compatibilizar uma exigência. **Forum Educ.** Rio de Janeiro, **8(4)**:12-20, out./dez. 1984.
- 2- CASTRO, Cláudio M. Quem vai consertar a Universidade? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8(16)**:32, 1986.
- 3- DURHAM, Eunice R. A. Universidade e as demandas da sociedade. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8(17)**: 23, 1986.
- 4- FAGUNDES, José. A função social da Universidade medida pela extensão. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8(17)**:103-111, 1986.
- 5- GUERRA DO FOGO, A (Quest for fire). Direção Jean Jacques Annaud. França, 1981. 125 min. (video).
- 6- JAMIL CURY, C.R. A pós-graduação e a nova lei de diretrizes e bases. **Em Aberto**, Brasília, **7(38)**:56, abr./jun. 1988.
- 7- LEITE, Ligia C. M. Programas para uma nova Universidade: como, porque, para quem? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8(19)**:101-112, 1987. (Esse excelente texto arrola os principais documentos de pós-graduação).
- 8- LEITE LOPES, J. Reflexões sobre a Universidade. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **7(15)**: 103-112, 1985.
- 9- LOBO E SILVA FILHO, Roberto L. Mestrados, doutorados e especializações. **Folha de São Paulo**, 12 ago. 1988.
- 10- NADAI, E. & NEVES J. **História do Brasil**. 1- Brasil Colônia (1º Grau). São Paulo, Saraiva, 1988, 136p.
- 11- OLIVEN, Arabela C. et. alii. Universidade Brasileira: - indústria do conhecimento ou consciência das comunidades? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8(19)**, 1987.
- 12- SALES, Ivandro C. Universidade e sociedade: como resgatar suas principais relações? **Educação em Debate**, Fortaleza, (11), 1-13, jan./jun. 1986.

## ABSTRACT

MOSTAFA, Solange P. The post-graduation seeks the fire of knowledge. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, **1(1)**: 13-23 jan./apr. 1989.  
 In a colloquial way, the author analyses the relations between theory and practice referring to the undergraduate and graduate courses. The images of the filme "Quest for fire" were used for the analogies.

## KEY WORDS:

University, science and technology theory and practice.

## PESQUISAS... PARA QUE?

Romário A. Mello\*  
PUCAMP (Biologia)

### RESUMO

MELLO, Romário A. Pesquisas... Para que? **Trans-in-formação**. Campinas, PUCAMP, 1 (1): 25-28, jan./abr. 1989.

O desenvolvimento da pós-graduação no Brasil está a merecer reflexão quanto às condições para alcançar seus objetivos em termos qualitativos e quantitativos. Há necessidade de os responsáveis pelo governo conscientizarem-se do papel desses cursos na formação de pessoal e na produção de conhecimento e de tecnologia, meio para o país sair da condição de sub-desenvolvimento.

#### UNITERMOS:

Pós-graduação, Pesquisa, Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Nosso Brasil é geralmente citado como um país em desenvolvimento. Esta expressão sugere o esforço e o desejo de uma nação de vir a gozar de um livre arbítrio pleno e de infra-estrutura técnico-científica que lhe permita gerar e gerenciar tecnologia, em alto nível. Ressaltamos que esta tecnologia deve estar direcionada para proporcionar independência do país em relação aos países desenvolvidos tanto política como técnico-cientificamente. A expressão técnico-científica deve ser entendida em termos de aquisição de recursos materiais, humanos e financeiros. A falta ou mesmo a precariedade de qualquer um desses recursos gera dependência. Portanto, desta abordagem chegamos à conclusão que não existe país totalmente desenvolvido e independente, mas sim nações mais ou menos desenvolvidas.

Nos últimos anos, a pós-graduação tem merecido cuidados especiais do governo brasileiro. Sente-se a preocupação de atender à quantidade sem aviltar a qualidade, e muito louvável tem sido esta prudência governamental. A necessidade de elevação dos padrões de ensino superior adequados ao esforço nacional não sofre discussão. Entretanto, aparece mais como um sentimento vago do que como resultado de uma racionalização do problema do desenvolvimento nacional. Se há tempos é sentida a carência e um número cada vez maior de profissionais altamente preparados, cada vez mais integrados em todos os setores da atividade brasileira, só muito recentemente e de modo impreciso se tem encarado o problema fundamental da formação profissional. É indiscutível que esta formação, a exemplo do que se faz nos países desenvolvidos é uma tarefa específica dos cursos de pós-graduação.

A existência no País de cursos de mestrado e doutorado de alta qualidade será um celeiro de professores para as universidades. Infelizmente, há uma confusão enorme relativa ao assunto. Cursos de extensão profissional são chamados de pós-graduação por serem feitos por alunos já graduados. A tendência de busca de prestígio e de fundos leva as universidades, mesmo as mais despreparadas, a iniciarem cursos ditos de pós-graduação, pulverizando recursos e dando ensejo a demagogias de toda espécie. Não obstante as medidas tomadas pelo governo, é preciso cuidado no reconhecimento destes cursos - cultivando a qualidade - pois esta deve prevalecer, para que se possa adquirir tradição, respeito e prestígio internacionais. Cursos de mestrado inaceitáveis ao doutorado em universidades estrangeiras representam preciosa perda de tempo e de dinheiro para a Nação.

A definição dos objetivos dos verdadeiros cursos de pós-graduação é bastante clara e precisa nos documentos básicos expedidos pelo Conselho Federal de Educação. Apesar disso, algumas grandes falhas se apresentam em sua realização: a primeira é, sem dúvida, o afastamento desses objetivos, mediante uma interpretação meramente semântica, segundo a qual são considerados como cursos de pós-graduação todos aqueles que são feitos após a conclusão do curso universitário; a segunda falha é o desnível existente, em geral, entre o curso universitário e os cursos de pós-graduação, criando a necessidade de medidas de adaptação da maioria dos candidatos e tornando mais difícil o recrutamento de boas vocações. Outra falha é a falta de recursos não só materiais, como sobretudo humanos.

Esta limitação do elemento humano cria um verdadeiro círculo vicioso, pois a correção dessa dificuldade tem que ser obtida através de resultados dos próprios cursos, que são a origem do pessoal docente e das equipes de pesquisa de que depende o desenvolvimento do ensino pós-graduado. É preciso, porém, resistir à tentação de querer acelerar o processo pelo expediente de reduzir o tempo e exigir menos dos candidatos a mestre e a doutor. Trata-se da formação de uma elite e nesses casos o objetivo fundamental é a qualidade, ficando a quantidade condicionada à manutenção do nível. Para isso, é imperativo considerar a imprescindibilidade de tempo e de ambiente propício. Mesmo no caso de alunos de alta capacidade de apreensão, um tempo mínimo de formação deverá ser imposto.

Que é pós-graduação? Em que ela difere da escola superior? Sucesso na graduação significa necessariamente sucesso na pós-graduação? Muitas vezes estas perguntas são feitas e não é fácil respondê-las, porque a transição do trabalho do nível de escola superior para o trabalho de pós-graduação é quase sempre gradual. É possível, entretanto, definir as diferenças entre educação graduada e pós-graduada.

A pós-graduação tem como seu principal objetivo o treinamento de cientistas, professores e pesquisadores: homens e mulheres que não vão apenas transmitir o conhecimento existente, mas vão contribuir ativamente

para aprofundar tais conhecimentos através da pesquisa, de análise e da crítica. Tais pessoas devem ter antes de tudo, espírito crítico; devem ser treinadas em métodos de pesquisa e totalmente familiarizadas com os conhecimentos existentes em um campo específico. Devem também adquirir experiência em ensino de pós-graduação, pois em sua maioria os doutores se tornam professores universitários.

Assim, à medida em que vão passando da escola superior à pós-graduação os alunos vão sentindo que a ênfase na educação vai se deslocando da aprendizagem de fatos para uma escala mais importante que consiste em interpretá-los e analisá-los. Os exames começam a ser menos estereotipados, de maneira que os alunos têm de usar habilidades críticas para resolver problemas, não podendo limitar-se mais a reproduzir o que aprenderam em apostilas ou livros-textos. Há menos exames ou provas e muito mais trabalhos de pesquisa com consulta.

Sempre que possível, é importante incentivar a formação de mestres no País, desencorajando a ida para o exterior de quem não tenha obtido um grau de pós-graduação no Brasil, em qualquer modalidade profissional. Evita-se assim, que na primeira etapa o estudante se forme fora da conjuntura nacional, o que conduz, às vezes, à formação de profissionais frustrados, que dificilmente se integram no ambiente brasileiro, por melhor que tenha sido seu preparo no exterior.

Mesmo para os que forem treinar no exterior, após o mestrado, deve haver uma ligação com uma instituição nacional que acompanhe e oriente seus estudos, para evitar que se produzam profissionais especializados em campos de atividades para os quais ainda não existem recursos e ambiente de trabalho.

No Brasil, não obstante o intenso progresso iniciado recentemente, há também uma grande quantidade de problemas a resolver. A par dos problemas peculiares, alguns são semelhantes aos dos países desenvolvidos. Deve-se impedir que se faça pós-graduação desordenadamente, sem bibliotecas e com professores inexperientes e que as teses não passem de relatório de circulação interna.

Assim, evidentemente é a busca de uma infra-estrutura técnico-científica a responsável pela constante aquisição de conhecimentos. Essa busca de conhecimentos requer recursos humanos especializados, quer os de nível superior orientados para a pesquisa, quer os preparados para as diferentes atividades de apoio em níveis diversos.

As universidades são as responsáveis pela formação dos profissionais que, após um curso de graduação, entram em um curso de pós-graduação cuja finalidade é suprir o mercado de especialistas, direcionados para a pesquisa científica e tecnológica. A finalidade desses profissionais deve levar ao crescimento do país. No entanto, a maioria das teses pelos seus próprios títulos não devem estar levando ao crescimento do país, mas sim

servindo a interesses de classes que tiram proveito dessa não independência tecnológica de nosso país, cujo objetivo fundamental é o lucro.

Torna-se evidente que para os nossos agentes governamentais a pesquisa técnico-científica é sempre onerosa e deve ser reduzida ao mínimo. Mas esquecem-se que a falta de tecnologia disponível, leva o próprio país a importar tecnologia e a pagar um alto preço por isto. Lembramos também que na falta de tecnologia disponível o sistema empresarial a adquire de onde quer que possa ser encontrada, mesmo do exterior, e isto é ruim pois perdemos um local de aproveitamento de trabalho para brasileiros.

Assim chegamos a conclusão que além da necessidade de profissionais altamente especializados a pesquisa científica e tecnológica mostra-se como um das atividades mais onerosas, pois, muitas vezes, exige laboratórios superequipados, equipamentos caríssimos e, embora a pesquisa seja indispensável para o desenvolvimento da sociedade, nem sempre os resultados vem na forma de retorno imediato do capital empregado. Mas devemos ressaltar que a única forma de sairmos da condição de país em desenvolvimento para uma nação mais desenvolvida será através de melhores recursos e de um direcionamento melhor para as nossas pesquisas, fazendo com que elas visem soluções de problemas brasileiros, que saiam de um aspecto puramente acadêmico para alcançar a sociedade brasileira, o povo brasileiro.

Devemos portanto compreender que o homem brasileiro é o recurso em que mais se deve investir. É, entretanto, angustiante observar-se a enorme distância que separa a percepção da realização prática deste anseio.

## BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, H.G. DE CASTRO, E. M. DE & OLIVEIRA, C. C. de **Desenvolvimento no Brasil e nos Estados Unidos da América**. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Energia Nuclear, 1971.
- CUNHA, L. A. O lugar da escola superior particular: contribuição parao debate. **Educação Brasileira 6**: 15-27, 1982.
- SIMPÓSIO SOBRE TECNOLOGIA. **Anais**: São Paulo, Fundação da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, 1979. (Publicação Aciesp nº 18).

## SUMMARY

MELLO, Romário A. Researches... What for? **Trans-in- formação** Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 25-28, jan./abr. 1989.

The development of post-graduation in Brazil needs reflection concerning the conditions to reach its objectives in qualitative and quantitative terms. The govern needs to attain for the role of post-graduation courses in the personal formations and in the knowledge and technology production.

### KEY WORDS:

Post-graduation, personal formation, knowledge, technology.

## PÓS-GRADUAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA: A QUESTÃO DA AUTORIA

Geraldina Porto Witter  
PUCCAMP/USP

### RESUMO

WITTER, Geraldina P. Pós-graduação e produção científica: a questão da autoria. *Trans-in-formação*, Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 29-37 jan./abr. 1989.

Na decisão quanto a atribuição de autoria da produção científica gerada nos cursos de pós-graduação devem ser consideradas as variáveis: responsabilidade pelo projeto, envolvimento nas várias fases e produção, condições de realização, papéis do orientador, do professor e do aluno.

A produção científica de um país está muito relacionada com a atuação dos cursos de pós-graduação, quer pelo fazer científico dos mesmos quer pelo seu papel na formação de pesquisadores que irão atuar em outras entidades universitárias, ou não. Seu produto é relevante inclusive como veículo para a mudança da dependência para a interdependência científica, tecnológica e, conseqüentemente econômica e política. Justifica-se assim a preocupação com a análise, a avaliação, a reflexão em torno da produção dos referidos cursos (23). Desta preocupação tem surgido elementos, estudos e posicionamentos distintos envolvendo ora aspectos mais amplos, ora aspectos mais específicos.

De fato, muitos são os temas que merecem pesquisa e debate mais amplo no que tange à produção científica dos cursos de pós-graduação. Pesquisas na área podem fornecer elementos preciosos para a reflexão, a definição de estratégias políticas, a reformulação dos cursos. O crescente interesse pela avaliação do ensino superior, como vem ocorrendo no Brasil poderá, ser aplicado à produção científica e a outros aspectos dos cursos de pós-graduação, gerar elementos para a melhoria tanto qualitativa quanto quantitativa de sua produção.

Entre os muitos aspectos que envolvem a produção científica e que têm suscitado tomadas de posições contraditórias há um que, embora frequentemente debatido, raramente tem se convertido em texto impresso, viabilizando uma discussão mais ampla. Trata-se da questão da autoria.

A produção científica oriunda de um curso de pós-graduação concretiza-se predominantemente sob a forma de livros, teses, dissertações, artigos

publicados em revistas especializadas, podendo também aparecer como resumos em anais de congressos e de encontros similares (4).

Quem ou quais são os autores destes trabalhos? São docentes e alunos, embora predominantemente os levantamentos feitos sejam incompletos especialmente no tange aos alunos, posto que as instituições nem sempre têm um registro ou controle do que os mesmos publicam enquanto alunos. A discussão se coloca predominantemente em quem é o autor em trabalhos envolvendo professores e alunos e mais especificamente orientadores e orientandos.

Muitos destes trabalhos são de autoria de um só autor o qual, quer por motivação pessoal envolveu-se isoladamente em sua produção, quer por que esta condição é uma exigência institucional estabelecida legalmente para o trabalho(5). Assim, de um professor que elabora sua tese de livre-docência, ou trabalha em seu projeto de pesquisa vinculado ao seu regime de trabalho (ainda que conte com auxiliares de pesquisa) é exigida a apresentação de um produto final de sua autoria. É verdade que dependendo do tipo, variedade de dados e do nível de participação dos auxiliares, poderão surgir outras análises, outras comparações e, nestes casos, dependendo do nível de colaboração dos auxiliares estes poderão até mesmo aparecer em situação, de co-autores ou colaboradores, em trabalhos secundários decorrentes de dados não assimilados no relatório principal.

Outros trabalhos resultam de projetos realizados conjuntamente por dois ou mais professores do curso. Se em um deles alguém empenhou-se mais, teve maior responsabilidade pelo produto, então, seu nome deve aparecer em primeiro lugar vindo os demais como colaboradores. Todavia, se o nível de responsabilidade foi o mesmo, então, a ordem dos autores deve ser alfabética, ficando implícita a co-autoria. De qualquer forma, o crédito de publicação deve ser atribuído a todos. Aliás, é mesmo em certas circunstâncias mais valorizável a publicação em grupo, equipe ou por vários autores do que a de autor isolado. Isto é índice de linhas de pesquisa institucionalmente estabelecidos, de grupos de pesquisadores voltados para a mesma problemática, garantindo a continuidade as investigações mesmo com o afastamento de um ou mais deles da entidade.

A questão que se coloca é quanto a autoria nas situações em que a atuação ou participação de cada elemento não está claramente delineada. Isto ocorre com trabalhos realizados dentre as exigências de créditos nas disciplinas, especialmente quando resultam de pesquisa. Esta atividade pode ser realizada com graus diversos de participação docente e discente. Depende deste grau a autoria a ser computada às pessoas envolvidas.

Certamente, a proposição feita aqui poderá não agradar a todos, mas parece plausível, justa e tem sido empregada por muitos, inclusive pela autora do presente texto, ao longo de sua vida acadêmica, quer na graduação, quer na pós-graduação.

Quando o professor solicita um trabalho teórico ou de revisão da literatura, via de regra oferece o tema, às vezes faz algumas proposições de análise e de bibliografia básica, ponto de partida. Ao aluno (ou alunos) compete ir além na busca de referencial, na organização da informação, na produção do texto. Espera-se que o docente dê a assistência devida, tire dúvidas, reorientar o discurso, funcione como elemento de apoio e de sugestões. Que exerça mesmo o papel de "colega-crítico", como em um colégio invisível, sua responsabilidade não deve, especialmente nos cursos de pós-graduação, limitar-se à avaliação final do trabalho. Ela vai além, implica em fornecer ao aluno as pistas necessárias para melhorar o texto até que alcance condições de publicação se este alvo for estabelecido, se o tema e seu tratamento tiverem sido condizentes. Assim, por mais que a supervisão e a assistência docente tenha sido de grande ajuda para o(s) aluno(s) não lhe será atribuída qualquer autoria no trabalho, ela é de inteira responsabilidade dos que o concretizam. O crédito atribuível ao professor deve aparecer em nota de rodapé, indicativa de sua assistência e de que o trabalho integrou as exigências da disciplina por ele ministrada. A autoria é dos alunos, o professor cumpriu apenas seu papel de mestre.

Quando a tarefa implica em uma pesquisa, individual ou em grupo, o quadro já não é tão simples. Se o docente apenas oferece o tema, ou sugere, tendo por base o programa, dá a orientação teórica-metodológica; acompanha seu desenvolvimento modelando os discursos dos alunos, até o produto ter atingido o nível de publicação, o trabalho que executa é o esperado de um bom professor, faz parte de suas funções pedagógicas. Portanto, o crédito que merece diz respeito ao ministrar bem, eficiente e produtivamente a matéria pela qual se responsabilizou. O mérito de publicação científica deve ser atribuído ao(s) aluno(s). Espera-se que, até por uma questão de ética, seja feita uma menção ou acrescentado um agradecimento, em nota de rodapé, ao docente, podendo mesmo incluir menção ao curso. Ex.: "Trabalho apresentado no curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, na disciplina Aprendizagem e Informática do IP/USP, ministrada pelo Dr. Adail V. Castilho, em 1987" (7, p. 53).

Todavia, a pesquisa realizada dentro de uma disciplina pode ser uma atividade programada pelo professor, ou mesmo por um grupo de professores ou pelo Departamento. Os alunos podem participar em níveis diferentes, ora como auxiliares de pesquisa, ora envolvendo-se profundamente nas várias atividades, até mesmo na redação final. No primeiro caso, fazem juízo a um certificado e, dependendo de sua atuação, poderão mesmo receber um crédito em forma de agradecimento público, em rodapé que complementarmente a publicação do trabalho. Pode ser usada a mesma estratégia empregada para atribuir créditos a outras pessoas. Quando o envolvimento de professores e alunos ocorre no mesmo nível todos podem ser considerados como co-autores e a ordem alfabética deve ser mantida na apresentação dos autores,

como em trabalho assinado por Araújo (1) e demais responsáveis pela pesquisa: "Conceito de pesquisa: um estudo exploratório comparando perspectiva de pesquisadores e de leigos". Na hipótese do professor assumir a maior parte de trabalho e os alunos atuarem como colaboradores o nome do mesmo aparecerá em primeiro lugar.

Pelo exposto, o produto científico de pesquisa realizada como parte de trabalho acadêmico em uma dada disciplina poderá ser de autoria exclusiva de docente ou de aluno, tanto quanto colaboração e co-autoria entre ambos, dependendo de quanto cada qual partilhou do trabalho.

Outra questão problemática diz respeito à autoria das dissertações e teses quando se transformam em artigos e mesmo livros. Implícita nesta questão está toda a rica e complexa relação orientando-orientador, em que ambos desempenham inúmeros papéis. Esta relação e estes papéis estão estabelecidos formalmente, quanto a alguns aspectos burocráticos, nos regimentos dos cursos, mas nem sempre de maneira perfeitamente precisa, clara. Além disso, ela comporta aspectos psicossociais, políticos, ideológicos e outros que dificilmente poderiam aparecer explícitos nos documentos legais que norteiam um dado curso. A isto se acresce que são duas personalidades distintas que articulam seu saber-fazer-poder visando alvos comuns mas que também se diferenciam em aspectos relevantes. O orientador pretende que seu orientando venha a ser um cientista com os melhores predicados esperados para tal função, espera que o segundo busque esta mesma posição com perseverança, dedicação, criatividade e criticidade. Isto requer mais do que informação, exige aprendizagem de atitudes, de valores, modificação do comportamento. O orientador é co-responsável pelo conceito administrativo e público do curso em que atua, bem como pela produção científica dele emergente, incluindo a própria produção e a de seus orientandos, esperando-se ainda que colabore com seus colegas nas pesquisas que conduzem ou como especialista com quem se discute do planejamento à redação final, que se disponha a fazer as necessárias leituras de seus pré-textos, e até sugestões as mais variadas. Ele próprio deve estar engajado em uma linha de pesquisa que partilha com colegas e orientandos em busca do conhecimento de uma realidade.

Ao longo de uma linha e de programas de pesquisa o orientador pode ter infinidade de questões, de hipóteses que gostaria de pesquisar, bem como outras tantas de áreas conexas a que chegou por conta de seus dados e de suas reflexões. A amplitude de vida de um pesquisador por si só é insuficiente, assim, sabe que não disporá do tempo necessário para pesquisar mais do que algumas destas questões. Transferi-las e ajudar seus orientandos a ir em busca destas respostas é uma estratégia útil e compensadora pois através dela o orientador poderá satisfazer sua própria curiosidade e estimular o desenvolvimento da área de seu interesse. Daí em diante, se o aluno assume desde o planejamento, o produto final deve ser considerado

de sua autoria, não apenas a dissertação ou tese, mas também os artigos diretamente dela derivados. Ao orientador e ao curso, serão atribuídos os créditos de orientação e de condições básicas para a realização do trabalho. Estes créditos podem aparecer na Apresentação ou Prefácio quando se tratar de um livro ou em nota quando o suporte da informação for uma revista ou outro meio eletrônico computacional.

Evidentemente, é obrigação do orientador auxiliar, ensinar, discutir o trabalho de seu orientando em seus múltiplos aspectos, isto não o torna coautor, mas apenas o faz assumir o papel do colega mais experiente, do membro de um "colegiado invisível" que fornece apoio, que viabiliza o diálogo entre pares. O trabalho é de seu orientando e como tal deve ser visto e vivenciado pelo orientador, sem assumir-lhe a paternidade, por maior que seja seu envolvimento com o mesmo. Mais ainda, é preciso que cuide para seu relacionamento pessoal, especialmente afetivo, com seu orientado, não complique o quadro de sua participação como juiz crítico do trabalho que o mesmo realiza ou realizou.

Quando o orientador assume o trabalho de seu orientando como seu próprio, pode acabar por não dar margem suficiente para o desenvolvimento do outro, pode perder a perspectiva crítica para ser o primeiro interlocutor para seu orientando, pode ser perdida com isto até mesmo a condição para uma melhor produção. Além disso, ao longo dos muitos anos e participando de mais de 400 bancas e comissões examinadoras em que um orientador é quem conduz os trabalhos, quando ele assume o produto como seu, às vezes, perde a percepção das restrições e críticas que estão sendo feitas, outras vezes, as assimila como sendo uma crítica a sua pessoa e não ao que seu orientando produziu, pode perder de vista a relatividade e fluidez do momento de julgamento, permitir que a dimensão afetiva pertube a cognitiva. Também durante o processo de orientação pode assumir posturas dogmáticas, incompatíveis com as atitudes científicas, forçando o orientando a ler os dados e a própria literatura através de seu filtro pessoal, de sua ótica, sem dar-lhe oportunidade para elaborar sua própria interpretação, para fazer sua própria leitura. Em lugar de abrir um espaço para o outro ler/escrever/falar e depois dialogar, o orientador corre o risco de monologar ou, o que é pior, impor o seu discurso ao outro, não como sugestão mas como a única interpretação aceitável, mesmo quando outra é a ótica do orientando. Certamente, em algumas áreas esta situação é bem mais crítica, é o que ocorre quando se focaliza a área das chamadas ciências humanas onde o controle de pesquisa, a metodologia, a complexidade das variáveis, as restrições de generalização, as margens de erro, entre outros aspectos viabilizam leituras e releituras distintas e até mesmo antagônicas quando os parâmetros da ciência não são adequadamente observados.

Certamente, nenhum orientador pretende conscientemente contribuir para o quadro descrito no parágrafo anterior, mas mesmo sem estar ciente,

poderá incorporar o trabalho do orientando como se fosse seu. Pode não fazê-lo com todos, mas pode agir assim especialmente com aqueles que estiverem concretizando aquela pesquisa que ele gostaria de fazer, até mesmo cuja "idéia passou" ao seu pupilo. Aqui uma constante auto-avaliação e aplicação de estratégias e técnicas de auto-administração comportamental poderão ser de utilidade(6).

Mesmo sem dispor de dados precisos, com a vivência acumulada de orientação de cerca de 200 trabalhos de pesquisa, também cabe lembrar aqui que a interação orientando-orientador nunca é igual. Esta vivência pessoal mostrou-se peculiar, sendo distinta em cada caso. Embora deva haver padrões frequentes que caracterizam o modo de agir do orientador em relação aos seus orientandos, também deve haver flexibilidade para adaptar-se às características comportamentais de cada um, modo a obter o melhor para o desenvolvimento deles. Mais ainda, entre ambos permeia o próprio desenrolar da dissertação ou tese, envolve-os o contexto científico, político e ideológico do curso, bem como da vida privada de cada um, sem falar nas influências da comunidade científica e da sociedade como um todo. Sob o impacto destas variáveis e do próprio processo de orientação e das mudanças, sutis ou não, na interação orientando-orientador é que se chega ao produto científico. Como e quanto cada um se envolve com o produto varia mas, certamente, o produto é do orientando e assim deve ser visto e sentido pelo orientador por maior que seja sua contribuição. Portanto, o trabalho será publicado em nome do aluno.

Dentro desta gama de variação o orientador vai encontrar orientandos que poderão requerer mais auxílio, orientação e mesmo modelagem de resposta e no planejamento, outros na coleta, outros na análise e outros ainda na redação. Alguns poucos considerarão cada etapa como "a mais difícil", "aquela para a qual se sentem menos capacitados", sendo que uns podem mesmo encontrar-se despreparados para todas elas. Não importa, cabe ao orientador ir detectando as limitações de formação e de habilidades, indicando leituras complementares, cursos paralelos, programando atividades para suprir estas limitações. Se outros alunos poderão beneficiar-se de uma mesma programação ela poderá institucionalizar-se sob a forma de disciplinas, seminários, cursos de extensão, colóquios, vivências. Um balanço conjunto das necessidades de seus orientandos, feito pelos orientadores em grupo, poderá fornecer base para um bom planejamento de estratégias e programas que subsidiem seu trabalho, sem que tenham que "dar aulas particulares" ou "assumir o trabalho do orientando". Estas estratégias podem facilitar o devido distanciamento entre o orientador e o produto científico que seu orientando está produzindo.

Neste quadro, complexo muitas vezes, especialmente na interpretação ou na redação, orientador pode ter uma atuação demasiado presente, até mesmo no reelaborar, no reescrever partes do discurso de seu orientan-

do. Mesmo quando isto ocorre o trabalho de base ainda é de seu pupilo e como tal deve ser considerado.

Há ainda uma circunstância que merece alguma menção aqui. Muitas vezes é difícil a nível institucional e mesmo para orientadores discriminar níveis de produção científica distintas como o de dissertação e teses. Isto tende mais facilmente a ocorrer quando a instituição só dispõe de curso de mestrado, ou tem apenas iniciado o programa de doutorado, e os orientadores têm pouca experiência de trabalho ou de participação de exames nos dois níveis. A situação pode levar a solicitar do mestrando aquela produção que o doutorando deveria estar produzindo. Nestas circunstâncias, por um descompasso entre alvos não claramente definidos, quer para o orientando, quer para o orientador, quer para a instituição, muitos riscos podem ser corridos. Entre eles a do orientador tendendo a fazer solicitações de respostas em níveis em que seria de esperar no doutorado, poderá tender a assumir o trabalho de seu orientando, mais do que o devido, negando-lhe o tempo e o espaço necessário para seu crescimento pessoal. Certamente, em um parágrafo não se pode sequer enunciar toda a complexidade da questão, as divergências de concepção de pós-graduação, de avaliação, entre outros tópicos subjacentes. Assim, aqui apenas houve o intento de apontar para mais uma variável que pode influir na de um sentimento de autoria no caso do orientador, quando de fato, ele não teria direito a tanto.

Pelo exposto até aqui fica patente que as dissertações e teses são produto científico da autoria dos orientandos os quais quando as transformam em livros ou artigos de revistas também devem aparecer como autores individuais. Os créditos de orientação nas publicações devem ser devidamente mencionados, mas sem se atribuir co-autoria ou colaboração.

Todavia, há situação em que dos trabalhos do tipo aqui enfocado podem surgir publicações em co-autoria ou em colaboração. Isto pode ocorrer desde a tradução de obras consideradas básicas e que levem ambos a investir neste trabalho de forma equitativa, visando a facilitação do labor de outros, até a artigos distintos. Neste último caso, pode-se ter uma pesquisa paralela ou mesmo pré-requisito ou pré-teste da tese em que ambos trabalharam conjuntamente. Também pode ocorrer da pesquisa que serviu para a dissertação ou tese comportar um volume razoável de dados (ou sub-produtos) não diretamente pertinente aos seus objetivos e que trabalhados e analisados conjuntamente por orientando e orientador poderá servir de base para um artigo distinto dos decorrentes diretamente do discurso defendido para a obtenção do título. Aqui, dependendo da atuação de cada um, o trabalho poderá vir à luz como colaboração ou co-autoria. Outra possibilidade está em se dispor de um volume muito grande de dados e de viabilidade de análises e cruzamentos que tornariam a dissertação demasiadamente longa e dispersa. Neste caso, pode o mestrando optar por fazer outras análises e cruzamentos de dados, explorar de outro ângulo do que obtido, após a defe-

sa. Se o trabalho foi feito apenas por ele, bastará constar em nota que os dados foram colhidos como parte da dissertação ou tese, em tal curso, sob a orientação do Dr. X. Caso orientador e orientando se empenhem conjuntamente nesta atividade poderá novamente emergir um trabalho de co-autoria ou em colaboração. De qualquer forma, como a base de dados, a pesquisa básica é do orientando a este cabe a tomada de decisão quanto a participação ou não do orientador no que tange à autoria.

Evidentemente a questão da autoria da produção científica em um curso de pós-graduação é afetada também por outras variáveis que não foram aqui enfocadas. Entre elas podem ser lembradas as pressões para aumento da produção (de CAPES, CNPq, Reitoria e da própria comunidade); a avaliação da produção; as necessidades pessoais e as características de personalidade dos produtores; a filosofia, a política e a ideologia em que se apoia o curso; a estrutura psicossocial e de poder nele vigente, entre outros.

No âmbito das poucas páginas aqui apresentadas seria inviável focar esta multiplicidade de variáveis. Apenas foram apontadas algumas informações e vivências que viabilizam uma proposta para base de tomada de decisão na questão da autoria da produção científica dos cursos de pós-graduação. Em síntese, a decisão implica em uma adequada discriminação das tarefas de orientar e de produzir; do estabelecimento de critérios para definir quando o envolvimento é a nível de orientação, colegiado de apoio, colaboração e co-autoria; a transparência e clareza destes critérios deve ser partilhada por todos os envolvidos; a análise das circunstâncias e níveis de participação carecem de pesquisa; a decisão envolvendo autoria de alguns trabalhos pode ser partilhada pelos envolvidos, em outros parece não haver o que discutir, em outros ainda, cabe apenas ao orientando. Evidentemente, é preciso estar sempre aberto a rever estas posições especialmente à luz de pesquisas que venham a ser feitas na área, particularmente as envolvendo a relação orientando-orientador-produto científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Franca M.B.G. de; WITTER, Geraldina P.; MARTINS, Ledenice S.; RIBEIRO, Marciana L. & GIACOMETTI, Maria M. Conceito de pesquisa: um estudo exploratório comparando perspectivas de pesquisadores e leigos. **Estudos de Psicologia**, 5(1):56-73, 1988.
2. BERLINQUET, Louis. Science and technology for development. **Science**, 213(4):1073-76, 1981.
3. HARRISON, Anna J. Reflections on current issues in science and technology. **Science**, 215(2): 1061-63, 1982.
4. KATZ, Michael J. **Elements of the scientific paper**. London, Yale University Press, 1985.

5. LIPP, Marilda E.N.; SOUZA, Denise A.P. de; OLIVEIRA, Nione T.A. & OLIVEIRA, Luis Carlos. Pesquisa e publicação: os fatores motivacionais dos docentes de pós-graduação em psicologia no Brasil. **Estudos de Psicologia**, 5(1): 5-38, 1988.
6. STUART, Richard B. **Behavioral self-management**: strategies techniques and outcome. New York; Brunner/Mazel Publ., 1977.
7. WITTER, Carla. Atitudes de professores e alunos de 1º grau quanto ao uso do computador na escola. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 6(12): 53-64, 1987.

## SUMMARY

WITTER, Geraldina P. Post-graduation and scientific production: the question of authorship. **Trans-in-formação**, Campinas, PUCCAMP 1(1): 29-37 jan./abr. 1989.

Concerning the decision about the authorship attribution of the scientific production of the post-graduation courses the following variables must be considered: responsibility by the project, involvement in the various phases of the production, conditions for the realization, papers of the adviser, of the teacher and of the pupil.

### UNITERMOS:

Pós-graduação, pesquisa, produção científica e autoria.

### KEY WORDS:

Post-graduation, research, scientific production and authorship.

## INVESTIGACIONES EN INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EN ESPAÑA

*Emília Currás*

Academica, Directora del Gabinete de Documentacion Científica, Facultad de Ciências de la Universidad Autonoma de Madrid.

### RESUMEN

CURRÁS, Emília. Investigaciones en inteligéncia artificial en España. **Trans-in-forma-ção**. Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 41-49, jan./abr., 1989.

Se inicia el trabajo con una introduccion en la que se exponen unos breves principios sobre las bases fundamentales de la "inteligencia artificial". Se trata de emular la inteligencia humana para ayudar al hombre en su quehacer diario. Una base de conocimientos - base de datos -, unas reglas - motor de inferencia - y un "sistema experto" - herramienta o estructura de programacion y una computadora son los componentes de la "inteligencia artificial".

En España se trabaja desde los años 70, ocupando un lugar pionero y destacado. Los temas mas destacados son: gestion empresarial, gestion bancaria, lectura de periodicos diarios, prevision de daños por inundaciones, historiales clinicos, tratamiento de imagenes de satelites, cartografia, tratamiento de textos en lenguaje natural y area educativa y vision artificial y oprónica. En lo referente a las propias ciencias de la documentacion - ciencia de la de información - se realizan investigaciones en la construcción de thesauros y en la gestión de bases de datos. Se colabora con el programa ESPRIT.

### RESUMO

CURRÁS, Emília. Investigaciones en inteligéncia artificial en España. **Trans-in-forma-ção**. Campinas, Puccamp, 1 (1):41-49, jan./abr., 1989.

Começa o trabalho com uma introdução na qual se expõem uns breves princípios sobre as bases fundamentais da "inteligéncia artificial." Trata-se de estimular a inteligéncia humana para ajudar o homem no seu trabalho diário. Uma base de conhecimentos - base de dados -, umas regras - motor de inferéncia e, um "sistema especializado - ferramenta ou estrutura de programação e um computador são os componentes da "inteligéncia artificial."

Na Espanha trabalha-se a matéria desde os anos 70, ocupando lugar pioneiro e destacado. Os assuntos mais em destaque são: gerências empresarial e bancária, leitura de jornais, previsão de danos por enchentes, história clínica, tratamento de imagens de satélites, cartografia, tratamento de textos em linguagem natural, área educacional, visão artificial e oprónica. No referente às próprias ciências da documentação - ciência da informação - realizam-se investigações na construção de thesauros e na administração de base de dados. Colabora-se com o programa ESPRIT.

Unitermos:

Inteligência artificial, programação, pesquisa.

## PROEMIO

En la evolución de la ciencia y la técnica hemos llegado a un momento en el que los hombres están queriendo emular su propia naturaleza e intentando construir máquinas llamadas "inteligentes" que actúan imitando los procesos que tienen lugar en su cerebro durante las etapas de elaboración de pensamiento. Todo con la intención de comprender y conocer en su ansia de sabiduría el mundo que les rodea, siempre atractivo y siempre misterioso. Así pues, aquí están esas máquinas y sus programas de trabajo que Mác-syma denominó "inteligencia artificial" para llamar la atención de los investigadores y científicos de diversas ramas del saber humano. Desde luego consiguió su propósito, aunque no la rapidez en su desarrollo que hubiera deseado. Desde aquellos primeros sistemas DENDRAL para los compuestos químicos y HERSAY hasta finales de los años setenta y quizá también hasta nuestra década de los ochenta no se realizaron ni grandes estudios ni grandes aplicaciones.

En los últimos cinco años, desde 1983 aproximadamente, se han llevado a cabo la mayor parte de las investigaciones en este campo, tanto a nivel internacional como dentro de España. Cada vez se encuentran más campos de aplicación y nos ofrecen la ventaja de hacernos los quehaceres diarios más simples y sencillos, tanto si son de trabajo cotidiano como de esparcimiento. La dificultad, la complicación, el estudio, la investigación sobre la "inteligencia artificial" queda para los informáticos, los sociólogos, los matemáticos, los lingüistas, los químicos... Ellos son los que tienen bajo su responsabilidad la forma de conseguir que aquellas máquinas y sus programas de trabajo lleguen hasta el resto de los seres humanos.

## INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y SISTEMAS INFORMÁTICOS

La inteligencia artificial fue definida por Wiston como el estudio de las ideas que permiten al ordenador realizar acciones que hacen al ser humano parecer inteligente... Esta irónica definición de una medida exacta, sin embargo, de lo que puede suponer la investigación en inteligencia artificial... Hay que estudiar el funcionamiento del cerebro en un proceso de elaboración del pensamiento. Conociendo su funcionamiento parece que con construir un programa, o serie de programas lógico-matemáticos, se puede llegar a emular, o al menos a imitarlo y hacer aparecer a las máquinas realmente inteligentes, es decir, capaces de elaborar por sí mismas una línea de pensamiento y responder, o dialogar con un interlocutor humano. Sin embargo la cuestión no es tan sencilla, porque el ser humano, pese a todos los intentos para reducirlo a un conjunto de simples relaciones físicas y químicas, lleva en sí mismo un grado de imprevisión, motivado por su propia idiosincrasia

y la influencias del medio en que se ha ido desarrollando, de forma que una misma pregunta no es contestada de la misma manera, ni siquiera por dos personas de la misma edad, de la misma ciudad, y de la misma formación educativa... Por tanto, elaborar un sistema que satisfaga las demandas de preguntas de un conjunto de seres humanos, no puede ser tan simple.

Una de las características de la inteligencia artificial es manejar datos representados por símbolos, en un proceso lógico abierto, para lo cual, sobre una base de conocimiento - vocabulario propio del tema sobre el que se trabaja - debe aplicar unas reglas, llamadas de inferencia o motor inferencial, por medio de las cuales se van buscando las respuestas y las preguntas a modo de diálogo hombre-máquina, que constituyen los sistemas de interfaz o interfaces máquina-usuario.

En todo este proceso aparece el **sistema experto**, como una herramienta, una estructura de programación capaz de almacenar y utilizar, usando las técnicas informáticas, algún tipo de conocimiento sobre una determinada área de la ciencia.

Por medio de los sistemas expertos el hombre puede adquirir conocimiento, considerando este como acumulación de saberes. Esto eleva el grado de desarrollo de su cerebro, producido por los impactos de información que consciente o inconscientemente, recibe del exterior. Por tanto aumenta su estado de inteligencia, lo que repercute en una elevación de su cultura, sea cual sea el ambiente en que desarrolla su actividad vital. No importa, ni la zona, ni el clima, ni las condiciones sociales en que viva el ser humano. De todo esto se puede deducir que los sistemas expertos conllevan en sí mismos una característica ontogénica, quizá, fundamental para el desarrollo del ser humano en su futuro discurrir por el proceso existencial, tanto como individuo, que como especie.

Se trata, por medio de los sistemas expertos, de una nueva manera de acceder al conocimiento del mundo que nos rodea. Traducido en términos sencillos será un proceso de adquisición, elaboración y asimilación de información para us inmediato en tiempo real, o en tiempo diferido.

Asimismo, los sistemas expertos nos ayudan a conllevar entre todos los individuos de la especie humana, la transformación que está sufriendo la humanidad y que nos conduce a nuevas formas de vida asociada.

Todo esto supone que las investigaciones sobre construcción y aplicaciones de sistemas expertos constituyan áreas de prioridad. Tema en el que España ocupa puestos de avanzada, junto con otros países europeos.

## LAS INVESTIGACIONES EN ESPAÑA

Desde principios de los años sesenta se está investigando en España sobre la inteligencia artificial, y sobre la construcción y aplicación de sistemas expertos.

Las investigaciones se centraron principalmente en las universidades, comenzando por el Centro de Cálculo de la Universidad Complutense de Madrid y la Facultad de Informática de la Universidad Politécnica, igualmente en Madrid. En el primero se trabajaba sobre el tratamiento del lenguaje natural en español con vistas a la traducción automática, tan importante ahora por su entendimiento en la Comunidad Económica Europea. En la segunda se empezó trabajando, precisamente sobre la formación y acceso a bases de datos, lo que suponía también el tratamiento del lenguaje y de textos.

A lo largo de los años setenta surgieron nuevos focos de investigación. Citemos entre ellos la Facultad de Informática de la Universidad Politécnica de Cataluña, la Facultad de Informática de San Sebastián, el Centro de Investigación de U.A.M.-I.B.M., formado por la Universidad Autónoma de Madrid y la empresa IBM, el Instituto de Robótica del Consejo Superior de Investigaciones Científicas en Madrid y el Instituto de Cibernética de La Universidad de Barcelona...

Se trabajaba principalmente en la construcción de prototipos en fase experimental, y seguía siendo el tema principal el tratamiento del lenguaje natural para procesamiento de textos. También se trabajaba en la aplicación de la lógica difusa y la visión por "computadora" con aplicaciones en robótica. Hoy se habla de óptica o optoelectrónica.

En nuestra década de los años ochenta se ha intensificado notablemente la investigación en la inteligencia artificial y sistemas expertos. El Gobierno crea una Dirección General de Electrónica e Informática dependiente del Ministerio de Industria y Energía. De esa Dirección General se deriva una Subdirección General de Tratamiento de la Información. Hacia 1984 se empieza a trabajar en coordinación con el programa ESPRIT-European Strategic Programme for Research and Development in Information Technology de la Comunidad Económica Europea.

Este programa ESPRIT está dedicado a la ciencia de la información. Se trata de identificar los descriptores, añadir algunos otros que completen su significado y elaborar un sistema experto para determinar la estrategia de búsqueda con un motor de inferencia. Supone ser un sistema documental completo que cubre las etapas que discurren desde una demanda de información hasta la confección de la respuesta. El propio sistema es capaz de crear nuevos descriptores y construir su propio thesauró.

Por su parte el Ministerio de Educación y Ciencia crea el "área de conocimiento Inteligencia Artificial." Así se da pie a que se funden cátedras y profesores titulares para impartir enseñanzas sobre ese área de conocimiento. Como consecuencia se crea el Instituto de Ciencia de la Computación y la profesora Titular de Ciencia de la Computación e Inteligencia Artificial de la Universidad Politécnica de Madrid. Este Instituto ha adquirido un EXPLORER para utilizarlo en una serie de proyectos y realizar estudios sobre el uso del lenguaje natural. Utiliza el programa Capra, que es un sistema

inteligente para introducir conceptos en la base de conocimientos. Muy recientemente está usando el programa Florian que concierne al desarrollo del lenguaje para sistemas de lenguaje artificial.

La Cátedra de Automática de la Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales, igualmente en la Universidad Politécnica de Madrid, que había sido creada con bastante antelación, se incorpora a estos trabajos de investigación estudiando sistemas de "fabricación flexible." También por estos años se crea el "Grupo de Trabajo en Ciencia Cognoscitiva" de la Universidad Politécnica de Cataluña que trabaja en la adquisición y representación del conocimiento utilizando el enfoque de lógica difusa.

La época de principio de los años ochenta es la que corresponde a la llamada "etapa de experimentación" con vistas a la comercialización, por eso aparecen en la escena empresas privadas. Entre ellas las pioneras son IKERLAN de la ciudad de Mondragón (Guipuzcoa) que investiga asimismo sobre sistemas de fabricación flexible e INTERSOFTWARE S.A. que lo hace sobre la lectura de periódicos. Su sistema experto se diseña para que el programa **reconozca hechos**, en lugar de documentos.

Para las estrategias de recuperación de información se utiliza el sistema EXPERT. Consiste este sistema en ir haciendo preguntas al usuario y confeccionar menús. Sobre ellos se dialoga con el usuario para darle explicaciones y sugerirle nuevas estrategias de búsqueda. Entre las bases de datos conocidos que emplean este sistema se puede citar a ERIC para el área de educación y parece que da buenos resultados.

## LA ETAPA RECIENTE

Desde el momento en que la investigación en inteligencia artificial se ha visto apoyada por el Gobierno Central y los Gobiernos autonómicos, las iniciativas en lo referente a temas de estudio y creación de centros e instituciones han aumentado considerablemente, siguiendo la corriente internacional que se encuentra ya en la fase de comercialización y movimiento de dinero.

A nivel universitario se incorporan al escenario de investigación la Universidad Politécnica de Las Palmas de Gran Canaria, que encamina sus trabajos preferentemente hacia estudios de visión artificial, concentrándose en investigaciones biológicas, especialmente sobre la estructura y funcionamiento de la retina. También se incorpora el Grupo de Inteligencia Artificial del Instituto de Investigación Tecnológica de la Universidad de Comillas y el Departamento de Programación en Computadoras de la Facultad de Informática de la Universidad Politécnica de Cataluña. Este último grupo está trabajando en un generador automático de interfaces en lenguaje natural para aplicación a un sistema de consulta a una base de datos bursátil. Desde el punto de vista de las Ciencias de la Documentación — ciencia de la información

– es importante porque incluye una base de datos bibliográficos.

En la Facultad de Informática de San Sebastian se intensifican los trabajos de investigación, que se centran en los estudios sobre un sistema experto de urgencia medica y que incluye una amplia base e datos sobre historiales clínicos consultables en línea. Asimismo en esta Facultad investigan sobre un sistema experto, dentro del proyecto CAPRA.

Por estos años se trabaja en la Universidad Politécnica de Cataluña sobre entornos de logical (software) para aprendizaje, en el sistema CLEAN-DATA y en la Facultad de Informática de Madrid se estudia la construcción de un sistema experto para su aplicación en la previsión en tiempo real de daños por inundaciones.

En el Centro de Cálculo de la Universidad Politécnica de Cataluña y conjuntamente con el Departamento de Cartografía de la Generalitat de Cataluña llevan algun tiempo investigando sobre sistemas expertos aplicables en cartografía.

Por su parte en el Centro de Investigación U.A.M.-I.B.M. estan ocupandose del tratamiento de imagenes de satelites e imagenes biológicas. Aqui se incluye la creación de una base de datos.

En octubre de 1985 se creo el Centro de Estudios Avanzados de Blanes dependiente del Consejo Superior de Investigaciones Cientificas en Barcelona, donde se está terminando un sistema interactivo de ayuda a la clasificación y generación de thesauros.

FUINCA - Funcación para el Fomento della Información Automatizada – está poniendo a punto el Proyecto EGERIA que consiste en un sistema experto para informar a los usuarios de las relaciones entre las distintas entidades que afectan a la industria de bases de datos: distribuidores, editores, canales de comunicación, administración y sistema informativo.

Con vistas a la próxima exposición mundial, que se celebrará en Sevilla en 1992, la Compañía Telefónica Nacional de España está estudiando un sistema de información general que lleva su sistema experto propio.

Son ya muchos los científicos que se ocupan de estos temas y han sentido la necesidad de agruparse para mantenerse en contacto e informados. Como consecuencia ha surgido, en los últimos años, asociaciones como AEPIA - Asociación Española para la Inteligencia Artificial, AEIA - Asociación Española de Informática Y Automática y la Sociedad Española para el Procesamiento del Lenguaje Natural.

En la línea de desear mantener informados estos profesionales han organizado varias reuniones en estos últimos tiempos, de las que destacamos la Primeras Jornadas de Inteligencia Artificial para Bases de Datos, celebrada en octubre 1985 en Blanes (Barcelona), cuyas actas han sido publicadas en catalan; Segundo Simposio Internacional del Conocimiento y su Inge-

neria, que tuvo lugar en Madrid, en abril de 1987. También en ese mismo mes y en Madrid se celebraron las Segundas Jornadas de Inteligencia Artificial. Pocos días después tuvo lugar, igualmente en Madrid, la jornada sobre Vision Artificial, donde se expusieron los trabajos que se llevan a cabo por un grupo de científicos de las facultades de Matemáticas y de Psicología de la Universidad Complutense. En Santander, en junio-julio de 1987, en la Universidad Internacional Menéndez Pelayo se ha estructurado un programa de un Seminario sobre Sistemas Expertos y sus aplicaciones. Para 1988 la Facultad de Informática de la Universidad Politécnica de Madrid ha organizado un "Tercer Simposio Internacional de Conocimiento y su Ingeniería" con proyección internacional, donde se tratarán los recientes y cuestiones sobre estos.

## NOTA FINAL

Todos estos estudios sobre inteligencia artificial, visión artificial o computacional y los sistemas expertos que ello conlleva, conducen a la humanidad a una nueva visión de la ciencia. Sigue interesando el mundo situado en nuestro mesocosmos, en el que confluyen el macrocosmos y el microcosmos; pero la atención se centra, como si fuese subitamente en el interior del hombre, en su propio cerebro y en todas sus funciones. Interesa conocer como es capaz de elaborar líneas de pensamiento en un proceso de raciocinio lógico, coherente, para intentar construir máquinas "inteligentes". Asimismo interesa conocer como se realiza el sistema visual en todo su detalle para intentar emularlo, o imitarlo con máquinas llamadas de "visión artificial".

El tipo e funcionamiento que consigue la modulación y reproducción de voz, con todos sus registros de diferentes frecuencias de ondas, es estudiado cuidadosamente para poder dialogar con la máquina en diferentes idiomas y socavar así los cimientos de nuestras torres de Babel. Y todo eso está en las manos de los hombres.

Hoy por hoy y resumiendo, las investigaciones se centran en las áreas de futura e inmediata aplicación siguientes:

- área de gestión de personal (en una empresa);
- área de gestión de comercialización;
- área económico-financiera: gestión bancaria (España);
- área educativa y de formación (España);
- previsión de daños por inundaciones (España);
- área jurídica
- programa EGERIA (España) de gestión de bases de datos para la documentación - ciencia de la antormación, con referencias bibliográficas y documentales:

- área de construcción de elementos auxiliares:
    - tesauros, (España)
    - catálogos, índices:
  - área sanitaria - historiales clínicos - (España)
  - traducción automática con tratamiento de lenguaje natural (España);
  - cartografía (España);
  - visión artificial (España).
- El campo es amplio y promete un futuro optimista.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- BROOKES, B.C. Information sistema for the information society. IRFIS 6, Frascati, Italy, 16-18 sept. 1985.
- 2- CORTÉS, Y. y otros. Implementation d'un sistema de recerca difusa dins d'una base de dados bibliografica. IN PRIMERAS JORNADAS DE INTELIGENCIA ARTIFICIAL PARA BASES DATOS, Barcelona, 17-18 oct. 1985.
- 3- CUENA, J. Los sistemas basados em el conocimiento integrados con sistemas de informacion en tiempo real: dos ejemplos. In: PRIMERAS JORNADAS DE INTELIGENCIA ARTIFICIAL PARA BASES DE DATOS, Barcelona, 17-18 oct. 1985.
- 4- \_\_\_\_\_. Modelos de razonamiento y metodologia de construction en sistemas expertos. In: SEMINARIO SOBRE SISTEMAS EXPERTOS Y SUS APLICACIONES, Santander, Universidad Internacional Menendez Pelayo, 29 jun. - 03 jul. 1987.
- 5- CURRÁS, E. **La información en sus nuevos aspectos: ciencias de la documentación.** Madrid, Paraninfo, 1988.
- 6- ENRIQUES, C. **Bases de datos españolas: un analisis critico de los problemas de sus desarrollo.** Madrid, FUINCA, 1987.
- 7- FERNANDEZ RIOS, L. y BUELA CASAL, G. **Educación de la inteligencia: posibilidades y limites.** Madrid, Organización de los Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura - O.E.I., 1988.
- 8- FERNANDEZ TELIECHEA, J. A. Sistemas expertos para analisis de perturbaciones en redes electricas. In: SEMINARIO SOBRE SISTEMAS EXPERTOS Y SUS APLICACIONES. Santander, Universidad Internacional Menendez Pelayo, 29 jun. 03 - jul. 1987.
- 9- FUINCA: Sistema experto para las bases de datos. **Fundesco**, 70 (3), 1987.
- 10- GEBHARDT, F. Querverbindungen zwisohen Information-Retrieval und Experten-Systemen. **Nachr. f. Dokum.**, 36(6): 255-266, 1986.
- 11- JAÑEZ ESCALADA, L. Inteligencia artificial: algunas aplicaciones practicas. **Fundesco**, 67 (4), 1987.
- 12- KOLLOQUIM ÜBER INFORMATION UND DOKUMENTATION, 15. "Wissenvermittlung, Informatik, Spitzenleistungen". Ilmenau, 2-6 nov. 1987.
- 13- INTELIGENCIA artificial para la gestión de datos. Madrid, FUINCA, s.d.

- 14- LANZA SUAREZ, L. La utilizacion de sistemas expertos en consultoria informatica. In: SEMINARIO SOBRE SISTEMA EXPERTOS Y SUS APLICACIONES. Santander, Universidad Internacional Menendez Pelayo, 29 jun. 03 jul. 1987.
- 15- LOPES DE MANTARES BADIA, R. Modelos de razonamiento aproximado para sistemas expertos. In: PRIMERAS JORNADAS DE INTELIGENCIA ARTIFICIAL PARA BASES DE DATOS. Barcelona, 17-18 oct. 1985.
- 16- PHILIP, H. & YOUNG, E.S. Man-Machine interaction by voice: development in speech technology. Part I: The state-of-the-art. *J. Inf. Sci.*, **13**(1): 3-14, 1987.
- 17- \_\_\_\_\_. Man-Machine interaction by voice: development in speech technology. Part II: General applications and potencial applications in libraries. *J. Inf. Sci.* **13**(1): 15-24, 1987.
- 18- ROS, F. La inteligencia artificial três años despues. *Fundesco*, **67** (2), 1987.

## SUMMARY

Currás, Emília. Researches on artificial intelligence Spain. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, **1**(1): 41-49, jan./abr. 1989.

The work starts with an introduction in which some brief principles on the fundamental basis of artificial intelligence. The subject deals with stimulating the human intelligence to help man in his daily affair.

A basis of knowledge - data basis -, some rules - inference motor - and an "expert system" - programming tool or structure and a computer are the components of "artificial intelligence". In Spain people have been working on this area since the 70's taking up a leading and pioneering position. The most popular subjects area: management, banking management, newspaper reading, forecasting of flood damages, clinical descriptions, processing of satellite images, cartography, text processing in natural languages, and educational field and artificial and optical eyesight. In relations to documentation sciences themselves - information science - researches have been done in thesauri building and in data basis management. Contribution has also been made with the ESPIRIT program.

### Key words:

artificial intelligence, programming, research.

## ARTIGOS CIENTÍFICOS E TRANSINFORMAÇÃO: pré-requisitos para publicação

Dinah Aguiar Población \*  
PUCCAMP/ECA-USP

### RESUMO

POBLACIÓN, Dinah A. Artigos científicos e Transinformação: pré-requisitos para publicação. **Trans-in-formação**, Campinas, PUCCAMP, 1(1): 51-64, JAN./ABR. 1989.

A produção de artigos científicos por autores - jovens que ingressam na carreira de pesquisador ou profissionais mais experimentados - está diretamente relacionada com a capacidade de geração de conhecimentos. O sucesso do processo de comunicação poderá ser garantido pela valorização dos canais informais utilizados na fase de pré-publicação e pelos processos de interação entre os pesquisadores. Da mesma forma são apresentadas as normas editoriais aceitas pela comunidade científica para apresentação de artigos e para a produção de periódicos técnico-científicos brasileiros.

#### UNITERMOS:

Produção científica, Normalização.

### INTRODUÇÃO

A considerável apreensão da comunidade científica com a "crise da informação" leva-nos a refletir sobre o papel da comunicação entre produtores e consumidores da informação.

Há mais de 320 anos os pesquisadores consideravam, como enorme sobrecarga, a atualização dos conhecimentos através da comunicação oral e da correspondência com os colegas. Essa constatação criou condições para a formalização da comunicação informal propiciando assim, o nascimento dos documentos científicos. Consequentemente para divulgá-los surgiu a publicação periódica, sendo que a primeira iniciou-se em Paris em 5 de janeiro de 1665, com o título de **Journal des Scavans**.

Embora nestas últimas décadas, o emprego de novas tecnologias apresentem formas alternativas para a divulgação das diversificadas atividades de pesquisa, no entanto, ainda hoje é o artigo de periódico que se destaca visivelmente entre os vários tipos de comunicação científica. No final da década de 70, GARVEY (14; p.7) mostrava a evolução dos meios de disseminação da informação e, baseando-se nos estudos realizados por MENARD em 1971 (21), destacou os três tipos de fontes mais utilizadas para divulgar e recuperar informação: os **artigos de periódicos**, que aumentam

em proporção geométrica a cada 50 anos, desde 1750; os **"abstracts"** a partir de 1860, na mesma proporção a cada 30 anos, época em que eram publicados aproximadamente 300 periódicos científicos; e a **indexação computadorizada** crescendo desde 1949, em proporção semelhante a cada 10 anos.

Esse incrível esforço que caracteriza a dinâmica da comunidade científica, deve também ser compartilhado pelos profissionais da área de informação. Eis porque, não só os bibliotecários/docentes - membros da comunidade acadêmica - devem contribuir para consolidar a análise e interpretação desses avanços, mas principalmente os profissionais que atuam no competitivo mercado de trabalho.

O estudo científico, da natureza das atividades executadas no dia-a-dia pelos profissionais da informação, embora relevante é recente no Brasil. Eis porque a tendência para descrever os fenômenos que tem sido observados, por estudiosos da ciência da informação, nas bibliotecas e centros de documentação - desde que sejam considerados como "novas descobertas" - devem ser estimulados através de artigos ou comunicados em eventos. É necessário que fique patente o reconhecimento das contribuições válidas que devem ser incorporadas ao corpo de conhecimento da área de informação. Da mesma forma a expectativa é de que essas investigações possam ser conduzidas de modo científico e trilhar a sequência das etapas do fluxo de informação. Assim, o "criador da idéia", só alcançará a credibilidade científica, se os seus resultados forem aceitos e criarem o impacto desejável na comunidade. Esse ponto crucial já está começando a ser atingido pelos profissionais da área de informação. Tal fato promissor transparece por meio de atitudes adotadas e reconhece-se que assemelham-se àquelas por meio de atitudes já incorporadas ao comportamento dos investigadores das demais áreas do conhecimento.

Eis porque deve ser estimulada a integração dos profissionais das várias áreas, cujas atividades estejam relacionadas com a informação. Certamente resultará em experiências, que devam ser divulgadas de acordo com os padrões científicos. No entanto, convém refletir sobre as motivações que os levariam a adotar tais atitudes; quais as ações que mereçam ser priorizadas com investigações mais assíduas; qual o tipo de comunidade que deve ser atingida com essas pesquisas e principalmente uma profunda reflexão sobre os canais de comunicação mais adequados. Essa preocupação é necessária para garantir o "feed-back" imprescindível ao autor.

Com essas preocupações os docentes do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP sentiram a necessidade de abrir novos caminhos e criar um canal transdisciplinar. O público alvo de TRANS-INFORMAÇÃO está definido: estudiosos e pesquisadores que têm interesse na informação como fator de produção, operador de ações nas áreas de Biblioteconomia, Comunicação, Jornalismo, Editoração, Administração, Com-

putação, Psicologia, Sociologia, Educação, Linguística entre outras.

Assim, os autores - jovens que ingressam na carreira de pesquisadores ou profissionais mais experimentados - dispõem de um novo veículo, que objetiva divulgar a produção daqueles que investigam e analisam os fenômenos que ocorrem em todos os campos do conhecimento, nos seus aspectos relacionados com a informação.

Aos profissionais que desejam se manter atualizados é oferecida uma publicação periódica que lhes proporciona uma dupla solução: seleciona a literatura interdisciplinar com a informação relevante relacionada aos seus interesses, para poderem informar-se e, induz a utilização dos processos informais e de mecanismos adequados para a assimilação e síntese, os quais lhes propiciarão um comportamento crítico para transformar através da TRANS-IN-FORMAÇÃO.

Considerando-se os diferentes estágios de experiência, em que se encontram os consumidores e produtores da informação, constata-se que muito do que é publicado deve ser filtrado para garantir a qualidade. Para os jovens pesquisadores que desejam integrar as redes de permuta de informações, sugere-se que na revisão de fatos e de conceitos procurem fazer reflexões de ordem filosófica sobre a realidade social, não perdendo de vista os problemas da comunidade. É necessário adequar a realidade à satisfação dos usuários reais ou potenciais do sistema, avaliar o volume de produção, fluxo utilizado pelos produtores dos canais informais de comunicação, os tipos de documentos formais gerados, as opções administrativas e técnicas de armazenagem pelos processos manuais e automatizados, bem como a eficiência e a eficácia dos instrumentos de disseminação de informação.

Com essas percepções procura-se atingir não somente os profissionais que atuam aplicando conhecimentos teóricos e fazem inovações na administração de serviços, mas principalmente aqueles que conduzem pesquisas, aos que atuam na área de ensino, quer em instituições públicas ou privadas, produzindo conhecimento científico-tecnológico com vista a torná-lo força produtiva nas várias áreas.

## FASE DA PRÉ-PUBLICAÇÃO E DOS COLÉGIOS INVISÍVEIS

O sistema de conhecimento está relacionado diretamente com o próprio processo de produção e, justamente essa capacidade de gerar, constitui a maior força para expandir a base cognitiva das '**novas ciências**' intrinsecamente relacionadas com a '**informação**' e conseqüentemente com "**transformações**".

Muitos autores usualmente selecionam os canais adequados considerados como mais eficientes para maximizar a disseminação da informação contida no seu trabalho. No entanto, outros desconhecem as etapas de planejamento que antecedem a publicação de um artigo. É bom lembrar que é

conveniente produzir artigos, a partir dos resultados alcançados provenientes da **descoberta científica**. No entanto, a publicação deve ser precedida da fase de pré-publicação. Na prática, esse processo de produção configura-se quando um trabalho está considerado **terminado** ou quando uma pesquisa chega a **algum resultado**. Assim, o investigador entra em um processo de ansiedade para ver o seu trabalho publicado e, esquece-se que o original poderá não ser aceito pelos editores de um determinado periódico se não se ajustar à linha editorial, às normas e aos padrões de qualidade, os quais são garantidos pelo filtro proporcionado pelo nível do corpo editorial.

Para que o autor possa superar essas barreiras, ele deve não só estar inserido no contínuo fluxo de informação, mas manter-se em estado de alerta, percorrendo todas as etapas previstas para depuração das prováveis informações irrelevantes. Essa fase de avaliação ocorre antes da publicação e normalmente efetiva-se durante o processo de comunicação informal, em geral por ocasião dos eventos, através dos contatos com colegas e com outros profissionais.

Esse grupo social certamente fará o controle sobre o produto apresentado como **inovação ou novas descobertas**. Assim, permitirá que sejam avaliadas as informações lógicas e pertinentes, visando contribuir para a formulação de novos conceitos ou teorização. A integração de dados conceituais extraídos da literatura, além da observação empírica proporcionada pelas atividades do dia-a-dia, certamente demanda um longo período de elaboração. É isso que garantirá a qualidade da contribuição a ser submetida ao espírito crítico da comunidade. Consequentemente o grupo social interessado nas formulações advindas das experiências bem sucedidas, terá oportunidade de compreender, verificar, aproveitar, reproduzir ou ampliar as informações, desde que elas sejam apresentadas de acordo com os padrões exigidos pelo canal de comunicação. Considerando-se a comunicação informal como uma das etapas da pré-publicação, onde as contribuições são reformuladas ou aprimoradas através do processo de interação com seus pares, é desejável que essa etapa seja vencida antes que o autor transforme a contribuição em documento a ser submetido à comunicação formal, isto é, em artigo de periódico. Essas preocupações são descritas por GARVEY e col. (15; p.205) como resultado de pesquisa realizada com 12.000 cientistas que relataram suas experiências, como autores de artigos, desde a fase inicial do trabalho até a publicação. Nessa população foi encontrado um grupo correspondente a 10% de autores que iniciaram o seu trabalho 5 anos antes da publicação, porém a média de autores utiliza 28 meses, dos quais 13 meses são aplicados para completar o trabalho e 15 meses correspondem ao período em que os resultados são interpretados e discutidos informalmente com grupos de colegas interessados nos mesmos problemas. Os autores experimentados, que estão familiarizados com pesquisas, segundo GARVEY e col. (15; p.206) dispendem aproximadamente 2 meses e meio

para **completar** o trabalho, isto é, submeter os resultados ao grupo de especialistas; 5 meses para preparar o original e geralmente devem aguardar 7 a 8 meses para a publicação em algum periódico, conforme o aval fornecido pelo corpo editorial (referees).

Esses procedimentos, peculiares a comunidade que valorizam os padrões de comunicação científica, devem ser considerados pelos pesquisadores. Ainda hoje, para atingir o **status** de autor, necessita-se de um tempo adequado para a fase da comunicação informal caracterizada pela pré-publicação (discussão com colegas **pré-prints**) apresentação em colóquios ou eventos (comunicações) consolidação em relatórios técnicos ou científicos, defesas de dissertações ou teses e outras formas não convencionais. Essa fase considerada como pré-requisito é confirmada ao longo dos anos como essencial e reconhecida pelos pesquisadores desde o século XVII - era que foi caracterizada como o Século de Ouro - intercâmbio de informações entre os cientistas ampliava-se e evoluiu para a fase formal, culminando com a criação do periódico científico.

Assim, a transformação da pré-publicação em documento formal (artigo de periódico) está na dependência de algumas variáveis. Existem peculiaridades de acordo com as características das áreas do conhecimento (humanas, biológicas ou exatas) e dependem principalmente do nível de experiência do autor e do grau de prestígio que ele goza entre seus pares. A participação nos "**colégios invisíveis**" de acordo com os conceitos reintroduzidos em 1963 por PRICE (26), garantem um "**status**" aos participantes, que obtêm informações "**quentes**" além de estarem assegurando a alguns autores a formalização de documentos para cumprir com a exigência acadêmica do "**publish or perish**". Enquanto que as comunicações do domínio informal, nem sempre são transformadas pelos autores em publicações formais. Percebe-se, no entanto, que os iniciantes não se expõem ao crivo dos "**referees**" ou avaliadores e por isso pretendem garantir apenas a existência, atuando dentro dos padrões rotineiros, procurando não arriscar-se a "**publish and perish**".

Par transformar esse "**status quo**" evidencia-se a importância da participação dos profissionais em eventos e em grupos de trabalho, na assiduidade aos cursos de especialização objetivando a educação continuada e principalmente aos cursos de pós-graduação em "**stricto sensu**". Esses mecanismos reforçarão e ampliarão os "**colégios invisíveis**", pois, como LYON (20; p.49) adverte, eles não devem ser caracterizados como forças sinistras mas sim como um amplo grupo de especialistas que atua com a participação de líderes e de "**gatekeepers**".

## FASE DA PUBLICAÇÃO

Para garantir a eficácia dos resultados é necessário desenvolver in-

investigação **pari passu** com a participação da comunidade interessada. Assim, evita-se a deficiência de comunicação entre gerador ou transmissor e o usuário como receptor.

O domínio da filosofia, da sociologia, da psicologia e de outras áreas correlatas, além das técnicas que garantem o fortalecimento do fluxo de informação, tão enfatizado por ARAÚJO (3), constituem as razões necessárias, embora não sejam suficientes para permitir a melhoria da qualidade de assimilação e para facilitar a evolução dos processos de consumo da informação.

Assim, os autores quer como produtores, interessados na divulgação do seu produto final, quer como consumidores importantes de uma enorme quantidade de informação - que permitirá a retroalimentação de novas investigações - deverão obter consenso na escolha do canal de divulgação o qual deve caracterizar-se por uma maturidade suficiente para resolver os desafios que se lhe apresentam.

No último decênio, o **Scientific Information Committee of the Royal Society** da Inglaterra vem estudando a razão da função de novas revistas científicas. Os resultados apresentados por ROWLAND (29) mostram que a maior razão para a criação de um novo veículo é a falta de um canal de divulgação rápida para a matéria especializada. Note-se que as pressões são exercidas pelos autores e não pelos leitores. No entanto, em revisão publicada por KRONIK (17), apesar do depoimento de consideráveis autores sobre os problemas de custo, na aquisição de periódicos, dos efeitos do empréstimo entre bibliotecas, dos direitos autorais e da visão futurista do período impresso pelo sistema eletrônico foi comentado também o expressivo "Índice de 87% dos artigos publicados em periódicos técnicos e científicos técnicos não serem lidos e que muito poucos artigos técnicos publicados em periódicos técnicos são lidos mesmo pelos cientistas - a não ser pelo próprio autor, pelos co-autores e seus amigos mais íntimos, além dos alunos do autor-docente" (p.267).

Isso nos leva a alertar os produtores e consumidores da informação sobre as características das publicações periódicas (4,5) e sobre o valor do instrumento fundamental da normalização (1). Com essas precauções é justificável o investimento de tempo e de recursos aplicados na pesquisa e na elaboração do **original** a ser submetido à publicação. A indisponibilidade desses elementos pode configurar como uma limitação na dimensão dos vários processos: produção, armazenamento, recuperação e disseminação.

### PRODUÇÃO DO PERIÓDICO: normas editoriais

O período como parte integrante do circuito previsto pela UNISIST (35) e inserido no sistema de comunicação da informação tem sido de-

finido na vasta literatura (2, 6, 7, 11, 16) como sendo a publicação editada a intervalos regulares, por tempo indeterminado. Essa definição pressupõe que o editor do periódico determine a estrutura de publicação (7, 33, 34, 35) a sua periodicidade e que programe o volume em fascículos ou números com uma paginação contínua. Com paginação numerada separadamente do conteúdo propriamente dito encontra-se: capa, anúncios, prefácios, folha de rosto, se houver, e os índices dos fascículos.

As principais seções das publicações periódicas, conforme "**Normas para editoração de periódicos técnicos e científicos**" (7), apresenta-se de um modo geral com o seguinte arranjo:

- 1) editorial;
- 2) artigos originais;
- 3) artigos de atualização ou revisão;
- 4) notas e comunicações;
- 5) resumos bibliográficos, resenhas;
- 6) índices de autor e assunto.

Recomenda-se que cada fascículo ou número apresente as fichas Catalográficas de cada artigo, picotadas e destacáveis, para facilitar o arquivo pessoal dos consumidores de informação.

A capa deve trazer os elementos obrigatórios de identificação: além do título (de preferência específico) é obrigatório incluir o número do volume, do fascículo, data, menção sobre o índice do volume ou índice cumulado e a abreviatura do título do periódico, além do ISSN (Internacional Standard Serial Number).

Embora na prática esses critérios sejam adotados de acordo com o bem senso, no entanto, existem normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas\* que podem ser consultadas:

- NBR 6021 - Apresentação de publicações periódicas - Procedimento. (Antiga NB-61/78 ainda em vigência).
- NBR 6024 - Numeração progressiva das seções de um documento - Procedimento. Publicada em 1980 (Corresponde à antiga NB-6978).

As normas \* recomendam para os editores:

1. **Formato:** que sejam normalizados em uma das dimensões:

21 cm x 28 cm: 16 cm x 23 cm ou 18 cm x 27 cm.

Embora a ABNT recomende o formato A4 (21 x 29,7 cm) os técnicos argumentam contra a perda no corte do papel com 1,7 cm a mais.

\* A coletânea de Normas da ABNT deverá ser publicada em fevereiro de 1989 substituindo as Normas Brasileiras publicadas em 1978 pelas NBRs, das quais algumas foram publicadas em 1980, de acordo com a aprovação recebida mediante a votação dos sócios da ABNT.

Deve ser evitada a mudança no formato do periódico e em caso de absoluta necessidade, isso deverá ocorrer somente no início do novo volume.

2. **Composição gráfica do conteúdo:** o texto deve ser composto em duas colunas e as referências bibliográficas acompanharão a mesma disposição em coluna, com a composição corpo 8.

As referências bibliográficas deverão apresentar uniformidade de acordo com as normas adotadas em cada área da especialidade, no entanto, recomenda-se a ABNT (atual NB-66/1978 e futura NBR-6023).

**Os artigos** devem ser publicados na íntegra, isto é, evitando-se a fragmentação. Isso ocorrerá se o autor apresentar o original em partes, devendo nesse caso serem idênticas no título dos próprios artigos, podendo variar o subtítulo.

**A legenda bibliográfica** é impressa na página inicial do artigo de modo simplificado: título da revista abreviado, volume, páginas do artigo e ano. A referência bibliográfica completa do artigo aparecerá na parte superior de cada página.

O **Índice**, termo defendido por BECKER (9;p.271) embora denominado de **Sumário**, conforme norma da ABNT (NB-85/1978 e 6027 publicada em 1980) revista em julho de 1986, diferencia-se do - **Índice de publicações** - Procedimentos. Enfim essa "relação por menorizada de títulos com a indicação do número das páginas respectivas" (9;p.278) será impressa em português/inglês, páginas subsequentes. Pode-se optar para registrar essas informações bilingües, apresentando separadamente cada relação em um idioma.

## APRESENTAÇÃO DO ARTIGO CIENTÍFICO

As reflexões apresentadas por um número representativo de autores e relatores, ou "**referees**" de publicações científicas, conforme firma CASTRO (10;p. VIII) levou-o a apresentar uma publicação com o objetivo de discutir várias técnicas e procedimentos para elaboração de trabalhos científicos onde "a originalidade não está na forma mas sim no conteúdo" (p.1). É importante que o autor saiba que vai apresentar um discurso científico e como tal deve atingir uma audiência de pessoas inteligentes.

Assim, procurou-se condensar a orientação para redigir o original de um artigo, que inicialmente foi apresentado como pré-publicação, nas várias modalidades da comunicação informal abordada anteriormente, visto que é

um tema que interessa a toda comunidade de produtores da informação. Por isso justifica-se selecionar alguns textos da extensa bibliografia sobre o assunto (8, 10, 12, 13, 18, 19, 22, 23, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37).

Neste contexto, entende-se que o autor, ao transformar a pré-publicação em artigo, deverá redigir o original de acordo com as normas editoriais do periódico onde deseja publicar. Embora ocorram pequenas variações, normalmente o artigo científico apresenta a seguinte estrutura: preliminares, textos, material de referência.

Entende-se por **preliminares**: o cabeçalho composto do título do trabalho, o nome do autor e dos co-autores no caso de documento elaborado em colaboração, acompanhados da identificação dos mesmos e do nome e endereço da (s) instituição (ões) a que estarão vinculado (s). Essa identificação é colocada na primeira lauda do original.

O **texto**, propriamente dito, de acordo com a forma usual apresenta a introdução, desenvolvimento do tema (com as subdivisões a critério do autor) e conclusões. Nos trabalhos de pesquisa devem ser destacados: Método, Resultados e Discussão antes das conclusões. As notas devem ser colocadas em rodapé e indicadas no texto com asterístico logo após a palavra ou frase a que dizem respeito. As laudas são numeradas no canto superior direito.

No **material de referência** incluem-se os resumos em português e em inglês e os unitermos, palavras chave ou descritores; as referências bibliográficas e os agradecimentos. Essas informações são datilografadas em laudas separadas numeradas consecutivamente após a conclusão do texto.

O original poderá ser acompanhado de apêndices, materiais ilustrativos como fotografias, tabelas, quadros, gráficos, desenhos e outros. No caso de serem extraídos de outros documentos deverão ser acompanhados da indicação da fonte e da autorização para reprodução. Esse material deverá ser apresentado em laudas separadas com paginação sequencial ao material de referência. Assinalar no texto o local e o número de ordem das ilustrações.

Além dessas considerações gerais que são detalhadas em cada periódico, tanto os autores como os leitores devem conhecer alguns parâmetros, que são usados a nível internacional, para avaliar as publicações periódicas científicas (4, 5, 24). Aos editores recomenda-se que estejam alerta aos critérios estabelecidos pela FAPESP para avaliar os periódicos técnico-científicos nacionais com a finalidade de estabelecer parâmetros visando concessão de auxílios financeiros.

## TRANS-IN-FORMAÇÃO

Os esforços que estão sendo dispendidos pela PUCCAMP para oferecer aos estudiosos e pesquisadores, um periódico de alto nível precisam

ser compensados - desde que se acredite - contrariando diversos comentários pessimistas - pois, ainda existem periódicos que são inteiramente lidos porque respondem a pressões sociais e intelectuais.

Tanto isso é verdade que TRANS-IN-FORMAÇÃO constitui um corpo editorial composto por 4 docentes, um ex-aluno e um aluno do Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Biblioteconomia da PUCCAMP e seis membros atuando em outras Universidades ou instituições da área ou de áreas conexas. Além desses avaliadores, que são renovados a cada três anos, o Corpo Editorial contará com especialistas que funcionarão como consultores para assuntos das áreas afins.

De acordo com o Estatuto\* de TRANS-IN-FORMAÇÃO as contribuições devem seguir as Normas Editoriais e de Apresentação de Trabalhos (Anexos 1 e 2) e enviadas em um dos idiomas - português, inglês, francês ou espanhol. Deverão enquadrar-se em uma das seguintes categorias:

- **Temas em Debate** - Assuntos polêmicos para os quais a diretoria convidará de 3 a 5 especialistas da área para apresentarem seus pontos de vista; o tema de cada número será definido pelo Conselho Editorial (até 15 laudas por texto);
- **Artigos** - Reflexões teóricas e relatos de pesquisa (até 25 laudas);
- **Comunicações de pesquisa** - Informações sucintas de pesquisas realizadas e ainda não publicadas (1 lauda);
- **Informações sobre pesquisa em andamento** - Informações sucintas sobre pesquisas em andamento (1 lauda);
- **Resenhas** - Apresentação e análise de livros e/ou artigos publicados nas áreas de abrangência (até 5 laudas);
- **Registro** - Informações sobre eventos; e
- **Correspondência** - Relativa à revista e a trabalhos nela publicados que o Conselho Editorial julgue relevante publicar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, H.S. A normalização da viabilização tecnológica. **Rev. ABNT**, 2 (2):5, 1988.
2. ANGLO-AMERICAN cataloguing rules. 2.ed. Ed. by Michael Goman and Paul W. Winkler. Chicago, ALA, 1978. 620p.
3. ARAUJO, V.M.R.H. Estudo dos canais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, 8 (2):79-100. 1979.
4. ARENDES, T. El problema de las revistas científicas y técnicas latinoamericanas. **Acta Cient. Venezolana**, 15:51-93 1964.

\* Publicado no volume 1 n.1 Correspondente a jan/abril de 1989.

5. ———. Las revistas latinoamericanas. Diagnóstico de la situación y proposiciones para mejorarlas. **Invest.Clin.**, 17 (1): 1-17, 1976.
6. ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS. Grupo de Bibliotecários Biomédicos. **Normas para catalogação de publicações seriadas.** São Paulo, Polígono, 1972.
7. ———. Grupo de Bibliotecários Biomédicos. **Normas para editoração de periódicos técnicos e científicos.** São Paulo, 1972. 26p.
8. AVENDAÑO INESTRILLAS, J. **Redacción y edición de publicaciones medicas: lista de referências bibliográficas.** México, La Prensa Médica Mexicana, 1961. 7p.
9. BECKER, I. **Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil: contribuição ao seu estudo lingüístico e ao estabelecimento de normas.** São Paulo, Livr. Nobel, 1968. 361p.
10. CASTRO, C.M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas.** São Paulo, McGraw-Hill, 1976. 70p.
11. CÓDIGO de catalogação anglo-americana. 2.ed. São Paulo, FEBAB, 1983-85. 2v.
12. DAVIDSON, H.A. **Guide to medical writing.** New York, Ronald Press, 1957. 338p.
13. FISHBEIN, M. **Medical writing: the technic and the art.** 3.ed. New York, Blankiston, 1957, 262p.
14. GARVEY, W.D. **Communication: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979. 332p.
15. GARVEY, W.D.; LIN, D. & TOMITA, K. Research studies in patterns of scientific communications: III, Information - exchange processes associated with the production of journal articles. In GARVEY, W.D: **Communication: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979, p.202-24.
16. ISBD(S) International standard bibliographic description for serials. 1.standard ed. London, IFLA International Office for UBC, 1977. 61p.
17. KRONICK, D.A. Scientific journal: a review article. **Libr. Quart.**, 52(3):265-69, 1982.
18. LANGE, O. Sugestões para os que desejarem publicar trabalhos. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, 12(4):186-87, 1966.
19. LASSO DE LA VEGA, J. **Cómo se hace una tesis doctoral.** Madrid, Mayfe, 1958. 567p.
20. LYON, W.S. Scientometrics with some emphasis on communication at scientific meetings and through the "invisible college". **J. Chem. Inf. Comput. Sci.**, 26 (2): 47-52, 1986.
21. MENARD, H.W. Science: growth and changes. Cambridge, Haward University Press, 1971, apud GRAVEY, W.D. **Communications: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979. 332p.
22. MORETTI FILHO, J. **Redação de dissertação e teses.** Piracicaba, ESALQ/USP, 1982, 67p.
23. MORRIS, J.E. **Principles of scientific and technical writing.** New York, MC Graw-Hill, 1966. 280p.
24. PIEGAS, M.H.A. & POBLACION, D.A. Critério de avaliação e análise das publicações periódicas brasileiras na área da saúde. In: ASSEMBLÉIA PERMANENTE DA FEBAB, 4, São Paulo, 2 a 18 de agosto de 1978, Anais. v.1., p.171-82.
25. PIOVESAN, A. Da necessidade das escolas de saúde pública elaborarem métodos simplificados de investigação social. São Paulo, 1968. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública da USP.
26. PRICE, D.S. **Little science.** New York, Columbia University Press, 1963.
27. REIS, J. Preparo de artigos técnicos. **Adm.Públ.**, São Paulo, 2(1/2):48-84, 1944.
28. REY, L. **Como redigir trabalhos científicos.** São Paulo, Polígono EDUST, 1972.
29. ROWLAND, J.F.B. Why are new journals founded? **J. Doc.** 37 (1): 36-40, 1981.
30. SEVERINO, A.J. **Meteorologia do trabalho científico.** São Paulo, Cortez e Moraes, Rondon House, 1969.
31. SIMON, J. **Basic research methods science: investigation,** New York, Rondon House, 1969.

32. TURABIAN, K. **A manual for writers**. 3.ed. Chicago, University of Chicago Press, 1967.
33. UNESCO. Código de boa prática em matéria de publicações científicas. Traduzido por Zeferino Ferreira Pulo. **Garcia de Oria**, Lisboa, 12(1):177-81, 1964.
- 34.\* \_\_\_\_\_ **Guia para a redação de artigos científicos destinados à publicação**. Traduzido por Lucy Gonçalves Fontes. Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1969. 19p.
35. \_\_\_\_\_ **Guidelines for editors of scientific and technical journals**. Paris, May, 1979. 36p.
36. VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre, Globo, 1973.
37. VIVIAN, M.G. **A arte de redigir**. 2.ed. Porto Alegre, Figurinhas, 1951. 237p.

\*Foi publicação em 1987 pelo IBICT, uma tradução com adaptações da segunda edição, revista e adaptada por Anders Martinson.

## ANEXO 1

### NORMAS EDITORIAIS DE TRANSINFORMAÇÃO

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (Congresso, Seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista (os) autor (es) devem indicar (em) a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação o artigo deverá ter a aprovação de, pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome (s) do (s) autor (es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o diretor saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

## ANEXO 2

## NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

**FORMATO:**

Todas as colaborações devem ser datilografadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7 cm), com entrelinhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor e o nome e endereço da instituição a que está vinculado. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 25 laudas datilografadas.

**RESUMO:**

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive do título, datilografado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original.

**NOTA DE RODAPÉ:**

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos e atribuição de créditos.

**ILUSTRAÇÕES:**

- 1) Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14 cm.
- 2) Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30 cm.
- 3) quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos.

Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão.

Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

**ENCAMINHAMENTO:**

Enviar à Secretaria da revista com carta em que conste a anuência para publicação; em caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma NB-66/1978 (futura NBR-6025) da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui

focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante o pagamento de 0,5 OTN.

## SUMMARY

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Scientific papers and Transinformação: pre-conditions to publications. **Trans-in-informação**, Campinas, PUCCAMP, 1(1): 51-64 jan./abr. 1989.

The author's production of scientific papers - young people that are initiating on the research career as well as professionals with great experience - is straightly related with capacity of knowledge geration. The sucess of the communication process will be warranted by value of international channels used in the pre issued phase and by interation processes of the researches. In the same way are introduct the publication guidelines accepted by scientific community for presentation of papers and production of Brazilian Technic-Scientific Journals.

**DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
(PUCCAMP, 1975/1987):  
ANÁLISE DA ESTRUTURA GERAL DO DISCURSO(1)**

*Geraldina Porto Witter (PUCCAMP)*

*Antônios I. Térzis (PUCCAMP)*

*Raquel Lobo Souza Guzzo (PUCCAMP)*

*Saulo Monte Serrat (PUCCAMP)*

*Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral (PUCCAMP)*

**RESUMO**

WITTER, G.P.; TÉRZIS, A.I., GUZZO, R.L.S.; MONTE SERRAT, S. e AMARAL, V.L.A.R. Dissertações de Mestrado em Psicologia Clínica (PUCCAMP, 1975/1987): Análise da Estrutura Geral do Discurso(1). **Trans-in-formação.** Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 65-79, jan./abr., 1989.

Foram analisados os componentes da estrutura geral do discurso de 62 dissertações de mestrado em Psicologia Clínica, defendidas na PUCCAMP (1975/1987), sendo 29 no enfoque comportamental, 27 no analítico e seis de domínio conexo. Encontrou-se tendência comum entre os vários enfoques. A estrutura mais frequentemente empregada foi: Introdução; Método; Resultados e Discussão; Resumo, **Abstract**; Índices; Anexos e Bibliografia.

Unitermos: produção científica, avaliação da universidade e psicologia clínica.

**. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho se insere em um programa de pesquisas de avaliação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Reflete a preocupação com a busca de melhoria na formação que oferece e da produção científica que nele se concretiza. Considerando as necessárias relações da Universidade com a sociedade é imprescindível que estas avaliações sejam concretizadas.

Em termos de avaliação há muitas questões por serem resolvidas no que diz respeito aos inúmeros procedimentos, de maior e menor validade e precisão científicas; à abrangência que pode ser macro ou micro e à variedade de metodologias disponíveis. Também, vale lembrar que os custos operacionais destas pesquisas de avaliação flutuarão de acordo com os as-

(1) Os autores agradecem aos pós-graduandos: Amália M. Cosac Queelho, Carla B. de Souza, Carmem Lúcia C. Gonçalves, Carmem Sílvia C. V. Canuto, Elaine B. G. de A. Leonel, Elaine Zorzi, Jacy L. de S. P. Antunes, Jorge A. Darini, Marcos Antonio Barg, Níone T. A. Oliveira, Norma C. do Nascimento, Rita de C. Ferramola e Francisco de A. F. Oliveira, pela colaboração na tabulação dos dados.

pectos referidos. Quanto às possíveis utilizações de resultados de pesquisas de avaliação já se tem um consenso. Espera-se que seus dados sejam levados em consideração na e pela administração dos cursos no desenvolvimento de condições que viabilizem superar as eventuais dificuldades e problemas, tanto quanto estimulem o crescimento futuro. Espera-se também que os envolvidos na produção científica (professores e alunos) cientes dos aspectos detectados aproveitem os dados para uma reflexão sobre a matéria e a levem em consideração na sua atuação futura. Finalmente, destas pesquisas devem decorrer também informações para o próprio desenvolvimento científico.

Dentro da referida programação de avaliação foi destacado um tópico a nível de micro-avaliação, que se, por um lado, permite subsidiar o referido repensar da universidade, por outro, cuida de um aspecto que só recentemente vem merecendo a atenção dos pesquisadores. Trata-se da análise do discurso científico.

Além disso, um estudo desta natureza pode contribuir para autores de livros sobre metodologia, professores desta disciplina, orientadores e orientandos, ou seja, para quantos tenham que produzir ou avaliar, de alguma forma, dissertações<sup>5,6,7,8</sup>.

Independentemente da área de conhecimento, do problema estudado, de ser ou não gerado por hipóteses, do método empregado, de sua vinculação com o social, o trabalho científico acaba por requerer a elaboração de um discurso, cuja finalidade principal é a veiculação da informação aos cientistas e, posteriormente, à própria sociedade<sup>7,15,26</sup>.

Evidentemente, o discurso científico não se circunscreve à forma escrita; ele ocorre em congressos, seminários, palestras, conferências e em encontros diversos sob a forma oral e mesmo sob a forma pictórica (gráficos, vídeo, cinema). Entretanto, é o discurso científico escrito que maior potencial tem para fazer chegar às audiências específica a informação relevante, de abrir a possibilidade de debate e de se constituir em um documento permanente o qual passa a ser elemento acrescido à curva acumulada da produção do conhecimento.

Na ciência, como em outras circunstâncias, como lembra Pais<sup>18</sup> ocorrem recortes distintos, códigos operando paralelamente, resultando em diferentes sistemas de significação, os quais apesar das diferenças são coerentes e compatíveis entre si. No presente trabalho optou-se pela análise de sua modalidade escrita pelas razões já explicitadas anteriormente. Além disso, os vários sistemas propiciam a realimentação, uns dos outros, e tendo o discurso escrito propriedades que o tornam mais fácil de pesquisar em termos de mensuração, de réplica, de testes de fidedignidade parece ser esta uma opção particularmente válida quando se adentra a uma área do discurso ainda pouco conhecida.

Como lembra Mucchielli<sup>14</sup>, o discurso científico (como o pedagógico ou outro qualquer) visa a comunicação tendo por alvo modificar o poder, o saber, o saber fazer, ou o comportamento do receptor, ou ainda, levá-lo a compreender e posteriormente realizar ações compatíveis com o novo saber, atua desta forma também no poder e em suas relações com o fazer e o saber.

Para alcançar seus objetivos o discurso científico é redigido segundo normas distintas daquelas que norteiam outros tipos tais como o literário, o jornalístico, o comercial, o político. Também sua estrutura interior e geral requer normas distintas<sup>16,24,26</sup>.

A base para a elaboração desse discurso sofre variações em cada área de conhecimento, as quais respeitam as peculiaridades da mesma e o consenso da comunidade científica que envolve o produtor e os receptores do relato. Também sujeitam-se ao tipo de documento que está sendo produzido. As regras para estruturar e até mesmo o número de páginas de que o autor pode dispor variam quando se trata de uma dissertação, de uma tese, de um artigo de revista, de um resumo para comunicação em congresso, ou de um relatório para empresa ou órgão de fomento<sup>6,7,13</sup>.

Das várias maneiras pelas quais se concretiza o discurso científico escrito em um curso de pós-graduação, devem merecer especial atenção as teses e dissertações dos seus alunos. São documentos que refletem a formação que tiveram e, via de regra, constituem a primeira contribuição expressiva e individual dos mesmos. Esta proposição é particularmente pertinente em relação às áreas onde a tradição de pesquisa (especialmente na graduação) é restrita.

Por este motivo optou-se por fazer a análise desta produção de vários ângulos. Entre as proposições do programa de pesquisas, já referido, colocou-se o objetivo da presente pesquisa. São eles: levantar a utilização das várias unidades de estrutura de discurso nas dissertações de mestrado do referido curso; verificar como isto ocorre nos enfoques diversos (analítico, comportamental, outros) e qual a estrutura geral do discurso empregada para a organização dos documentos apresentados para sua defesa.

## MÉTODO

O presente trabalho consistiu em uma pesquisa documental<sup>22,23</sup> de fontes primárias<sup>5</sup> compreendidas pelas dissertações de mestrado defendidas no curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O ano de 1972 assinala, na PUCCAMP, o início dos cursos de pós-graduação "stricto sensu". O primeiro a ser organizado foi o de Psicologia Clínica.

A proposta para os cursos de pós-graduação da PUCCAMP é bastante clara: tais programas visam a formação de docentes e pesquisadores de alto nível, nos diferentes ramos do saber<sup>15</sup>.

Nas normas de credenciamento dos mencionados cursos faz-se alusão a dois ciclos de estudos, incluindo as áreas de concentração propriamente ditas e as de domínio conexo; essas referem-se à qualquer matéria não pertencente aquele campo, ou seja, ao da área de concentração, mas considerada conveniente ou necessária para completar a formação discente<sup>21</sup>.

Além da sua pesquisa de dissertação o aluno ao longo do curso faz pesquisas em várias disciplinas e participa de investigações feitas por docentes do curso.

Satisfeito o programa prescrito e obtidos os créditos necessários, o aluno para a obtenção do título de mestre deve apresentar uma dissertação escrita (PUCCAMP, 1986).

### – Caracterização geral dos documentos

As dissertações analisadas compreendem material graficamente variado quanto a sua forma de apresentação e constam do acervo da biblioteca do referido curso. Pelos registros acadêmicos de dezembro de 1975, data da primeira defesa, até junho de 1987, quando foi encerrada a coleta da presente pesquisa, haviam sido defendidas 93 dissertações. Todavia, no momento da coleta algumas não foram localizadas quer por estarem emprestadas, quer por terem se extraviado por alguma razão. Assim, a análise aqui apresentada referiu-se aos 73 documentos efetivamente encontrados na Biblioteca na ocasião, ou seja, a 78% do material teoricamente disponível, mas mesmo assim, ao longo da procura, por circulação ou deslocamento de material alguns não foram avaliados. Efetivou-se a análise de apenas uma amostra das dissertações, em um total de 62 documentos, sendo que eles representavam 75% dos trabalhos de domínio conexo (N=6); 90% dos Analíticos (N=27) e 82,9% dos Comportamentalistas (N=29), totalizando 67% do total de documentos registrados.

### – Procedimento

A análise dos documentos foi feita pela ordem sequencial do mais antigo para o mais recente, em cada uma das áreas referidas. A tabulação foi realizada por um pós-graduando que trabalha no modelo, checada por outro, os quais em caso de dúvida consultavam um docente de pós-graduação. Finalmente, foi feita uma checagem final.

A tabulação foi feita seguindo-se categorias que permitissem alcançar os objetivos propostos para a presente avaliação.

## – Categorias de Estrutura

A dissertação de mestrado é um tipo de discurso científico que mantém muitos pontos formais em comum com o discurso tese (usualmente empregado para doutorado e livre docência) diferindo quanto ao nível de complexidade e de profundidade em que a matéria é tratada, sendo exigida originalidade e maior criatividade no caso das teses. Todavia, em alguns casos estas diferenças podem não estar presentes. O presente trabalho focalizou as dissertações.

O discurso científico denominado dissertação pode ter uma estrutura variada, com títulos e subtítulos distintos. Foram definidas para a análise:

a) **Apresentação** – que também pode aparecer com as denominações de **Prefácio**, de **Introdução** e cujo conteúdo predominantemente situa o trabalho para o leitor; justifica-o do prisma científico, social, pessoal; explicita as circunstâncias em que foi realizado; informa sobre a estrutura geral dada ao discurso; podendo incluir também os agradecimentos e outros informes gerais que o autor considere útil ao leitor para uma adequada percepção global de seu trabalho. Evidentemente alguns destes elementos podem estar ausentes quer porque o autor optou por deslocá-lo para outra parte, quer por não ter julgado imprescindível a informação para a compreensão da dissertação, quer até por não querer fazer antecipações controladoras da atenção e da motivação do leitor, ficando este controle a cargo das partes mais importantes do trabalho. Não deve ser numerado como capítulo, embora isto possa ocorrer<sup>3,6</sup>.

b) **Marco Teórico** – os manuais de metodologia<sup>8,10,24,26</sup> da ciência, quando focalizam os elementos componentes do discurso científico enfatizam que deve constar uma parte relativa à apresentação de conceitos, variáveis, aspectos teóricos, revisão da literatura. Evidentemente não é este título que irá aparecer encabeçando a matéria, se ela for muito estreitamente ligada ao próprio título e não for muito longa, o rótulo **Introdução** cabe-lhe muito bem. Nesta opção, a parte anterior aparecerá com outro título (Apresentação ou Prefácio). Caso, seja longa, compreendendo vários títulos e sub-títulos os quais, muitas vezes, começam por um contexto mais amplo, a opção por títulos específicos é preferível.

c) **Método** - é a parte ou o capítulo em que o autor descreve o percurso metodológico seguido no decorrer de seu trabalho, devendo ficar evidente sua relação com os objetivos ou hipóteses de pesquisa (em geral, parte final da Introdução). Aqui devem ser explicitadas: as variáveis relevantes dos sujeitos, dos materiais e instrumentos empregados na coleta, da situação de coleta e procedimentos usados para realizá-la. Algumas vezes, o título **Metodologia** o qual deveria ser reservado ao estudo do método ou as pesquisas metodológicas, tem sido empregado para designar a parte do discurso em que o método específico de uma dada pesquisa foi descrito. O importante

é que o seu conteúdo explicita exatamente o que foi feito, de forma operacional, para garantir a comunicação e a réplica científica<sup>2,25</sup>.

c) **Resultado** – é a parte do discurso destinada à apresentação dos dados encontrados e sua análise qualitativa e/ou quantitativa, incluindo as hipóteses estatísticas e os parâmetros de comparação. É importante que sejam indicados com precisão os procedimentos de análise e todos os dados pertinentes e que viabilizem as respostas aos objetivos da pesquisa<sup>22</sup>.

d) **Discussão** – é o espaço em que o autor interpreta os resultados, compara-os com os de outros estudos e prevê implicações para a teoria, a prática e para as pesquisas subsequentes.

e) **Resultados e Discussão** – podem aparecer como um único tópico, cabendo a decisão de separação ou junção ao próprio autor. O tipo de dados, o volume de informações e as características do meio escolhido para publicação são variáveis que influem nesta decisão<sup>10,12</sup>.

f) **Conclusão** – em geral a nível de teses e dissertações encontra-se um capítulo que fecha o discurso sintetizando as principais conclusões e implicações. Este conteúdo pode não aparecer como capítulo ou parte distinta, vindo como a parte final da discussão. Este capítulo também pode aparecer com outra denominação, dependendo da amplitude e do destaque que o autor lhe queira dar. Neste último caso, pode aparecer como Capítulo Final ou com outro título qualquer.

g) **Resumo** – é uma parte relevante do discurso científico especialmente pelo que representa em termos de recuperação da informação. Para facilitar este processo deve explicitar claramente os objetivos, o método, os resultados e as principais conclusões. Em uma dissertação ou em uma tese espera-se que apareça pelo menos em duas línguas, aquela em que o trabalho foi escrito e uma que abranja um público mais amplo. Considerando que as obras de indexação deste tipo de documento usam o inglês e que parte predominante da literatura científica é escrita nesta língua, é a mais empregada. Às vezes a denominação **Sumário**<sup>2</sup> aparece para designar esta parte do discurso. Também vale lembrar que a estrutura interna deste componente do discurso varia com a metodologia e natureza do trabalho.

h) **Sumários ou Índices** diversos facilitam sobremaneira a consulta da obra. O índice é uma relação de tópicos com a página em que a matéria tem início. Muitas vezes, aparece com denominações como: **Sumário, Índice Geral, Tábua de Conteúdo**. Outros índices frequentemente empregados são os de tabelas, figuras e anexos. É o que Barros e Lehfeld<sup>3</sup> chamam de esqueleto do trabalho.

i) **Anexos e apêndices** – são complementos que apresentam dados básicos (tabulação), instrumentos e informes complementares, no primeiro caso, e mais elaborados como relato completo de uma pré-pesquisa, no segundo. Mas podem ser usados sem esta discriminação do nível da informa-

ção, como se fossem sinônimos.

j) **Referências Bibliográficas** – complementando o trabalho é imprescindível que o autor arrole todos os textos que serviram de suporte da informação que usou para elaboração de seu próprio discurso<sup>1</sup>. Há vários modelos e normas que poderá seguir, devendo manter a mesma ao longo do trabalho. Quando a dissertação é defendida em uma instituição que estabelece a obrigatoriedade de seguir uma dada norma esta será a empregada pelos que nela defenderem suas teses e dissertações. Caso a instituição ofereça liberdade de opção ao autor a ele cabe a escolha, mas feita a escolha o autor deve manter-se coerente com o nela estabelecido ao longo de todo o trabalho. Muitas vezes, os autores usam como sinônimo de Referências Bibliográficas o vocábulo **Bibliografia**, que seria o conjunto de fontes bibliográficas sobre um assunto levantadas de acordo com metodologia específica.

Outras vezes, além das referências acrescentam Bibliografia Consultada. Todavia, isto é desnecessário posto que evidentemente, sempre a parte de referências é muito menor do que o autor leu e nunca o bom leitor e escritor será capaz de arrolar todas as informações que direta ou indiretamente contribuíram para a sua produção.

No curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCAMP é dada ao mestrando ampla liberdade de opção quanto a forma pela qual referenciará seu suporte bibliográfico, desde que as informações que viabilizem a recuperação da informação estejam presentes. Certamente esta é uma responsabilidade do autor da dissertação<sup>10</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos aparecem na Tabela I em termos de percentuais obtidos para as categorias analisadas, em separado pelos três enfoques psicológicos e para o total das dissertações estudadas.

TABELA I

ESTRUTURA DAS DISSERTAÇÕES DE Mestrado em Psicologia Clínica na PUCAMP: Percentual de ocorrência das várias possibilidades por unidade estudada.

ASPECTOS (Capítulo)	E ENFOQUE			TOTAL (N=62)
	Conexa (N=6)	Analfítica (N=27)	Comportamental (N=29)	
<b>1. Apresentação/Prefácio</b>				
Não existe o capítulo	83,3	66,7	79,1	74,2
Existe com outro título	16,7	3,7	-	3,2
Apresentação	-	18,5	20,7	17,7
Prefácio	-	11,1	-	4,8
<b>2. Introdução/Marco Teórico/Título Específico</b>				
Não existe o capítulo	16,7	3,7	-	3,2
Introdução	83,3	96,3	100,0	96,8
Marco Teórico	-	-	-	-
Títulos Específicos	-	-	-	-

<b>3. Método/Metodologia</b>				
Não existe o capítulo	33,3	18,5	3,4	12,9
Existe com outro título	-	3,7	-	1,6
Método	50,0	48,1	86,2	66,1
Metodologia	16,7	29,6	10,3	19,4
<b>4. Resultados - Discussão</b>				
Não existe o capítulo	16,7	18,5	-	9,7
Não existe informação	-	7,4	3,4	4,8
Existe com outro título	16,7	3,7	-	3,2
Resultados e Discussão (juntos)	-	18,5	10,3	12,9
Resultados-Discussão (em caps. separados)	66,7	51,8	86,3	69,3
<b>5. Conclusão/Capítulo final</b>				
Não existe o capítulo	16,7	7,4	37,9	22,6
Não existe informação	-	3,7	-	1,6
Existe com outro título	-	11,1	-	4,8
Conclusão	83,3	74,1	58,6	67,7
Capítulo Final	-	3,7	3,4	3,2
<b>6. Resumo</b>				
Não existe	-	29,6	-	12,9
Existe só em português	16,7	11,1	3,4	8,1
Existe só em inglês	16,7	3,7	-	3,2
Existe em ambas as línguas	66,7	55,6	96,6	75,8
<b>7. Índice</b>				
Geral	100,0	100,0	89,7	95,2
Figuras	33,3	18,5	79,3	48,4
Tabelas	16,7	29,6	62,1	43,5
Anexos	16,7	25,9	79,3	50,0
Apêndices	-	7,4	-	3,2
<b>8. Anexos/Apêndices</b>				
Não existe	16,7	33,3	24,1	27,4
Anexos	50,0	48,1	75,9	61,3
Ambos	-	3,7	-	1,6
<b>9. Referência Bibliográfica</b>				
Não apareceu como parte separada	-	3,7	-	1,6
Não especificou título	16,7	14,8	-	8,1
Referência Bibliográfica	66,7	33,3	6,9	24,2
Bibliografia	16,7	48,1	93,1	66,1

O primeiro item mostra a situação da **Apresentação**. Observe-se que no total das 62 teses analisadas, independente da área a que pertencem, que em quase três quartos dos casos (74,2%) não existe este capítulo, sendo nos casos dessa existência mais utilizado o título **Apresentação** (17,7%), seguido de **Prefácio** (4,8%).

Observando o comportamento dentro de cada área verifica-se a ausência quer do título **Prefácio** quer do **Apresentação** nas dissertações da área conexas, sendo que quando existiu um capítulo com este propósito ele recebeu o título de **Reflexão Pessoal** (16,7%). Nas obras das áreas analítica e comportamental foram mais frequentes o título **Apresentação** (18,5% e 20,7% respectivamente) surgindo o título **Prefácio** apenas na área analítica (11,1%) onde também surgiu o título **Prólogo** (3,7%). A ausência deste capítulo em todas as áreas foi muito grande, no mínimo dois terços das dissertações analisadas (conexas 83,3%, analítica 66,7%, comportamental 79,3%).

Os dados indicam que não tem havido uma preocupação marcante entre os mestrandos para situar seu trabalho e direcionar a leitura de seu leitor. Neste último caso, pode estar havendo um cuidado ou preocupação para não exercer controle sobre a audiência <sup>4,8,9,19</sup>, todavia, dependendo do conteúdo e de como está redigida a informação este controle pode ser bastante atenuado pelo autor. Também é plausível considerar que os autores tenham omitido esta parte face à audiência a que se destina uma dissertação, da qual se espera sejam bons leitores, portanto, com características <sup>8,17</sup> que dispensam maior apoio e orientação para o domínio do texto. Seria necessária uma pesquisa de campo para detectar o possível efeito destas variáveis na decisão de inclusão ou omissão deste tópico no discurso.

Quando o componente em questão apareceu fazendo parte da estrutura do discurso ocorreu predominantemente como **Apresentação**, denominação mais adequada dentre as que aparecem usadas para encabeçar o mesmo conteúdo. Via de regra, o Prefácio é escrito frequentemente por outra pessoa que não o próprio autor do texto principal, o que não é o caso de dissertações em que todo o discurso é escrito por uma só pessoa.

A situação do capítulo **Introdução/Marco Teórico/Título Específico** mostrou que do total das 62 obras analisadas, independente da área a que pertençam, na quase totalidade delas (96,8%) existe o capítulo com o título **Introdução**. Nas restantes 3,2% dos textos não existe este capítulo. Este fato se repete quando analisamos as dissertações por área. Na área conexa, 83,3% delas possuem o capítulo com este título, na área analítica 96,3% e na área comportamental a totalidade o possui.

A opção pela denominação **Introdução** reflete uma tradição de estrutura de discurso científico na área quer na forma de teses, quer de dissertações, quer de artigos de revistas. O seu não aparecimento pode ter sido reflexo de trabalhos que não relatam pesquisas. A ausência da denominação **Marco Teórico** denota, por um lado, leitores que não leem apenas as linhas de textos sobre como elaborar um discurso científico, por outro, indicam um conhecimento e aceitação dos padrões mais empregados na área.

No que concerne ao capítulo **Método** foi observado que nem todas as dissertações o possuem. Considerando-se as 62 obras independente da área a que pertençam, em 12,9% delas não apareceu este capítulo e nas restantes ocorreu com o título de **Método** (66,1%) e de **Metodologia** (19,4%) ou então o capítulo que desempenha este papel recebeu outro título (1,6%).

Observando-se o comportamento das obras conforme a área a que pertencem vê-se que no máximo, um terço dos casos de cada área (Conexa, 33,3%, Analítica, 18,5%, Comportamental, 3,4%) não possuem este capítulo. Naquelas em que existem, o título mais frequente é **Método** (Conexa, 50,0%; Analítica, 48,1%; Comportamental, 86,2%) seguindo-se o título **Me-**

**metodologia** (Conexa, 16,7%; Analítica, 29,6%; Comportamental 3,7%) sendo que na área Analítica há um caso, representando 3,7% das dissertações da área, em que o capítulo com esta função recebeu o título de **Desenvolvimento**.

A grande ocorrência do capítulo explica-se pelo fato de predominarem no curso as dissertações que relatam pesquisas, para cujo discurso ser completo é imprescindível contar com um capítulo com este conteúdo. Nos demais casos, pode-se tratar de textos de revisão de literatura, de reflexão sobre um tema ou problema de Psicologia Clínica, não havendo necessidade de se explicitar a trajetória metodológica seguida pelo autor.

O predomínio da utilização de **Método** indica uma marcante compreensão da distinção do todo (Metodologia) em relação a sua parte (Método) e uma adequada assimilação dos conceitos pertinentes, de domínio etimológico da língua e da própria tradição de produção de discurso científico na área.

Evidentemente, os capítulos referentes a **Resultados e Discussão** dos mesmos só se justificam em dissertações que relatam pesquisa. Nestas circunstâncias, havendo dissertações que não são deste tipo explica-se que, no domínio Conexa, 16,7% dos trabalhos analisados este capítulo não tenha sido registrado, nas comportamentais todas apresentaram este componente do discurso. O mesmo ocorreu na área de Analítica com 18,5% e no total com 9,7% das dissertações. Também verificou-se que a informação a nível de indicação de título ou subtítulo, não foi encontrada em 7,4% das dissertações no enfoque psicanalítico e em 3,4% das comportamentais, em um total de 4,8%.

A utilização de outros títulos que não os convencionais foi rara (3,2% do total) tendo ocorrido mais na área conexa (16,7%), com baixo percentual na área analítica (3,7%) e sem qualquer utilização pelos behavioristas. Quando outros títulos foram usados os autores recorreram a rótulos como *Análise do Caso e Análise*.

Conforme os dados da Tabela I indicam a tendência prevalecente foi para descrever **Resultados** em um capítulo e a **Discussão** dos dados em outro. Realmente isto ocorreu no total (69,3%) das dissertações e em cada enfoque, sendo de 66,7% na área Conexa, 51% na Analítica e 86,3% na Comportamental. A opção por esta solução possivelmente decorreu da extensão que o discurso dissertação pode ter e pela própria natureza dos dados. Também pode ter influído aqui a maior facilidade de composição ou mesmo de editoração<sup>13</sup>. Outra variável que pode ter sido considerada, ainda que remotamente, pelos mestrandos é que desta forma permite-se ao leitor uma primeira interpretação, mais independente daquela feita pelo autor do trabalho.

A situação do capítulo **Conclusão**, considerando-se o total de 62 obras, independente da área a que pertencem (Tabela I) mostrou que em 22,6% não existia este capítulo e naquelas dissertações em que apareceu o

título mais frequente foi mesmo **Conclusão**(67,7%) seguido de capítulos com outros títulos (4,8%) e de **Capítulo Final** (3,2%), sendo que em 1,6% dos casos não foi colhida informação sobre a existência ou não de capítulo com a finalidade referida na descrição do método do presente estudo. A análise dos documentos dentro das diversas áreas permitiu verificar que na maioria dos casos o capítulo recebeu o título de **Conclusão** (Conexa, 83,3%; Analítica, 74,1%; Comportamental, 58,6%) sendo poucos os casos com o título **Capítulo Final** (Analítica, 3,7% e Comportamental, 3,4%). Em algumas das dissertações não existia o capítulo Conexa, 16,7%; Analítica, 7,4% e Comportamental, 37,9%) e apenas em 3,7% das obras analíticas não havia informações a respeito. Também entre as dissertações analíticas houve casos em que o capítulo recebeu outros nomes: **Conclusão Geral** (3,7%) e **Conclusões Finais** (7,4%).

O fato de existir uma expressiva porcentagem de trabalhos sem o citado capítulo decorre de uma estratégia muito frequentemente empregada em teses, dissertações e especialmente em artigos de revistas. Quando esta estratégia é empregada as conclusões e implicações da pesquisa ou estudo já aparecem embutidas ou como parte integrante dos capítulos anteriores. Neste caso, pode ser usado um sub-título como marca gráfica, ou apenas uma marca linguística, via de regra uma estrutura frasal (Pode-se concluir que...: Em síntese concluiu-se que...).

Todavia, face a natureza do discurso parece que a opção mais frequente foi, no presente caso, pela apresentação da matéria em capítulo separado, independentemente do enfoque teórico de sustentação do discurso.

Quanto ao **Resumo** a análise mostrou que poucas são as dissertações em que esta parte do discurso foi omitida (12,9% do total) e tenderam a ocorrer entre as dissertações de enfoque analítico (29,6%) e mais entre as primeiras defendidas na instituição.

A grande maioria dos trabalhos apresenta esta importante parte do discurso em termos de comunicação e de recuperação da informação, tanto em português como em inglês (75,8%). No todo, 8,1% dos documentos analisados apresentaram apenas resumo em português (16,7% da área Conexa; 11,1% da Analítica; 3,4% da Comportamental). Apareceram resumos só em inglês em 16,7% das dissertações de área Conexa e em 3,7% da área Analítica).

Os dados evidenciam que, de um modo geral, vem ocorrendo um adequado cuidado com este aspecto do discurso especialmente nos últimos anos, sendo marcante a preocupação com a divulgação em língua inglesa.

No presente estudo não foi feita uma análise da denominação dada nos índices. Apenas registrou-se sua existência e a que tipo de conteúdo ele se referia. Os resultados expressos na Tabela I mostram que esta característica da estrutura desta modalidade de discurso esteve adequadamente cuidada nos documentos analisados.

Realmente, a grande maioria dos trabalhos (95,2%) incluiu um Índice Geral (100% Conexa; 100% Analítica; 89,7% Comportamental).

Índices de Figuras apareceram em 48,4% das dissertações (33% Conexa; 18,5% Analítica; 79,3% Comportamental) e de tabelas em 43,5% (16,7% Conexa; 29,6% Analítica, 62,1% Comportamental) e 50% incluíram também Índice de Anexos (16,7% conexa, 25,9% Analítica e 79,3% Comportamental). Além disso, 7,4% d linha Analítica incluiu um índice de Apêndices. De um modo geral, foi registrada uma crescente preocupação com o facilitar o trabalho de consulta ao documento produzido pelo mestrando. Todavia, cabem pesquisas qualitativas quanto à organização dada aos índices, sua abrangência, necessidade e formalização.

**Anexos e Apêndices** são dados e informações complementares ao discurso-dissertação e permitem uma comprovação, uma revisão, um reexame ou outras análises. Espera-se que pelo menos a nível de comissão examinadora sejam parte integrante dos documentos que relatam pesquisa. Esta preocupação é patente nas dissertações analisadas. Isto se reflete nos dados contidos na Tabela I que apresenta informações sobre a existência ou não de **Anexos/Apêndices**. Verificou-se que, no total das 62 obras independente da área a que pertencem, em pouco mais de um quarto delas (27,4%) não existem **Anexos/Apêndices**, sendo mais frequente a existência de **Anexos** (61,3%) seguido da de **Apêndices** (9,7%). Em apenas 1,6% dos textos foi apresentado tanto **Anexos** como **Apêndices**. Analisando-se os documentos dentro de suas áreas constatou-se que das Comportamentais ou não possuíam (24,1%) ou, tendo apresentavam como **Anexos** (75,9%), enquanto que as obras Conexas apresentam casos como **Apêndices** (33,3%) além de 50,0% delas com Anexos e 16,7% delas em que não existia nenhum deles.

Dissertações do enfoque analítico em 3,7% dos casos apresentaram tanto **Anexos** como Apêndices. O terço restante (33,3%) não possuía uma ou outra.

A parte relativa ao suporte bibliográfico usado nas dissertações também aparece expressa na Tabela I. Conforme os dados indicam, na grande maioria dos documentos a opção foi por apresentar o rol dos textos usados em parte destacada do trabalho, ou sob o título de **Bibliografia** (66,1%) ou sob a denominação de **Referências Bibliográficas** (24,2%), ou ainda sem atribuir-lhe um título (8,1%). Apenas 1,6% dos trabalhos analisados não fizeram este destaque vindo o apoio bibliográfico no corpo do trabalho, em forma de rodapé ou nota complementar. Certamente, esta estratégia embora aceita não dispensa o arrolar das fontes no final do discurso, mas apenas um número limitado de dissertações apresentou-se nestas condições.

Em termos de cada enfoque verificou-se na área Conexa preferência pelo título **Referências Bibliográficas** e nas demais por **Bibliografia**, sendo esta a opção quase que do total das dissertações no modelo Com-

portamental. Os dados sugerem a necessidade de um repensar a matéria pelos responsáveis pelo curso de modo a tornar mais efetiva a comunicação neste aspecto.

Variáveis diversas podem ter influído nas opções de estrutura aqui levantadas, já se tendo mencionado algumas. Cabe ainda lembrar que é do autor a decisão tomada neste caso, posto que a instituição viabiliza liberdade de decisão para o mestrando. Todavia, há que se mencionar que nesta etapa da formação do pesquisador esta decisão é partilhada com o orientador.

É muito complexa a relação orientando-orientador, certamente, a formação, a personalidade, a afetividade, de ambos constituem variáveis determinantes não apenas da relação como também do produto que se concretiza sob a forma de dissertação. Seria relevante estudar como estas variáveis influem na estrutura geral dada à dissertação e o grau de influência do orientador na tomada de decisão. Pesquisas de psicologia da ciência poderiam esclarecer sobremaneira como estas interações humanas influem não apenas no discurso, mas em todo o saber-poder - fazer da ciência.

Em síntese, pode-se concluir que a estrutura geral predominante dos discursos estudados compreendeu as seguintes partes e/ou capítulos: **Discussão; Conclusão; Resumo e Abstract; Índices; Anexos e Bibliografia.** Também pode-se concluir que a tendência para usar esta estrutura foi muito similar nos enfoques distintos.

Sugere-se a necessidade e análise da estrutura intrínseca de cada componente da estrutura geral e das articulações entre eles para um aprofundamento do conhecimento destes aspectos do discurso em psicologia clínica. Há também necessidade de focar as variáveis extrínsecas ao próprio discurso que influem na opção por esta ou aquela estrutura, bem como nas vantagens e desvantagens para autor e leitor das possibilidades referi-

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, Maria José Theresa de. **Bibliographic References: A Critique of Style Manuals for the Preparation of Theses and Dissertations.** Defendida em Case Western Reserve University, USA, 1980. Tese e Doutorado.
2. ANDERSON, Barry F. **O experimento em psicologia: uma introdução ao método científico.** Trad. do original norte-americano de 1966 por E. L. Cruz e A. A. da Silva. São Paulo, EPU, 1977.
3. BARROS, Aidil Jesus Paes de & ELLEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica.** São Paulo, Mac-Graw-Hill, do Brasil, 1986.
4. BUTTERWORTH, E. **Language Production; Development, Writing and Other Language Processes.** New York, Academic Press, 1983.

5. CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa.** São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
6. DREW, Clifford J. **Introduction to Designing and Conducting Reserach.** St. Louis, C.V. Mosby Company, 1980.
7. DREW, Clifford J. & HARDMAN, Michael L. **Designing and Conducting Behavioral Research.** New York, Pergmnon Press, 1985.
8. ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Trad. do original italiano de 1977 por C.G.C. de Souza. São Paulo, Ed. Perspectiva 1983.
9. FREEDMAN, Aviva; PRINCIE, Ian & YALDEN, Janice. **Learning to Write: First Language - Second Language.** New York, Longman, 1983.
10. GRANDALL, Rick. Editorial responsibilities in manuscript review. **The Behavioral and Brain Sciences**, 5 (2): 207-208, 1982.
11. GRANJA, Elza Corrêa. **Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação.** São Paulo, IP-USP, 1987.
12. HANDY, Rollo. **Methodology of the Behavioral Sciences: Problemas and Controversies.** Illinois, Charles C. Thomas Publ. 1964.
13. KOTAIT, Ivani. **Editoração científica.** São Paulo, Ática, 1981.
14. MUCCHIELLI, Roger. **A formação de adultos.** Tradução do original francês de 1975 por J.M.C. Pucheu. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
15. NAVARRO RIVES, C. E MONTEIRO DE CASTRO, C.L. Pós-Graduação e comunicação escrita. **Revista Brasileira de Medicina**, Rio de Janeiro, 8(1): 9-18, 1984.
16. NOLAND, Robert L. **Research and Report Writing in the Behavioral Sciences.** Illions, Charls C. Thomas, Publ. 1970.
17. OAKHILL, Jane & GARNHAM, Alan. **Becoming a Skilled Reader.** New York, Basil Blackwell, 1988.
18. PAIS, Cidmar T. Estrutura do poder dos discursos: elementos para uma abordagem sócio-semiótica. **Língua e Literatura**, 7: 39-50, 1978.
19. PUCCAMP. **Catálogo dos cursos de pós-graduação.** Campinas: PUCCAMP, 1986.
20. PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Audiência e repertório verbal: um estudo com pré-escolares carentes culturais. São Paulo, IP-USP. 1978. Tese de Mestrado. Tese (mestrado).
21. ROITMAN, R. Reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem. **Educação Brasileira** 5, (20): 62-4, 1976.
22. RUMMEL, J. Francis. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.** Trad. do original norte-americano de 1964 por J. A. Cunha, 3ª ed. Porto Alegre, Globo, 1977.

23. SALAZA, Maristella J. La investigación documental como estrategia metodológica. **Revista de Investigación Educativa**, 8(18): 67-72, 1977.
24. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade**. 3ª ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
25. SIDMAN, Murray. **Táticas da pesquisa científica: Avaliação dos dados experimentais na psicologia**. Trad. do original norte-americano de 1960 por M.E. Paiva. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1976.
26. TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982.
27. WRIGHT, George and FOWLER, C. **Investigative Design and Statistics**. New York, Penguin Books, 1986.

## SUMMARY

WITTER, G.P.; TÉRZIS, A.I.; GUZZO, R.L.S.; MONTE SERRAT, S. e AMARAL, V.L.A.R. Master dissertation in Clinical Psychology (PUCCAMP, 1975/1987): General Structure Analysis of the Discourse. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 65-79, jan./abr., 1989.

An analysis on the components of general discourse structure was made on 62 master dissertations in Clinical Psychology presented at PUCCAMP (1975/1987); 29 were about behavioral model, 27 analytical model and six of related area. A common tendency was verified in all areas. The most frequent structure was: Introduction; Method; Results and Discussion; **Resumo** (Abstract in Portuguese), Abstract; Index; Appendix and Bibliography.

Key Words: discourse analysis, scientific production, educational evaluation, clinical psychology, documental analysis.

## ESTRUTURA DA PRODUÇÃO EDITORIAL DE PERIÓDICOS BIOMÉDICOS BRASILEIROS (1)

*Antônio Felipe Corrêa da Costa*  
(CNPq -CPCT/CPO)

### RESUMO

COSTA, A.F.C. da Estrutura da produção editorial dos periódicos biomédicos brasileiros. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP 1(1): 81-104, jan./abr., 1989.

Os objetivos deste estudo foram: 1) conhecer a estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros, de 1827 a 1978, pela análise de algumas características do produto; 2) desenvolver um novo método de estudo de produção de periódicos científicos e avaliar a produção de periódicos brasileiros que incorpore uma das características da área editorial - a mudança frequente de títulos sem mudança significativa no conteúdo. Foi usada uma obra de referência sobre periódicos como fonte de coleta de dados, por ser a forma mais viável de conhecer alguns aspectos da estrutura editorial da área Biomédica. Foram analisados 1.441 títulos, e um tratamento específico foi dado ao assunto, com dados estatísticos inferiores da fonte analisada. Os periódicos apresentaram-se como correntes, encerrados, interrompidos e com situação editorial desconhecida. Oito tipos de editores foram identificados: centros de estudos de hospitais, instituições acadêmicas, institutos isolados de pesquisa, órgãos governamentais, sociedades científicas, associações médicas, laboratórios farmacêuticos, editores comerciais e um grande número de títulos sem informação sobre editores. A produção de periódicos científicos no Brasil apresentou um aspecto amadorístico e improvisado, sem o cumprimento de mínimos critérios de padronização, o que concorre para o surgimento de muitos tipos de problemas, tais como falta de viabilidade econômica, qualidade de produção e distribuição adequada de títulos.

Uniternos:

Editoração e Produção Científica . Periódicos Biomédicos.

(1) Síntese da dissertação aprovada pelo Curso de Pós-Graduação (Mestrado - em Ciência da Informação - Convênio CNPq/IBICT/UFRJ-ECO, em 18 de agosto de 1988, para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, sob a orientação de Maria de Nazaré Freitas Pereira e Hagar Espanha Gomes.

## INTRODUÇÃO

Conscientes da importância do periódico científico, um dos meios pelo qual a Ciência e Tecnologia - C&T de um país se expressa, historiadores e sociólogos da Ciência, bem como cientistas da informação têm procurado examinar seu papel dentro da estrutura científica para compreender seu funcionamento. O estudo das características e problemas enfrentados por esse canal de comunicação interessa a todos os que estão ligados à comunidade científica, sejam bibliotecários, cientistas da informação, editores científicos ou os próprios cientistas. Sua análise permite chegar a alguns indicadores de avaliação da própria atividade científica em geral das atividades do pesquisador em particular.

O periódico científico desempenha papel essencial no desenvolvimento da pesquisa científica. Esta só pode tornar-se uma contribuição real para a Ciência no momento em que seus resultados são publicados: "A invenção de um mecanismo por meio do qual os resultados de minuciosas pesquisas podem ser publicados parceladamente talvez tenha sido o passo decisivo para o desenvolvimento do 'Método Científico' ".<sup>1</sup>

Porém, os periódicos científicos não constituem somente o canal conveniente de comunicação dos resultados de pesquisa, um componente do quadro geral da Ciência passível de ser substituído com o mesmo resultado positivo por outro canal de comunicação da informação científica e técnica.<sup>2</sup> Desempenham, simultaneamente, três funções distintas: 1) atuam como

serviço de alerta, informando os pesquisadores sobre as pesquisas realizadas nos diversos setores de suas respectivas áreas: 2) desenvolvem função arquivística, armazenando informações sobre pesquisas realizadas; 3) desempenham função social, ao registrarem através da publicação de pesquisa, sua contribuição para determinada área da Comunidade científica.<sup>3</sup>

O desempenho da função social do periódico científico depende do processo de avaliação pelos pares dos resultados de pesquisa submetidos à publicação: “a Ciência não significa simplesmente conhecimentos ou informações publicados. Qualquer pessoa pode fazer uma observação ou criar uma hipótese, e se ela dispuser de recursos financeiros poderá mandar imprimir e distribuir o seu trabalho para que outras pessoas o leiam. O conhecimento científico é mais do que isso. Seus fatos e teorias têm de passar por um crivo, por uma fase de análises críticas...”<sup>4</sup>

O requisito para que a função social do periódico científico se realize é a publicação dos artigos em revistas de boa qualidade científica. Isso significa dizer que as revistas necessitam contar com corpos editoriais qualificados para publicação, dispor de recursos humanos capacitados para o processo de editoração científica, apresentar regularidade de publicação, cumprir padrões internacionais de normalização e dispor de mecanismos de distribuição e comercialização estabelecidos.

As condições acima referidas vêm sendo satisfeitas pelos periódicos produzidos por instituições científicas de países desenvolvidos e, como tal, espelham uma atividade científica consolidada, chegando até mesmo a contribuir de maneira decisiva para o setor terciário da Economia, qual seja o da indústria do conhecimento/informação. Diferente, portanto, da realidade de países de desenvolvimento científico recente, em que tais condições não se apresentam presentes na publicação periódica como um todo, mas apenas em um número muito reduzido de revistas científicas.<sup>5</sup>

Tais diferenças refletem-se na literatura de estudos e pesquisas relativas ao periódico científico. Nos países com tradição científica, o tema é discutido em todos os seus aspectos: formais, de conteúdo, editoriais, de comercialização e distribuição, destacando-se suas implicações em razão da crescente especialização das revistas científicas e do crescimento vertiginoso desse tipo de literatura. Daí decorrem sugestões e práticas de substituição do periódico científico por outros meios de comunicação como pré-prints, microfimes, cassetes, periódicos eletrônicos, etc.<sup>6</sup> Outro ponto polêmico é o que diz respeito à necessidade de avaliação do processo de revisão pelos pares.<sup>7</sup>

Indicador da oportunidade desse debate é a frequente reunião de editores científicos, até mesmo em âmbito internacional. Por ocasião da First International Conference of Scientific Editors, realizada em Jerusalém, em 1977, o ponto fundamental foi o estudo da cooperação editorial, sendo abordados tópicos relativos aos diversos aspectos da editoração, em relação ao

avanço científico da transferência da informação. Cientistas, editores comerciais e outros agentes relacionados com o processo de transferência da informação científica expressaram pontos de vista e atitudes referentes à editoração, no que diz respeito às políticas e práticas editoriais adotadas, e debateram os prejuízos e problemas enfrentados no exercício de suas atividades profissionais.<sup>8</sup>

A literatura nacional destaca, principalmente, os problemas enfrentados pela editoração de periódicos científicos no País, em seus aspectos de qualidade, normalização, comercialização e distribuição, falta de apoio institucional e de recursos financeiros, descontinuidade de suas edições e ausência de recursos humanos capacitados na área, com o conseqüente amadorismo presente em sua editoração. ... "a publicação de um periódico no Brasil é um ato heróico".<sup>9</sup>

Cabe destacar que tais aspectos não se manifestam apenas no Brasil mas nos países latino-americanos em geral. Isso tem contribuído para a baixa visibilidade dos periódicos latino-americanos nos estudos de citação e no surgimento de uma discussão acirrada em torno da evasão de artigos nacionais de considerável importância científica para publicação em revistas estrangeiras.<sup>10</sup> Tal situação dos periódicos científicos de um país, o seu grau de desenvolvimento científico e o prestígio que o Estado e a própria sociedade conferem à atividade científica.

Na tentativa de mudar o quadro de problemas e restrições no País, as agências financeiras de C&T, CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e -Tecnológico, e FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, têm desenvolvido nos últimos anos programas específicos de apoio às revistas científicas, contribuindo significativamente para a melhoria da qualidade - ainda que de um número reduzido - de revistas.<sup>11</sup>

A congregação de editores científicos em reuniões especializadas, para a discussão de seus problemas, é fato recente no País e tem contado igualmente com o apoio das agências de financiamento de C&T. O primeiro Encontro realizado pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, em Fortaleza, em 1979, teve por finalidade propor "uma política nacional de estímulo às publicações periódicas em Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política), com o objetivo de ampliar sua influência e mobilizá-las no sentido de promover o desenvolvimento científico".<sup>12</sup>

Mas é somente em 1984, sob o patrocínio da FINEP, que os encontros de editores voltam a acontecer, reunindo, a partir de então, representantes de várias áreas do conhecimento humano. No primeiro Encontro de Editores de Revistas Científicas, realizado pela FINEP e CNPq, em São Lourenço, em 1984, o documento final reconhece que "as revistas científicas são partes integrantes do sistema de Ciência e Tecnologia do País e como tais imprescindíveis; (...) vem desempenhando, igualmente, um importante papel na

avaliação de qualidade da produção científica: (...) a interação que a revista possibilita entre os avaliadores científicos é de enorme importância educacional para a comunidade científica nacional". O documento expressa ainda: "é consenso que o apoio dado às revistas é pequeno" e reivindica uma percentagem das verbas globais de financiamento da pesquisa para a edição de periódicos científicos.<sup>13</sup>

O quadro até aqui esboçado situa os problemas enfrentados pelos periódicos científicos nacionais, nem sempre distinguindo a área do conhecimento a que se referem.

As revistas nacionais de dois ramos do conhecimento humano Agricultura e área Biomédica, têm sido objeto de inúmeros trabalhos de avaliação, por se tratarem das primeiras áreas que implantaram sistemas de informação especializados -<sup>14</sup> e BIREME - Biblioteca Regional de Medicina e Ciência da Saúde -<sup>15</sup>, e por contarem com significativa produção bibliográfica em periódicos.

Especificamente na área Biomédica, de interesse desta pesquisa, os problemas apontados não diferem muito dos que caracterizam a produção de periódicos em geral no País. Contudo, um dos aspectos que mais chama atenção é o curto período de vida das revistas científicas, fenômeno conhecido como "síndrome dos três números". Outra característica da fragilidade desse meio de comunicação é sua constante interrupção, substituição, mudança de títulos e periodicidade irregular. Em decorrência de todo esse quadro de sintomas, ARENDS fixou um período inicial de pelo menos sete anos como indicador dos títulos que conseguem sobreviver.<sup>16</sup>

A reduzida taxa de sobrevivência dos periódicos biomédicos brasileiros é confirmada por LEMOS e por POBLACIÓN.<sup>17</sup>

LEMOS, ao trabalhar com o núcleo de revistas indexadas pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro** e com o **Índice Médico Latino-Americano** - IMLA, mostrou a seguinte situação: "Dos 182 títulos de revistas indexadas pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro**, em 1939, sobreviveram em 1970 apenas 47 (26%), conforme se pode verificar pela análise da publicação **Periódicos Brasileiros de Ciências e Tecnologia** (PBCT)". O autor informa ainda que "dos 74 títulos de periódicos escolhidos para inclusão no IMLA, apenas 18 tinham sido fundados nos primeiros 40 anos deste século. Isto significa que apenas 10% dos periódicos indexados pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro**, em 1939, ainda estavam em circulação: os outros 90% correspondiam a revistas suspensas ou cuja qualidade havia baixado a ponto de se tornarem irrelevantes".<sup>18</sup>

Por sua vez, POBLACIÓN, ao trabalhar com 2.099 títulos de periódicos editados no período de 1827-1978, mostrou que dos 751 títulos surgidos nas décadas de 60 e 70 (35%) do total publicado em 151 anos, somente 136 (18%) continuavam a ser publicados em 1979.<sup>19</sup> Cabe destacar, entretanto, que a grande maioria desses títulos teve seu último número publicado no

período de 1976 a 1978 e não propriamente na data limite estabelecida para aplicação do critério de continuidade (1979). Tal fato comprova outro aspecto da fragilidade da produção de periódicos, qual seja a do atraso das edições.

Os dois trabalhos anteriormente comentados basearam-se em fontes secundárias para derivação de dados estatísticos a respeito das situações analisadas. Este procedimento, além de ser muito comum nas Ciências Sociais, é, muitas vezes, na Ciência da Informação, o único passível de ser utilizado quando se deseja realizar um estudo que cubra um período de tempo maior ou um número maior de fontes.<sup>20</sup>

Mas a finalidade das fontes de coleta de dados utilizados pelos trabalhos de LEMOS e POBLACIÓN é a de contribuir para o controle bibliográfico do que se publica no País. Em consequência do que cada título publicado apresenta-se com uma entrada independente.

Especificamente, em relação à fonte utilizada por POBLACIÓN<sup>21</sup>, observou-se grande incidência de títulos que apresentavam relações entre si através dos diferentes tipos de notas utilizadas para descrevê-los, notas do tipo continuação, fusão, substituição, etc.

Pelo fato da publicação utilizada como fonte de coleta de dados apresentar títulos em sequência alfabética e de considerar cada título como publicação independente, uma análise estatística da produção de periódicos poderá ser feita com resultados distorcidos. Uma distorção típica seria computar como título independente os que apresentam data de encerramento mas continuam sob outros nomes. Após observação mais atenta, verifica-se que o encerrado foi o nome da publicação e não ela própria, ao continuar com outro título.

Tal aspecto evidencia os problemas típicos da edição de periódicos científicos no Brasil, já comentados, como a "síndrome dos três números", a mudança constante de títulos etc. Ilustra essa situação o **Boletim da Academia Nacional de Medicina** (1967- ), que tem suas origens no **Seminário de Saúde Pública** publicado no período de 1831-1833, tendo passado por oito mudanças de títulos em um período de 157 anos.

Situação inversa - mudança de conteúdo e permanência de título - também ocorre entre nós, ainda que sem a frequência da primeira. A Revista Brasileira de Tecnologia - RBT, editada pelo CNPq, orientava-se, inicialmente, para a publicação de estudos e pesquisas em vários ramos da Engenharia. A partir de 1981, sua orientação foi para a discussão de assuntos referentes à política científica e tecnológica, sem mudar, conteúdo, o título e nem descontinuar a numeração dos volumes.

Esses fatos são mais ou menos comuns na literatura periódica estrangeira. O avanço do conhecimento leva, ora ao desdobramento de títulos, ora à fusão<sup>22</sup>, embora se encontre exemplos de estabilidade. O periódico **The Lancet**, publicação inglesa da área médica, inicia-se em 1823 e permanece até hoje com o mesmo título. Outro exemplo, o **JAMA - Journal of**

**the American Medical Association**, criado em 1883, atravessa mais de um século de existência com o mesmo nome.

Portanto, levar em consideração as peculiaridades da produção de periódicos científicos no Brasil é requisito indispensável para aproximar os resultados da realidade editorial. Esta pesquisa, ao estudar a estrutura da produção de periódicos biomédicos brasileiros publicados no período de 1827-1978, teve como Material para a coleta de dados uma obra de referência - **Periódicos Biomédicos Brasileiros, 1827-1978** - e propõe um novo método que considere uma das características estruturais do setor, a da mudança constante de título.

Contudo, este trabalho não é pioneiro na percepção da influência que as alterações dos títulos podem representar em estudos da produção de periódicos. POBLACIÓN, em estudo baseado na mesma fonte de coleta de dados utilizada nesta pesquisa, distingue entre os "204 títulos que sofreram alterações no período de 1827 a 1978. Dos 2.099 títulos arrolados, apenas 1.309 são puros, isto é, não sofreram alteração durante toda sua trajetória. Os 586 títulos restantes são o produto das alterações sofridas pelos 204 títulos".<sup>23</sup> A autora, porém, não se aprofundou nesse aspecto, porque não fazia parte do objetivo de seu estudo. Ela não indicou, por exemplo, como trabalhou com os dados para derivar os dois conjuntos acima referidos. A separação dos 204 títulos, dos quais se originaram 586, foi feita conforme o seu aparecimento na ordem alfabética do cadastro, não destacando os tipos de mudança nem os motivos que a elas subjazem.<sup>24</sup>

O novo método proposto poderá contribuir ainda para o aprimoramento dos modelos de avaliação de periódicos científicos e técnicos latino-americanos.<sup>25</sup> Especificamente, em relação ao Brasil, BRAGA & OBERHOFER propõem uma série de parâmetros que devem ser considerados na avaliação das publicações periódicas científicas e técnicas nacionais. Como tal, critérios como normalização, duração, periodicidade, indexação, disseminação, colaboração e divisão de conteúdo e, finalmente, autoridade são destacados, considerando as peculiaridades próprias da edição de periódicos no País.<sup>26</sup>

Por exemplo, o critério duração - indicador de "sobrevivência" do periódico -, ao considerar a característica estrutural da mudança de títulos, pode passar a distinguir a "síndrome dos três números" entre os que, efetivamente, desaparecem de modo prematuro e os que continuam sob outras denominações.

Para ilustrar tal aspecto, cita-se o resultado da avaliação de YAHN, quanto à variável duração de periódicos brasileiros na área de Agricultura: "os resultados para esse critério podem estar refletindo não só a **pouca idade de certos periódicos, mas também as interrupções ocorridas durante sua existência (indicador de sobrevivência), ou, ainda, as mudanças no título**".<sup>27</sup> (Ênfase acrescentada).

Pelo exposto, pode-se perceber a oportunidade de se utilizar a nova abordagem para estudar a estrutura da produção editorial de periódicos científicos produzidos no Brasil.

## 1.2. Objetivos

A pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

Conhecer a estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros no período de 1827 a 1978, através do exame de algumas características do produto e da segmentação do mercado editorial, como:

a) as características do produto, que destacam, entre os 2.105 títulos editados no período, os periódicos que mais se coadunam com a publicação de artigos oriundos da prática médica e/ou da pesquisa científica, sua trajetória editorial (continuação sob outros nomes, substituição etc.) e sua situação editorial (correntes, suspensos encerrados); e ainda,

b) a segmentação do mercado editorial, distinguindo-se entre os periódicos editados sob o patrocínio do Estado, da sociedade civil e do setor produtivo.

2) Desenvolver um novo método para o estudo da produção de periódicos científicos e para a avaliação de periódicos produzidos no Brasil, que incorpore uma das características estruturais do setor - a da freqüente mudança de títulos sem a conseqüente mudança significativa de conteúdo. Tal método poderá ser útil para países em que tal situação igualmente se manifeste.

A síntese aqui apresentada não aprofunda os aspectos referentes ao desenvolvimento do Método. Para o conhecimento dos procedimentos utilizados no decorrer da coleta de dados, ou seja, das etapas do Método, consultar a dissertação nas páginas 85-92.<sup>28</sup>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados destacam alguns aspectos da estrutura de produção de títulos de periódicos científicos da área Biomédica, no período estudado, através de algumas características do produto, e da segmentação do mercado de periódicos no seu aspecto de oferta - seus editores.

### 2.1 Estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros

O item destaca algumas características do produto e a segmentação do mercado publicador.

No que diz respeito às características do produto, são analisados aspectos relativos à natureza do conteúdo dos títulos, sua trajetória - conforme tenha sido considerada normal ou acidentada - e, finalmente, a situação dos títulos, segundo continuem ou não sendo editados.

A segmentação do mercado mostra a participação dos editores na produção de periódicos biomédicos, de acordo com suas características institucionais - públicas ou privadas.

### 2.1.1 Características do produto

A produção editorial revela-se conturbada pela presença de evidências que sugerem, de um lado, a incipiente institucionalização de periódicos científicos no País e, de outro, o caráter amador de sua realização.

#### 2.1.1.1 Natureza do conteúdo

O exame dos títulos de periódicos arrolado pela fonte de coleta de dados evidenciou mais o caráter exaustivo do levantamento eo que propriamente a orientação dos periódicos incluídos para a publicação de artigos oriundos da prática médica e/ou da pesquisa científica.

No quadro 1 observa-se que, dos 2.105 títulos, 403 (19%) foram considerados sem interesse científico por dois motivos básicos:

- a) por referirem-se à cobertura de literatura secundária (obras de referência), ou de dados estatísticos e de notícias;
- b) por seus editores não estarem envolvidos com pesquisa, como os sindicatos e movimentos estudantis.

QUADRO 1 - Demonstrativo da natureza do conteúdo dos títulos.

Conteúdo	Nº de títulos	%
Títulos c/suposto interesse científico	1702	81
Títulos sem interesse científico	403	19
Total	2105	100

Dentre os 1.702 títulos restantes (81%), provavelmente muitos não resistiriam a um exame direto pelos especialistas da área. Os títulos com suposto interesse científico são os que apresentam evidências a nível do próprio título (como a Revista Gaúcha de Odontologia), ou na natureza do editor (instituições de ensino e pesquisa, centros de estudos de hospitais, sociedades científicas).

O problema da qualidade do que se publica (mesmo em periódicos devotados à publicação de artigos de interesse para o ensino e a pesquisa)

tem sido registrado na literatura.

Conforme mostrou LEMOS<sup>20</sup>, o Editorial de lançamento do primeiro fascículo **Revista Brasileira de Medicina**, em 1944, destacou o elevado número de revistas de qualidade duvidosa e a presença de outras, orientadas para a promoção de medicamentos. A apreciação do Editorial sobre tal evidência é elucidar: “ ‘os próprios profissionais, mesmo alguns da mais alta categoria, parecem ignorar que os artigos dessas publicações perdem seu valor e seu cunho científico, sendo praxe não os citar em bibliografias e sim antes considerá-los trabalhos mercenários, razão, aliás, que noutros casos pode explicar realmente seu aparecimento’ ”.

A respeito dos periódicos que veiculam a promoção de medicamentos e que são em sua maior parte os editados por laboratórios farmacêuticos, cabe destacar que a questão permanece até hoje mas tem igualmente sua contraparte no que diz respeito à sua importância para a prática médica.

Para o Dr. Medina, as revistas dos laboratórios não têm valor científico e citá-las não constitui indicador de qualidade na condução do trabalho de pesquisa.<sup>30</sup>

Entretanto, para a Dra. Maria da Glória, tais contribuições são de fundamental importância para a consulta e orientação dos clínicos no que respeita a seleção das drogas dispensáveis no mercado, com suas respectivas composições e contra-indicações.<sup>31</sup>

O Editorial mencionado, em outra passagem destacada por LEMOS, deixa perceber que os editores da Revista Brasileira de Medicina apostavam na supressão das revistas de conteúdo duvidoso, por uma espécie de seleção natural, a exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos.

Outro fato arrolado por LEMOS<sup>32</sup> refere-se às recomendações emanadas do XI Congresso Nacional de Medicina, em 1962. A partir delas, o autor inferiu a persistência do problema qualitativo, pois “a seleção de originais para publicação não era feita com o devido rigor”.

Este fato revela que, a despeito do sentimento dos editores, em 1944, a questão da qualidade ainda permanecia atual quase 20 anos depois.

Inferir diretamente a respeito da orientação dos 1.702 títulos para publicação de resultados da pesquisa científica e/ou da prática médica é quase impossível.

Primeiro, pelos fatos já arrolados na Introdução, no que se refere a disponibilidade/acesso físico.<sup>33</sup>

Segundo, pela ausência de estudos em que fosse possível inferir, ainda que indiretamente, sobre tal aspecto. Por exemplo, estudo sobre o processo de avaliação pelos pares, fator de impacto, etc.

Um único estudo foi localizado sobre a literatura biomédica e assim mesmo apenas na área de Radiologia e em seus aspectos de citação. Trata-se da colaboração de LEMOS<sup>34</sup> que, ao verificar o fator de impacto do periódico **Radiologia Brasileira** sobre a própria comunidade brasileira de pes-

quisa, chegou ao seguinte resultado: entre 10 periódicos citados pelos 185 artigos incluídos em sua análise, apenas um é nacional.

Ainda que a área de Radiologia seja carente de periódicos especializados, tal fato apenas confirma a baixa visibilidade dos periódicos em particular e dos latino-americanos em geral.

Coube a DIAS, já em 1962, alertar sobre tal aspecto: "Muito contribui para isso o fato de existirem cerca de 1.700 publicações periódicas latino-americanas redigidas, na sua maior parte, em espanhol ou português, e que têm aparecimento irregular e, muitas vezes, duração efêmera. Além do mais, a maior parte das mesmas não têm nenhum critério seletivo quanto à qualidade dos artigos que apresentam. O idioma e a média de qualidade dos artigos são fatores que as fazem ser ignoradas, diante do muito que os pesquisadores de países mais desenvolvidos têm para ler".<sup>35</sup>

### 2.1.1.2 Trajetória editorial

No período estudado, 1827-1978, foram lançados no mercado brasileiro 1.702 títulos de periódicos com suposto interesse científico. Embora o período coberto pela fonte de coleta de dados seja 151 anos, o que poderia justificar a quantidade de títulos editados, o exame da obra, com outros critérios que não o do simples surgimento do título, revela a presença de duas situações diferentes na produção editorial brasileira.

O Quadro 2, a seguir, separa os 1.702 títulos, segundo tenham sofrido ou não problemas em sua trajetória editorial.

QUADRO 2 - Demonstrativo dos títulos segundo sua trajetória editorial.

Títulos segundo a trajetória	Nº de títulos	%
Com trajetória acidentada	550	32
Com trajetória normal	1152	68
Total	1702	100

Os títulos com trajetória acidentada evidenciam mudanças constantes ocorridas em seus nomes, mudanças ou incorporação de conteúdo ou interrupções temporárias. Representam 32% do total (550 títulos).

Os títulos com trajetória normal indicam edição sem mudanças de título, de editor nem de assunto. Representam 68% do total (1.152 títulos).

Este trabalho não é pioneiro na distinção entre títulos com diferentes tipos de trajetória. Cabe destacar a contribuição de POBLACIÓN<sup>36</sup>, já que esta teve como ponto de partida a mesma fonte de dados e considera, ainda

que com outras denominações e critérios, o aspecto da trajetória editorial.

A autora distinguiu entre o que denominou de "títulos públicos" e títulos que "sofreram alterações". Uma restrição, entretanto, poderia comprometer a comparação: é o fato de POBLACIÓN ter trabalhado com todos os títulos, independente de sua natureza - referencial, estatística ou noticiosa. Contudo, ao observarmos a presença de 68% de "títulos puros" (1.309) e de 32% de títulos que "sofreram alterações" (790), verificamos a permanência da situação anterior, ou seja, a proporção entre periódicos com trajetórias normal e acidentada permanece constante, independente de sua natureza.

Cabe esclarecer que, na contribuição de POBLACIÓN, o total de 790 títulos não foi declarado. Inferiu-se o valor somando 204 títulos que "sofreram alterações" a "587 títulos restantes", que resultam "das alterações sofridas pelos 204 títulos".<sup>37</sup>

A autora não indicou como trabalhou com os dados para derivar os dois conjuntos acima. A separação dos 204 títulos conforme a ordem alfabética de ocorrência no cadastro não ajudou a esclarecer o que subjaz à mudança.

Pelo fato da publicação utilizada como fonte de coleta de dados apresentar títulos em sequência alfabética e de considerar cada título como publicação independente, poderá ser feita uma análise estatística com resultados distorcidos. Distorção típica seria computar como título independentes os que apresentam data de encerramento mas continuam sob outros nomes. Após observação mais atenta, poderá se verificar que o encerrado foi o nome da publicação e não ela própria, ao continuar com outro título. Portanto, analisar cada nota apresentada pelas referências bibliográficas e introduzir o conceito de "família" foi imprescindível para aproximar os resultados da realidade.

#### a) Genealogia dos títulos

O Quadro 3 distribui, inicialmente, os 550 títulos com trajetória acidentada, conforme os tipos de notas apresentadas nas referências bibliográficas da fonte de coleta de dados.

Como se verifica, 75% dos títulos (413) apresentam-se com notas do tipo **Continua como/Continuação de**. Isto significa que nem todos representam novos lançamentos mas continuações com outros nomes. Pode-se considerar como indicativo da mesma situação os 17 títulos (3%) com notas do tipo **Substitui o/Substituído pelo** (1º Conjunto do Quadro 3).

Outros tipos de notas correspondem a 22% do total e não cabe comentá-los por não contribuírem para alterar quantitativamente a situação evidenciada na 3ª coluna ("Famílias") do Quadro 3.

Ao se trabalhar com o conceito de "família", verificou-se que apenas os títulos portadores dos dois primeiros tipos de notas comentadas sofreram

QUADRO 3 - Genealogia dos títulos.

Conjuntos	Arquivo B			
	Títulos	%	"Família"	%
<b>1º Conjunto</b>				
Continuações, substituições, mudanças do título				
Continua com o/Continuação de	413	75,09	163	56,40
Substitui o/Substituído pelo	17	3,09	7	2,42
Publicado como	10	1,36	10	3,50
Título varia	7	1,27	7	2,42
Título anterior	4	0,72	4	1,38
Subtotal	451		191	66,12
<b>2º Conjunto</b>				
Fusões, incorporações				
Fusões	9	1,63		
Títulos principais			3	1,03
Títulos fundidos			6	2,07
Incorporações	16	2,94		
Títulos principais			10	3,50
Títulos incorporados			6	2,07
Subtotal	25		25	8,67
<b>3º Conjunto</b>				
Subdivisões				
Subdividido em, ou subdivide-se em	4	0,72	3	1,03
Subtotal	4		3	1,03
<b>4º Conjunto</b>				
Suplementos, apensos, insertos				
Suplementos	22	4,00		
Títulos principais			9	3,11
Suplementos			13	4,49
Apensos	7	1,27		
Títulos principais			2	0,69
Apensos			5	1,73
Insertos	6	1,09		
Títulos principais			3	1,03
Insertos			3	1,03
Subtotal	35		35	12,06
<b>5º Conjunto</b>				
Traduções				
Edições em vários idiomas	5	0,90	5	1,73
Traduções de títulos estrangeiros	3	0,59	3	1,73
Subtotal	8		8	2,76
<b>6º Conjunto</b>				
Interrupções, suspensões				
Interrupções e suspensões	15	2,72	15	5,20
Subtotal	15		15	5,20
<b>7º Conjunto</b>				
Outras notas				
Título na capa	4	0,72	4	1,38
Ocorrências na numeração do título	4	0,72	4	1,38
Volumes não publicados	2	0,36	2	0,69
Publicado pelo	2	0,36	2	0,69
Subtotal	12		12	4,14
Total	550	100	289	100

sensível redução quantitativa. No primeiro caso, ao invés de 413 títulos únicos e independentes tem-se, na realidade, 163 títulos, com uma redução de 39%. No segundo caso, 17 títulos únicos independentes sofreram uma redução de 41%, tendo-se, realmente, 7 títulos.

Como decorrência da nova abordagem, obteve-se 289 “famílias” de títulos e 1.152 títulos com trajetória normal, o que totalizou um novo universo de 1.441 títulos.

Para permitir a compreensão qualitativa das ocorrências de notas do tipo **Continua como/Continuação de**, apresenta-se a seguir, os resultados do levantamento aleatório efetuado em 25% dos 163 títulos resultantes do agrupamento por “famílias”.

O Quadro 4, a seguir, discrimina os tipos de mudança ocorridas na titulação dos periódicos. Como se observa, tais mudanças são pouco expressivas no que diz respeito à sua interferência no conteúdo e contribuem para dificultar o controle bibliográfico e o acesso aos periódicos.

QUADRO 4 - Tipos de mudanças ocorridas nos títulos das publicações.

Tipos de mudanças	Quantidade	%
Mudanças ocorridas no nome do editor responsável	19	46
Mudanças ocorridas no título da publicação	17	42
Incorp./suspensão de termos do nome do editor responsável	5	12
Total	41	100

Assim, vejamos:

- 1) Mudanças ocorridas no nome do editor responsável 19 casos (46%)

Nesta categoria estão incluídos os títulos de periódicos cujos editores responsáveis tiveram os nomes modificados, com acréscimo ou supressão de elementos identificadores da organização no título.

Exemplo:

- a) BOLETIM da UNIVERSIDADE do PARANÁ. ZOOLOGIA  
Passou a chamar-se  
BOLETIM da UNIVERSIDADE FEDERAL do PARANÁ. ZOOLOGIA
- b) ANAIS da FACULDADE de FARMÁCIA e ODONTOLOGIA da USP e REVISTA da FACULDADE de FARMÁCIA e BIOQUÍMICA da USP  
Fundiram-se e passaram a chamar-se  
REVISTA de FARMÁCIA e BIOQUÍMICA da USP
- c) BOLETIM do CENTRO TROPICAL de PESQUISAS e TECNOLOGIA de ALIMENTOS  
Passou a chamar-se  
BOLETIM do INSTITUTO de TECNOLOGIA de ALIMENTOS

Os dois primeiros exemplos decorrem de modificações organizacionais em instituições do tipo acadêmico. A Reforma Universitária provocou a reestruturação dos órgãos universitários, com o desmembramento de algumas faculdades brasileiras e a transformação de escolas de ensino superior em faculdades. De modo geral, as publicações editadas por universidades conservam o nome de seus órgãos editores no título. Por isso, com a reforma universitária alterando os nomes de várias instituições de ensino superior, o número de modificações ocorridas nos títulos de periódicos editados pelas mesmas foi grande.

No segundo caso - talvez não tão freqüente quanto as mudanças comentadas anteriormente -, trata-se de alterações decorrente da Reforma Administrativa em organizações de pesquisa não integrantes da estrutura acadêmica.

2) Mudanças ocorridas no título da publicação 17 casos (42%)

Nesta categoria estão incluídos os títulos de periódicos que sofreram modificações sem justificativa aparente.

Exemplos:

a) ANAIS BRASILEIROS de GINECOLOGIA

Passou a chamar-se

JORNAL BRASILEIRO de GINECOLOGIA

b) ARQUIVOS de CIRURGIA e ORTOPEDIA

Passou a chamar-se

ARQUIVOS BRASILEIROS de CIRURGIA e ORTOPEDIA

c) REVISTA da SOCIEDADE PAULISTA de ORTODONTIA

Passou a chamar-se

ORTODONTIA

d) NOTAS CIENTÍFICA ROCHE

Passou a chamar-se

REVISTA ROCHE

e) REVISTA GAÚCHA de ODONTOLOGIA

Passou a chamar-se

RGO: REVISTA GAÚCHA de ODONTOLOGIA

3) Mudanças decorrentes da incorporação/retirada de termos do nome do editor responsável 5 casos (12%)

Nesta categoria estão incluídos os títulos de periódicos que tiveram os nomes de seus editores responsáveis incorporados ou retirados dos mesmos.

Exemplo:

ANAIS da ASSISTÊNCIA a PSICOPATAS

Passou a chamar-se

ARQUIVOS do SERVIÇO NACIONAL de DOENÇAS MENTAIS

A situação evidenciada pela análise aleatória dos tipos de mudanças deixa claro o amadorismo presente na editoração de periódicos no Brasil.

Esta situação apresenta ainda um aspecto qualitativo.

DOBEREINER & LANCENEGER<sup>38</sup> destacam entre os problemas que causam a descontinuidade da edição de periódicos científicos - no caso, a área examinada foi Medicina Veterinária - a vinculação do nome da revista à determinada instituição, o que contribui para limitar a oferta de artigos submetidos à publicação em tais revistas.

É preciso destacar, entretanto, o caráter estrutural desta situação. A contribuição de POBLACIÓN<sup>39</sup>, acrescida de novos elementos de análise, embasa esta afirmativa.

Das 58 revistas editadas no período 1827-1890, 15 mudaram de título no mesmo período sem justificativa aparente. Na verdade elas foram quatro famílias. Mudanças desta natureza começaram a se manifestar no segundo título editado no período, já que o primeiro, **Propagador de Ciências Médicas**, teve vida efêmera - dois anos (1827-1828). O segundo título, **Semanário de Saúde Pública** (1831-1833), continua até hoje como **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, tendo passado por oito mudanças em um período de 157 anos. O **Boletim** surgiu em 1885, incorporado, inicialmente, aos **Anais da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro**.

Cabe destacar que os **Anais** não se encerram de todo. O **Boletim** que ele incorpora, no período 1898-1916, **Boletim da Academia Nacional de Medicina** continuou sendo editado independente até 1963. Nessa ocasião, ele continuou como **Revista da Academia Nacional de Medicina**, e voltou, como nova série do **Boletim**, a partir de 1967, continuando até hoje.

### 2.1.1.3 Situação editorial

O estudo da situação editorial destacou o estado da edição dos títulos, conforme sua apresentação como corrente, encerrados, suspensos ou com situação desconhecida.

O Quadro 5 mostra a presença da maioria dos títulos na condição de correntes (58% - 829 títulos) em 1978, término do período coberto pelo cadastro utilizado como fonte de coleta de dados. Como encerrados obteve-se 20% (290 títulos), suspensos 10% (153 títulos) e com situação desconhecida 12% (169 títulos).

O Quadro 5 surpreende, no geral, por não confirmar o "mal dos três números", quando indica 58% dos títulos como correntes e 42% entre encerrados, suspensos e com situação desconhecida.

QUADRO 5 - Demonstrativo dos periódicos segundo a situação editorial.

Situação editorial	Periódicos com trajetória acidentada ("Famílias")	%	Periódicos com trajetória normal	%	Total	%
Correntes	204	71	625	54	829	58
Encerrados	62	32	228	20	29	20
Suspensos	10	3	143	12	153	10
Situação Desconhecida	13	5	156	14	169	12
Total	289	100	1152	100	1441	100
%	20		80		100	

Pode-se considerar vários fatores contribuindo para o **inchamento** da categoria corrente. De um lado, a elasticidade que o conceito de corrente assume entre nós, no tratamento da periodicidade de periódicos, não se enquadrando, portanto, na noção de corrente enquanto situação regular e contínua. De outro, dificuldade na obtenção de dados desta natureza por parte dos responsáveis pela elaboração de cadastros, como o utilizado. Acrescente-se a este aspecto um outro, decorrente do próprio processo de preparação de obras desta natureza, como o exposto a seguir.

Quando o dado sobre a situação irregular na periodicidade da revista é percebido pelos responsáveis pela elaboração de um cadastro, mas não confirmado pelos editores da mesma, a convenção existente recomenda colocar um sinal de interrogação (?) após a data.

Porém, no Brasil, o processo de elaboração de fontes secundárias de informação ainda é sobremaneira manual. Convenhamos que manipular milhares de referências por tal processo contribui para grande incidência de erros.

Outro aspecto que contribui para esta situação decorre do fato de se ter introduzido o conceito de "família". Este, ao reduzir a taxa de natalidade, contribuiu igualmente para reduzir a de mortalidade.

POBLACIÓN<sup>42</sup> indica que, entre as revistas fundadas nos anos 70, apenas 18% sobreviviam no final deste.

LEMOS<sup>43</sup>, ao trabalhar com o núcleo de revistas indexadas pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro** e com o **IMLA**, mostrou a seguinte situação: "Dos 182 títulos de revistas indexadas pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro** em 1939, sobreviviam em 1970 apenas 47 (26%), conforme se pode verificar pela análise da publicação **Periódicos Brasileiros de Ciências e Tecnologia (PBCT)**". O Autor informa ainda que "dos 74 títu-

los de periódicos escolhidos para inclusão no **IMLA**, apenas 18 tinham sido fundados nos primeiros 40 anos deste século. Isto significa que apenas 10% dos periódicos indexados pelo **Índice-Catálogo Médico Brasileiro** em 1939 ainda estavam em circulação: os outros 90% correspondiam a revista irrelevantes”.

Cabe destacar, ainda, a natureza estrutural da descontinuidade na edição de títulos. Conforme a relação dos 58 títulos editados no século passado - anexada ao trabalho de POBLACIÓN<sup>44</sup> -, verifica-se que apenas dois chegaram a este século.

Outro aspecto destacado por LEMOS<sup>45</sup> refere-se ao “... artifício de editar volumes acumulados, cobrindo vários anos, e assim trazendo a revista para a data do ano corrente. Tudo indica que raramente essa solução resolve os problemas estruturais que levaram ao atraso. As próprias revistas de instituições governamentais que teoricamente, não teriam problemas financeiros para se manter, pois são subsidiadas com recursos do orçamento público, defrontando-se com tal problema, talvez porque os cortes orçamentários e as mudanças administrativas tendem, por um tropismo irresistível, a se abater sobre as atividades ligadas à cultura, entre as quais as revistas e as bibliotecas são alvo de particular atenção”.

#### 4.1.2 Segmentação do mercado editorial

O estudo da distribuição dos títulos por categoria editorial visa a conhecer a estrutura do mercado editorial.

A segmentação do mercado editorial de periódicos biomédicos (Quadro 6) apresenta-se constituída por organismos pertencentes ao Estado (60,5%), à Sociedade civil (29,5%) e ao Setor produtivo (10%). Nem todos

Os organismos do Estado incluem centros de estudos de hospitais (13%), Instituições acadêmicas (21,5%), Institutos isolados de pesquisa (10%) e Órgãos governamentais propriamente ditos (16%). Embora em sua totalidade esta categoria não inclua apenas órgãos do Governo, sabe-se que tais instituições, de uma forma ou de outra, dependem de recursos governamentais, o que é igualmente confirmado por LEMOS.<sup>46</sup>

A Sociedade civil é representada pelas Sociedades científicas (15,5%) e pelas Associações médicas (14%).

Os Laboratórios farmacêuticos e os Editores comerciais compõem o Setor produtivo, contribuindo, respectivamente, com 8% e 2% dos títulos.

Embora o Quadro 6 separe as revistas entre aquelas que são editadas pelo Estado e pela Sociedade civil, na realidade, a participação do Estado encontra-se em ambas as categorias, quer porque as revistas sejam editadas por organismos que se situem no âmbito do Estado, quer porque as que são editadas pela Sociedade civil recebem recursos financeiros do Governo.

Tipos de editor	Estado					Sociedade civil		Setor produtivo		Total
	Centros de estudos hospitalares	Instituições acadêmicas	Institutos isolados de pesquisas	Órgãos governamentais	Sociedades científicas	Associações médicas	Laboratórios farmacêuticos	Editores comerciais		
Títulos por editor	134	219	100	165	159	144	80	22	1023	
%	13.0	21.5	10.0	16.0	15.5	14.0	8.0	2.0	100	
%		60.5			29.5		10		100	

É o caso, por exemplo, do atual Programa de Revistas Científicas do CNPq e FINEP.

A participação do Estado, nesse nível, não é de surpreender. MEDINA<sup>47</sup> registra, nas Ciências Sociais, 11 periódicos (58%), do total de 19, editados por organismos federais e estaduais. LEMOS<sup>48</sup>, discutindo sobre a literatura especializada em Saúde, registra, entre as 74 revistas indexadas no **Index Medicus Latino-Americano**, a presença de 27 títulos (36.5%) que dependem, direta ou indiretamente, dos recursos do Estado. E, por sua vez, as revistas das Associações profissionais e Sociedades científicas representam 50% do total, o que talvez indique uma tendência atual no sentido de uma ocupação mais expressiva por parte de tais organismos na literatura médica nacional, quando se trate de inclusão em fontes secundárias.

Considerando-se a grande participação do Estado na condução das atividades científica e tecnológica no País, "não é razoável que se dê auxílio unicamente ao que é feito do laboratório, abandonando a pesquisa no meio do caminho, ao se tornar documento científico".<sup>49</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos da pesquisa, quais sejam, o do conhecimento da estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros publicados no período de 151 anos, e o da proposição de um novo método para estudo da produção de periódicos científicos, considera-se o seguinte:

1) Quanto ao primeiro objetivo, em seus aspectos da característica do produto:

- a presença de títulos de natureza qualitativa duvidosa;
- a proliferação indevida de títulos pela mudança de denominações sem motivo aparente e/ou por alterações administrativas nos órgãos editores;

- o "mal dos três números";
- falta de regularidade nas edições;
- falta de normalização, o que certamente refletiu-se na incompletude de dados do cadastro adotado como fonte de coleta de dados, parecem ser características estruturais que permeiam a edição de periódicos biomédicos em seus 151 anos de existência.

2) Quanto à segmentação do mercado;

- presença significativa do Estado, tanto como editor como subvencionador.

Esta característica não parece ser estrutural pois tudo indica que as revistas editadas no século passado faziam parte do esforço pessoal de médicos que se reuniam para a discussão e publicação de matérias de seu interesse.

3) Quanto ao método, este parece ser útil na avaliação de periódicos de áreas do conhecimento que se caracterizam pela proliferação de títulos, na medida em que se pode considerar os motivos que subjazem às mudanças.

A produção de periódicos científicos em nosso País apresenta, ainda, caráter amadorístico e improvisado, sem a observância a padrões mínimos de normalização. Isto contribui para o surgimento de muitos tipos de problemas, entre os quais, a ausência de viabilidade econômica, de qualidade na produção e de distribuição adequada. A consequência faz-se sentir na pouca efetividade que caracteriza os periódicos científicos brasileiros: desaparecem, via de regra, após o terceiro número, ou; quando conseguem sobreviver, são marcados pela irregularidade de suas edições.

Pode-se inferir do que foi exposto que a tendência para a abertura de novos títulos de revistas sem a consequente infra-estrutura editorial para mantê-las (recursos, editores qualificados e público) é uma característica estrutural.

Como sugestões para outras pesquisas na área estudada, podem ser apresentadas as seguintes:

1) Estudo do papel desempenhado pelas sociedades científicas na edição de periódicos científicos brasileiros. Este é um assunto que apresenta-se virtualmente inexplorado e, como tal, oferece ótima oportunidade de pesquisa.

2) Análise dos aspectos financeiros da edição de periódicos biomédicos brasileiros, considerando-se, entre outros, os fatores componentes do custo operacional e a presença de publicidade nas revistas.

3) Estudos de controle de qualidade, através da investigação dos formatos organizacionais e práticas adotadas para encaminhar o processo de revisão pelos pares e do próprio processo.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- 01 ZIMAN, J. **Conhecimento público**. São Paulo, EDUST/Itatiaia, 1979, p. 117.
- 02 MEADOWS, A.J. ed. **The scientific journal**. London, Aslib 1979, 299p. (Aslib Reader Series, 2).
- 03 *Ibid.*, p. 23.
- 04 ZIMAN, J., *op. cit.*, p. 24.
- 05 Ver também as pesquisas de: LEMOS, A.M.A. de. **Modelo para avaliação de periódicos científicos brasileiros**; estudo baseado na área de Radiologia. Rio de Janeiro, IBICT, 1978, 59p. Dissertação de Mestrado. Orientador: Gilda Maria Braga; YAHN, V.G. **Avaliação de periódicos brasileiros**, um estudo na área de Agricultura. Rio de Janeiro, IBICT, 1983, 114p. Dissertação de Mestrado, Orientador: Cecília Alves Oberhofer.
- 06 LEMOS, A.A.B. de. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Braziliense*, 13 de julho de 1968. *Caderno Cultural*, p. 3; GARFIELD, E. Is there a future for the scientific journal? **Science and Public Policy**, 2(11): 498-501, Nov. 1975.

- 07 HUNT, M. A fraud that shook the world of science, **The New York Times Magazine**, Nov. 1981; PETERS, D.P. & CECI, S.J. Journal review process; open peer commentary; **The Behavioral and Brain Sciences**, 5(2): 196-254, Jun. 1982.
- 08 INTERNATIONAL CONFERENCE OF SCIENTIFIC EDITORS, 1., Jerusalem, 1977. **Scientific information transfer**; the editor's role. Dordrecht, R. Reidel, 1976. 686p.
- 09 A citação é de: MEDINA, C.A. de. Estudos sobre os periódicos de Ciências Sociais no Brasil. **América Latina**. s.n.t. Foi impossível completar a referência bibliográfica pois a cópia do artigo apresentava-se sem legenda bibliográfica e não foi possível localizar a revista. A consulta negativa às fontes secundárias de Biblioteconomia e Documentação e de Ciências Sociais serviu para comprovar os problemas do controle bibliográfico no País. A revista, apesar de analisada em ambas as fontes citadas, não teve o artigo de MEDINA, incluído. É importante destacar que o autor é incluído com outras contribuições, tanto para a Biblioteconomia e Documentação quanto para as Ciências Sociais. Ver, entre outros: CUNHA M. da. Problemas dos periódicos científicos brasileiros. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1., Rio de Janeiro, 1978. **Anais**. Rio de Janeiro, IBICT, 1978. p. 209-10; STEPANENKO, A. Produção da informação formal; apresentação da informação; problemas gráficos. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1., Rio de Janeiro, 1978. **Anais**. Rio de Janeiro, IBICT, 1978. p. 187-93; SCHWARTZMAN, S. A política brasileira de publicações científicas e técnicas; reflexões. **Revista brasileira de Tecnologia**, 15(3): 25-32, maio/jun. 1984.
- 10 DIAS, M.V. Pesquisa e documentação científica no Brasil. In: SEMINÁRIO LATINOAMERICANO SOBRE DOCUMENTACIÓN CIENTÍFICA, Lima, 1962. **Anais**. Montevideo, Centro de Cooperación Científica de la UNESCO para América Latina, 1962. p. 1-2, 8-11; ZAMORA, P. Las publicaciones periódicas científicas y técnicas de Latino-América; intento de evaluación. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTACIÓN, 2., Rio de Janeiro, 1969. **Anais**, Rio de Janeiro, IBBD, 1970. p. 306-23; ARENDS, T. Las revistas médicas latinoamericanas; diagnóstico de la situación y proposiciones para mejorarlas. **Investigación Clínica**, 17 (1): 1-17, 1976; OGA, S. Apelo aos pesquisadores brasileiros, **Anais de Farmácia e Química de São Paulo**, 17 (1): 5-6, jan. 1977; MINAMI, P.S. Só em revistas estrangeiras. **Anais de Farmácia e Química de São Paulo**, 19 (1): 1-2, jan. 1979; GUPTA, B.M. & NATHAU, S.S. Scientific and technical periodicals in the developing countries. **Herald of Library Science**, 19 (1/2): 7-17, Jan./Apr. 1980; HERBSTAEDT, E. & URETA, T. Revistas chilenas de Biología; una suplica por menor cantidad y mayor calidad. **Archivos Biológicos de Medicina Experimental**, 13 :185-93, 1980; LEMOS, A.A.B. de. As revistas brasileiras do setor Saúde. **Comunicação & Sociedade**, 4(7):85-100, mar. 1982.
- 11 SCHWATZMAN, S., op. cit., p. 28-9.
- 12 REUNIÃO DE EDITORES DE REVISTAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Fortaleza, 1979. **Recomendação à CAPES**. Fortaleza, 1979. p. 1
- 13 ENCONTRO DE EDITORES DE REVISTAS CIENTÍFICAS, São Lourenço, 1984. **Documento final**. Brasília, CNPq/FINEP/Sociedade Brasileira de Microbiologia, 1984. p. 1.
- 14 Atualmente, a denominação mudou para CENAGRI - Centro Nacional de Informação Documental Agrícola.
- 15 Atualmente, a denominação mudou para BIREME - Centro Latino - Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.
- 16 ARENDS, T. El problema de las revistas médicas. **Acta Científica Venezolana**, 15 (2):95, fev. 1964, apud LEMOS, A.M.A. de., op. cit., p. 8.
- 17 LEMOS, A.A.B. de. As revistas brasileiras do setor Saúde, op. cit., p. 86-8; POBLACIÓN, D. de A. et al, Periódicos biomédicos brasileiros; paternidade, natalidade e alterações na "idade crítica". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, I., Salvador, 1980. **Anais**, Salvador, FEBAB, 1980. p. 389-418.

- 18 LEMOS, A.A.B. DE. As revistas brasileiras do setor saúde, op. cit., p. 86-7.
- 19 POBLACION, D. de A., op. cit., p. 389.
- 20 Id. A precariedade de informações que localizam coleções dos primeiros periódicos publicados no Brasil - e que, especializados e quanto existentes, encontram-se dispersos em locais diversos - e até mesmo a inexistência de muitos títulos aqui publicados impossibilitam a realização de estudos de maneira direta, isto é, compulsando a própria publicação. Contribui para tal situação o quadro de problemas existente quando se trata de reconstituir formalmente a memória nacional, qualquer que seja sua origem cultural, quer científica quer tecnológica ou político-social. Para ilustrar tal situação, cita-se o ocorrido quando da implantação da Biblioteca Regional de Medicina e Ciências da Saúde - BIREME, em São Paulo, em 1967. Nessa ocasião, vários documentos publicados foram descartados por decisões de especialistas americanos que assessoravam o empreendimento na sua fase inicial no País. Comunicação informal através de entrevista com a autora, em São Paulo, maio de 1987.
- 21 FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. Comissão Brasileira de Documentação Biomédica. **Periódicos biomédicos brasileiros, 1827-1978**. São Paulo, Sec. de Ind. Com. Ci. e Tecnol., 1981. 139p.
- 22 Esta observação pode ser constatada a partir da experiência do PAP - Programa de Aquisição Planificada do MEC - Ministério da Educação. A grande alteração nos títulos de periódicos - desdobramento e fusão - parece ser um dos fortes problemas que o Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos enfrenta na atualização de sua base de dados, uma vez que as bibliotecas cooperantes não informam devidamente tais alterações.
- 23 POBLACIÓN, D. de A., op. cit., p. 412.
- 24 Ibid., Tabela V, p. 412.
- 25 GRUPO DE TRABAJO PARA LA SELECCIÓN DE REVISTAS CIENTÍFICAS LATINOAMERICANAS, Rio Piedras, 1964. / **Documento final.** Montevideo, Centro de Cooperación Científica de la UNESCO para América Latina, 1964.
- 26 BRAGA, G.M. & OBERHOFER, C.A. Diretrizes para avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. **Revista Latinoamericana de Documentación**, 2(1):27-31, ene./jun. 1982.
- 27 YAHN, V.G., op. cit., p. 68.
- 28 COSTA, A.F.C. da. **Estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros**. Rio de Janeiro, UFRJ-ECO/IBICT, 1988. 152p. Dissertação de Mestrado. Orientadores: Maria de Nazaré Freitas Pereira e Hagar Espanha Gomes.
- 29 LEMOS, A.A.B. de. As revistas brasileiras do setor Saúde. **Comunicação & Sociedade**, 4(7): 85-100, mar. 1982.
- 30 Depoimento fornecido pelo Dr. Nelson de Barros Medina Coeli, Chefe do Serviço de Cirurgia Geral do Hospital Geral de Jacarepaguá - INAMPS, RJ.
- 31 Depoimento fornecido pela Dra. Maria da Glória Patello de Moraes, Chefe do Serviço de Anatomo- Patologia do Hospital Geral de Jacarepaguá - INAMPS, RJ.
- 32 LEMOS, A.A.B. de., op. cit., p. 97-8.
- 32 YAHN, em seu estudo com os periódicos dedicados à área de Agricultura, selecionou 76 títulos relevantes, mais 20 desses títulos não foram incluídos por ter sido impossível localizar coleções completas deles em bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Cf. YAHN, V.G. **Avaliação de periódicos brasileiros**; um estudo na área de Agricultura. Rio de Janeiro, IBICT, 1983. p. 35 Dissertação de Mestrado. Orientador: Cecília Alves Oberhofer.
- 34 LEMOS, A.M.A. de. **Modelo para avaliação de periódicos científicos brasileiros**; estudo baseado na área de Radiologia, Rio de Janeiro, IBICT, 1978. 59p. Dissertação de Mestrado. Orientador: Gilda Maria Braga.
- 35 DIAS, M.V. Pesquisa e documentação científica no Brasil. In: SEMINÁRIO LATINOAMERICANO SOBRE DOCUMENTACIÓN CIENTÍFICA, Lima, 1962. **Anais**. Montevideo, Centro de Cooperación Científica de la UNESCO para América Latina, 1962. p. 9.

- 36 POBLACIÓN, D. de A. et al. Periódicos biomédicos brasileiros; paternidade, natalidade e alterações na "idade crítica". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1., Salvador, 1980. **Anais**. Salvador, FEBAB, 1980. p. 398-418.
- 37 *Ibid.*, p. 412.
- 38 DOBEREINER, J. & LANGENEGGER, J. Revistas técnico-científicas de Medicina Veterinária no Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1., Rio de Janeiro, 1978. **Anais**. Rio de Janeiro, IBICT, 1978. p. 305-11.
- 39 POBLACIÓN, D. de A. et al., *op. cit.*, p. 393-408.
- 40 LEMOS, A.A.B. de., *op. cit.*, p. 86-8.
- 41 POBLACIÓN, D. de A. et al., *op. cit.*, p. 389, 415-6.
- 42 *Ibid.*, p. 389, 415-6.
- 43 LEMOS, A.A.B. de., *op. cit.*, p. 86.
- 44 POBLACIÓN, D. de A. et al., *op. cit.*, Tabela 1, p. 394-405.
- 45 LEMOS, A.A.B. de., *op. cit.*, p. 89.
- 46 *Ibid.*, p. 90-1, 97-100.
- 47 MEDINA, C.A. de. Estudo sobre os periódicos de Ciências Sociais no Brasil. **América Latina**. s.n.t.
- 48 LEMOS, A.A.B. de., *op. cit.*, p. 90-1, 97-100.
- 49 DIAS, M.V., *op. cit.*, p. 10.

## ABSTRACT

COSTA, A.F.C. Structure of editorial production of Brazilian Biomedical Journals. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, **1**(1): 81-104 jan./abr., 1989.

The objectives of this study were 1) to know the structure of the editorial production of Brazilian biomedical periodicals from 1827 till 1978, by the analysis of some product characteristics; 2) to develop a new method of studying the production of scientific periodicals and to evaluate Brazilian production of periodicals that carry one of the editorial area characteristics, the frequent changing of titles without significant changing in the contents, it was made use of a reference book on periodicals as a source of data collecting since it was the most practicable way to know some aspects of the publishing structure of the Biomedical area. A thousand, four hundred and forty one titles were analysed and a specific handling was given to the subject with inferable statistical data of the analysed source. Periodicals were current, enclosed, interrupted and with unknown publishing aspect. Eight editors were identified: hospital study centers, academic institutions, private research institutes, government offices, learned societies, medical associations, pharmaceutical laboratories, commercial editors and also came out a large number of titles without information about editors. The production of scientific periodicals in Brazil showed an amateurish and improvised characteristics without the fulfilment of a minima criteria of standardization, which concurs to arise many kinds of problems such as a lack of economic practicability, production quality and the appropriate distribution of titles.

### KEY WORDS:

Editoration and scientific production, biomedical periodicals.

## RESENHAS

## DISCURSO: BASES DE ANALISE

---

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos**. São Paulo: Atual, 1988, 172 p.

---

O estudo do discurso é matéria com a qual vêm se ocupando psicólogos, antropólogos, lingüistas, e outros cientistas voltados para a comunicação e a recuperação da informação. Esta diversidade de enfoques tem sido marcada pelo trabalho isolado. Há um vasto contingente de dados sendo produzidos, de teorias e de modelos sendo propostos. Neste contexto de produção surgiu um livro que enfoca o discurso dentro do prisma semiótico-lingüístico.

O livro é proveniente da primeira parte da tese de livre-docência da autora defendida na USP com o título de: A festa do discurso e Teoria do discurso e análise de redação de vestibulandos. Foram feitas algumas adaptações para esta publicação. Portanto, no livro está relatada a parte teórica do trabalho de pesquisa da autora que torna o seu conteúdo mais denso e profundo.

O livro analisa a Teoria do Discurso a partir de Saussure, Maingueneau, Pêcheux & Fuchs, Greimas & Courtés, entre outros teóricos da lingüística e disciplinas afins.

A obra está dividida em três grandes capítulos referente à Narratividade: à procura de valores; Discurso: a assunção de valores e Enunciação: a manipulação de valores. No primeiro capítulo temos os subtemas: Considerações Gerais, Estruturas sintático-semânticas, A gramática semio-narrativa, Gramática fundamental e Gramática narrativa. Neste capítulo são introduzidos elementos lingüísticos e de semiótica, sendo enfatizado os aspectos sintáticos e semânticos das narrativas bem como a sua posição na tríade o querer-saber-fazer. A autora utilizou textos de autores como João Cabral de Melo Neto, Millôr Fernandez, Manoel Bandeira e Chico Buarque de Hollanda para exemplificar e ilustrar o assunto do qual trata o capítulo, o que facilitou a compreensão do mesmo.

O segundo capítulo refere-se ao discurso que é, também, analisado em sua sintaxe e semântica, e quanto ao papel desempenhado pelo narrador e o não-narrador. Além disto vê o próprio discurso, em termos de mensa-

gem, se é falsa ou verdadeira, isto é, analisa o discurso nos seus vários aspectos - de conteúdo, do papel dos agentes narrativos, da postura, do foco da narrativa, do sentido, das interrelações entre diversas variáveis existentes no discursos, da sua variação quanto aos aspectos socio-cultural e histórico, etc. Neste capítulo, também, a autora utilizou diversos textos da literatura para esclarecer os aspectos analisados dos discursos; os pontos teóricos introduzidos são definidos, porém de forma sucinta. O último capítulo analisa o discurso quanto a manipulação de valores, o papel de enunciador e de enunciatório na estrutura narrativa e na estrutura discursiva, estes aspectos são exemplificados através de textos.

O livro *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*, da autora Diana Luz Pessoa de Barros é uma contribuição para os estudiosos da língua, os interessados em semiótica e lingüística, e demais profissionais de áreas afins, como Psicólogos, Pedagogos, Bibliotecários, ou seja, para quantos se preocupam com a comunicação feita via discurso, quer seja ele científico, literário, pedagógico, político. Quadros, gráficos e esquemas permitem uma visualização do conteúdo, dos temas e tópicos tratados, facilitando ao destinatário do texto apresentado uma melhor compreensão do mesmo. Um índice deste material facilitaria recuperar a informação contida no livro de forma mais rápida. É verdade que no Índice Analítico há algumas pistas neste sentido mas não permitem a recuperação imediata, sem a intermediação do texto.

A leitura do mesmo requer noções prévias e básicas, por parte do leitor, sobre os diversos aspectos de lingüística e semiótica que permitiriam um melhor aproveitamento e compreensão do conteúdo do livro. A problemática que se coloca especialmente para os que tem sua formação em outras ciências é a variação da taxionomia, posto que, o mesmo fenômeno tem rótulos diferentes nas várias ciências e teorias. Provavelmente esta "Babel" terminológica consista, hoje, em um dos principais entraves à inter e intradisciplinariedade. Parece que se o princípio da parcimônia fosse aplicado, em cada ciência, a nível da produção do discurso poder-se-ia acelerar a própria produção do conhecimento, a recuperação da informação e a comunicabilidade entre as ciências. Todavia, estes não são aspectos que escapam aos objetivos do trabalho aqui enfocado.

A lingüística, a semiótica, a teoria do discurso são assuntos de grande complexidade, sendo interminável o aprofundamento.

Carla Witter  
Bolsista CNPq  
Recebido em 19.09.88  
Aprovado em 14.12.88

## PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

---

CARVALHO, José Jackson C. de **Universidade em Debate**. João Pessoa: Grafset, 1988, 88p.

---

O autor do presente trabalho é mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Doutor em Ciências (Psicologia) pela Universidade de São Paulo. Foi Secretário de Educação do Estado da Paraíba e tem uma longa carreira universitária. No momento em que lançou o livro estava na fase de término de seu mandato como Reitor da Universidade Federal da Paraíba, onde é professor titular do Centro de Educação.

O livro reúne alguns textos apresentados pelo autor anteriormente sob a forma de palestras, conferências, discursos, e mesmo entrevistas à imprensa, em jornal. São colocações e reflexos que permitem ao leitor acompanhar o autor em termos de como enfoca alguns problemas da universidade brasileira. Como ele diz, na apresentação, sua "intenção é apenas participar do debate" (p. 7) que vem envolvendo toda universidade brasileira, de muitos ângulos e enfocando muitos problemas.

Pela natureza e clareza de redação são textos de leitura rápida e fácil de modo que podem servir facilmente como textos para seminários do tipo informativo, ou usando a técnica Harvard, para grupos de debate, para painéis, ensejando discussões em níveis diferenciados. Assim, em circunstâncias e dosagens diversas poderá ser útil ao ensino em matérias que discutam a universidade.

O primeiro trabalho tem por título "Primazia do Ético na Ação Pedagógica", foi apresentado no "Primeiro Simpósio de Especialistas em Educação do Estado de Alagoas" (1980) e discute a concepção e situação do homem subjacente à postura e à ação pedagógica. O texto seguinte é uma conferência sobre o problema de reestruturação da universidade (João Pessoa, 1982) que "passa fundamentalmente pelo debate das relações entre Universidade, Sociedade e Estado" (p. 25). O autor enfoca a matéria também do prisma do caráter público, da autonomia e democratização da Universidade.

Quando do centenário do nascimento do conhecido político e homem de letras José Américo de Almeida (1987), o Conselho de Cultura do Estado da Paraíba promoveu um seminário comemorativo. Nesta ocasião, Carvalho

pronunciou uma conferência mostrando a postura deste político e pensador em relação à Universidade Federal da Paraíba.

Do mesmo ano é o discurso de abertura do "Terceiro Encontro de Pró-Reitores de Pós Graduação e Pesquisa", todavia como é um discurso de boas vindas, apenas alguns pontos são apontados como base para reflexão, sem qualquer colocação mais profunda sobre os mesmos. Cabe aqui lembrar que estes pontos ainda permanecem no centro da discussão dos problemas da Universidade. Já a saudação ao senador Fernando Henrique Cardoso, nada acrescenta além de lembrar a necessidade de intercâmbio entre o legislativo e a vida universitária.

Considerando a conscientização crescente quanto a relevância da avaliação da universidade e o empenho de algumas delas e de pesquisadores isolados em proceder estudos nesta direção, pode-se dizer que o texto final do livro é de interesse neste contexto. Trata-se de uma conferência pronunciada pelo autor, em maio de 1988, no "III Seminário Internacional sobre Avaliação de Universidade". O autor discute quais objetivos e critérios devem ser considerados para a avaliação de cursos de graduação. O texto é interessante e alerta para aspectos relevantes, tendo sido prejudicado por um empastelamento na composição, mas que não impede o leitor de acompanhar as idéias básicas.

Possivelmente em decorrência da origem e natureza dos textos as referências bibliográficas são pobres.

**Universidade em Debate** é um conjunto de textos que aponta aspectos a considerar, sem buscar fazer uma análise mais profunda, nem colocar diretrizes ou bases para sua solução. É um ponto de partida, espera-se que o autor em um próximo trabalho vá além e proceda a análises mais profundas, trazendo uma nova contribuição aos problemas que estão em debate.

Geraldina Porto Witter  
PUCCAMP/USP

Recebido em 21.09.88  
Aprovado em 14.12.88

## INFORMAÇÃO-TECNOLOGIA

---

POPPEL, Harvey L. e GOLDSTEIN, Bernard. **Information Technology. The trillion-dollar opportunity.** New York: McGraw-Hill Book Co, 1987, 208 p.

---

Certamente, em nenhuma época anterior o homem dependeu tanto da informação tecnológica e da tecnologia da informação como nos tempos de hoje. Assim, não é de estranhar que um contingente cada vez maior de especialistas venha dedicando-se ao estudo da matéria. Poppel é um dos pioneiros do estudo da problemática da informação tecnológica industrial e Goldstein também dedicou toda sua vida profissional ao estudo e à administração desta modalidade de informação. Neste trabalho os dois procuraram estruturar um conjunto de dados, de conceitos e de princípios que viabilizam ao leitor uma perspectiva do rico e complexo campo em que ambos atuam há longo tempo.

John Seullely apresenta sucintamente o trabalho, lembrando que a estimativa é a de que a informação está dobrando de volume a cada 3 ou 4 anos, em todas as áreas, sendo urgente a redefinição dos conceitos e dos meios de recuperação para tornar viável o uso da mesma. Ela considera que o livro aqui resenhado pode trazer muitos esclarecimentos sobre a matéria e permitir às pessoas formularem sua própria perspectiva sobre o que a informação tecnológica pode representar para si mesma e para os demais. Esta é aliás a proposição manifestada pelos autores, na introdução, quando informam que também pretenderam satisfazer as curiosidades de seus eventuais leitores. A concepção comum de IT a considera sinteticamente como o uso de computadores e meios de telecomunicação para criar, manipular e distribuir informes relevantes e entretenimento, que penetrou de tal forma a vida moderna que se faz presente tanto no trabalho como na vida pessoal de cada um. A informação tecnológica industrial produz, por exemplo, conteúdos e facilidades que alteram a vida de seu usuário.

A obra está organizada em três partes, totalizando 17 capítulos com um número semelhante de páginas destinado a cada parte; tem um índice de matéria que facilita a localização de assuntos específicos; figuras e tabelas diversas tornam mais sintético e, por vezes, complementam o texto, estando

bem integradas no discurso. Falta um glossário que poderia ser de grande utilidade para o leitor.

A primeira parte focaliza as tendências da informação procurando sempre mostrar como os produtores e usuários podem lidar com a avalanche de tecnologia sem serem consumidos por ela. No primeiro capítulo apresenta rapidamente os cinco fenômenos básicos na IT nos dias atuais e em termos de perspectivas para a próxima década: conteúdo, interoperabilidade, desintermediação, globalização e convergência. Estes fenômenos estão intimamente entrosados e se reforçam mutuamente. Cada capítulo subsequente destaca um deles para análise.

A segunda parte trata dos vencedores e perdedores na busca, no domínio, na produção da IT. O primeiro capítulo desta parte (Cap. 7) enfoca a competitividade frenética entre os que controlam os serviços de comunicação apontando para a necessidade de um crescimento do mercado feito de forma mais madura, moderada e diversificada, visando inclusive a redução da erosão em certos setores. Há necessidade de serem estudadas e pesquisadas estratégias adequadas para a mudança. O capítulo seguinte focaliza de forma demasiado sucinta os serviços de informação e seus objetivos; expansão, defesa e intensificação. Localiza o lugar do **marketing** nos serviços de informação. Como IT atinge também os serviços de lazer os autores dedicam o 9º capítulo a este tema, lembrando que é preciso desenvolver planos para meios complexos para a audiência de massa, não esquecendo da relação custo-eficiência para atingir também audiências seletas com mensagens persuasivas. A medida em que entretenimento e informação convergem, mais emerge a complexidade das mudanças em termos de segmentação.

Os capítulos 10, 11 e 12 tratam do consumidor-usuário dos equipamentos de IT. O primeiro deles em termos das necessidades dos lares, por exemplo, a utilização convergente do computador para lazer e entretenimento nas casas. Os dois últimos focalizam as necessidades dos equipamentos de IT nos escritórios e empresas. Focalizam vantagens e limitações.

A parte final da obra compreende cinco capítulos em que os autores procuram antever o que vai acontecer com IT nos próximos anos a partir dos dados atuais. Certamente não é tarefa fácil e é uma empreitada para a qual sempre é possível levantar perspectivas diferentes. O primeiro capítulo desta parte é denso de dados e de informações sobre a avaliação da IT, sendo tomada como ponto de partida para as reflexões subsequentes. O capítulo seguinte trata das estratégias para que IT ocorra corretamente, implicando na administração de três áreas vitais para o sucesso: pessoa/cultura; tecnologia e **marketing**. No primeiro caso é preciso humanizar IT, no segundo garantir a qualidade do produto face aos avanços tecnológicos e, finalmente é preciso levar o produto a quem ele se destina. No capítulo final, os autores introduzem uma nova tecnologia para analisar o ciclo de vida de

um produto ou da IT de modo a garantir a produtividade e a eficiência ao longo do ciclo: aparecimento, proliferação, análise, renovação. Fecham o capítulo e com ele o livro apresentando os pontos básicos que um sistema abrangente de marketing deve incluir.

Ao término da leitura o leitor pode sentir falta de um capítulo que ao mesmo tempo fechasse as proposições dos autores e estabelecesse conclusões mais precisas. É apenas uma primeira impressão, pois parece que os autores delegaram aos seus leitores esta tarefa, nela ficou o espaço aberto para as próprias considerações e tomadas de posição pelo leitor. No livro estão os dados, os conceitos, as premissas e as próprias perspectivas de seus autores. O leitor poderá elaborar o "seu" capítulo final em consonância ou em dissonância das projeções dos autores. Fará sua própria reflexão, criará seu próprio texto. Assim, o capítulo de fechamento será escrito por todos e, certamente, ficará inconcluso pois em ciência e tecnologia é preciso sempre estar pronto para mudar.

Certamente este é um livro que interessa a todos os homens enquanto pessoas que consomem ciência e tecnologia, mas é inegavelmente útil a todos os que produzem, tratam e divulgam informação e a todos que estão de alguma maneira ligados profissionalmente à tecnologia da informação.

Geraldina Porto Witter  
PUCCAMP/USP

Recebido em 24.08.88

Aprovado em 02.11.88

## BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS

---

PANET, C.F. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenis.** João Pessoa, Editora Universidade/UFPb, 1988, 70p. (Dissertação de Mestrado).

---

O livro aqui resenhado enfoca um assunto de profunda importância para o incentivo à formação do hábito de leitura no público infanto-juvenil. O texto em seu compute geral mostra a necessidade de se implantar e manter adequadamente as Bibliotecas Infanto-Juvenis, sendo de interesse para bibliotecários, setores administrativos responsáveis pelas bibliotecas bem como, pelos que se preocupam com o desenvolvimento da leitura em crianças e jovens.

Embora a ficha catalográfica tenha feito constar como dissertação de mestrado esta informação está incorreta, posto que se trata efetivamente apenas da introdução e conclusões da obra de onde foi extraída. Infelizmente, a parte mais original e a contribuição real com dados de realidade brasileira pesquisada (mais de 40 páginas), que inclusive sustentariam as conclusões, foram omitidas. Esta decisão deve ter tido por objetivo tornar mais acessível a obra para o grande público. Por se tratar de uma editora universitária pública, que não visa lucro, poderia ter publicado o documento na íntegra tornando o livro de maior utilidade para pesquisadores e bibliotecários. Mesmo assim, a revisão bibliográfica feita já é suficiente para recomendar a leitura deste texto.

O livro é prefaciado por Maria das Neves N. Tavares Cavalcanti que faz a apresentação da autora e mostra a importância da matéria em discussão.

A facilidade de leitura é uma das características desta parte da dissertação, a qual permite a qualquer leigo ter noção sobre a problemática das Bibliotecas Infanto-Juvenis no Brasil. Assim atinge também aos profissionais da área da educação e da psicologia escolar.

A autora dá início a sua dissertação com uma conceituação e apontando a relevância destas instituições dentro do processo educacional. Aborda a necessidade de estímulo para que a criança e o jovem venham a adquirir o prazeroso hábito da leitura, um prazer e não um tédio facilmente suplantado pelos demais canais de comunicação.

O histórico sobre o trabalho desenvolvido em algumas Bibliotecas faz com que se reflita na carência que ainda é observada neste segmento do processo educacional no Brasil: Mas Panet não esquece de mostrar o es-

forço que vem sendo feito por algumas instituições em pontos isolados do país, com vários modelos sendo apresentados.

Apona de maneira rápida e suscinta o que considera ser as Funções da Biblioteca Infanto-Juvenil, suficiente para se refletir sobre o assunto.

As relações da Biblioteca com a Comunidade e as relações da Biblioteca Pública com a Escolar, são tópicos vistos de maneira informativa e objetiva. Fica clara a necessidade de estudos criteriosos para a definição dos acervos mais adequados ao público alvo. Quanto à relação entre Biblioteca Pública e a Escolar a autora apresenta uma série de possibilidades de atuação complementar e conjunta a serem desenvolvidas pelas instituições e por seus profissionais.

No sexto capítulo (Atividades de Extensão da Biblioteca Infanto-Juvenil) a autora aponta várias técnicas e programas que propulcionam e ampliam a atuação das Bibliotecas de forma a torná-las mais atraentes a seu público alvo, um público constituído por crianças e jovens ainda em fase de aquisição do prazer de ler, e que para tanto precisam de um ambiente agradável e estimulante. A abordagem é clara e leva a uma série de caminhos a serem explorados e para os quais profissionais da área devem estar atentos. No decorrer do trabalho pode-se verificar o que vem sendo feito nesta área, nas diversas regiões do país, onde são apontadas experiências, adaptações feitas com base em modelos estrangeiros, na busca de uma solução regional.

Como atrair o público alvo às bibliotecas? Quais as funções destes estabelecimentos? Como devem interagir as bibliotecas públicas e escolares? Panet apresenta resultados obtidos de sua observação e de levantamentos feitos que permitem reflexões sérias sobre o muito que há por ser feito.

Mais uma vez vale lembrar a falta dos dados da pesquisa de sustentação das afirmações feitas. Só buscando a própria dissertação o leitor terá informações pertinentes à realidade pesquisada pela autora.

Nas conclusões, objetivamente destaca aspectos a serem considerados e dificuldades existentes para a formação de Bibliotecas Infanto-Juvenis dentro das diferentes realidades sócio-político-econômicas existentes no Brasil.

A obra da autora é interessante e de maneira global leva o leitor a refletir quanto à problemática da instituição Biblioteca Infanto-Juvenil no Brasil, tendo em vista as dificuldades e a busca de soluções. É um bom texto para consulta e discussão por parte dos profissionais atuantes na área de educação e biblioteca, bem como, para os que estão cursando biblioteconomia.

Telma C. Witter

Recebido em 10.10.88

Revisão em 18.01.89

Aprovado em 31.01.89

## **COMUNICAÇÕES DE PESQUISAS**

## A PESQUISA EM LEITURA E A BIBLIOTECA (1986/1987): INFORMATIVO

*Geraldina Porto Witter  
PUCCAMP/USP*

A International Reading Association pública anualmente um levantamento bibliográfico sobre os trabalhos de pesquisa realizados na área de leitura, confiando a tarefa a especialistas na área. Nos últimos anos tem cabido a Sam Weintraub (1988) coordenar esta tarefa. No volume publicado em 1988, cobrindo o período de julho de 1986 a junho de 1987, ele contou com a colaboração de Helen K. Smith, Nancy L. Roser, Walter J. Moore, Michael W. Kibby, Katheen S. Jongsma, Eugene A. Jangma e Peter J. L. Fisher.

Foram levantadas 900 referências de pesquisas que os autores aglutinaram em seis áreas: Revisões de Pesquisa sobre Leitura; Sociologia da Leitura; Fisiologia e Psicologia da Leitura; Ensino da Leitura e Leitura e o Aprendiz Atípico. A categoria mais frequente foi a de Fisiologia e Psicologia da Leitura. A revisão cobriu cerca de 400 títulos de revistas consideradas como as mais relevantes em termos internacionais. O levantamento foi agrupado pelas várias áreas e após a referência é apresentado um resumo da pesquisa.

Como se trata de leitura, muitos textos dizem respeito diretamente à atividade do bibliotecário ou envolvem a biblioteca como instituição, outros estão mais indiretamente afeitos ao trabalho do referido profissional e organização. Na presente consideração são enfocados apenas os textos que foram arrolados em sub-títulos em que o profissional ou a própria Biblioteca aparecem diretamente mencionados. Assim sendo, pesquisas sobre história do livro N=4, ou publicações de livros N=4, revistas e jornais N=11, interesses, preferências e hábito de leitura N=7 ou análise de conteúdo de fontes impressas N=50 não serão aqui apresentadas.

No levantamento coordenado por Weintraub as bibliotecas aparecem com N=8, Bibliotecas Escolares e Universitárias N=5, Papel e Estatus das Bibliotecas N=6. Totalizam 29 trabalhos, ou seja, cerca de 3% das referências levantadas.

No que tange ao uso, as pesquisas focalizaram mais o adulto N=5 sendo três com universitários; o instrumento mais frequentemente empregado foi o questionário, mas a análise foi feita de modo a permitir comparações a nível quase-experimental em vários trabalhos. A preocupação centrou-se no estudo das variáveis determinantes do uso.

Na categoria sobre História de Biblioteca ocorreram pesquisas institucionais como as relativas à Cambridge University Library; Airdrie Public Library, bem como, estudos mais abrangentes como 100 anos de desenvolvimento de atendimento a escola feito a partir de bibliotecas públicas na Inglaterra, ou o desenvolvimento das bibliotecas rurais no mesmo país, ou ainda estudos de cunho histórico sobre serviços, atendimentos especiais ou enfoques específicos.

Das Bibliotecas Universitárias e Escolares as primeiras foram enfocadas em três estudos e as últimas em dois. No primeiro caso, apareceu uma pesquisa sobre como este tipo de biblioteca se encontra no Iraque, outro sobre seu desenvolvimento na Irlanda e um terceiro que pesquisou a disponibilidade de livros em uma biblioteca universitária californiana (Santa Cruz). No outro nível apareceu uma pesquisa de avaliação da qualidade de um sistema modelo norteamericano e outra, realizada na Espanha, enfocando atitudes práticas no uso de livros por leitores jovens que frequentam bibliotecas públicas e escolares.

O Papel e o Estatus das Bibliotecas incluiu pesquisas sobre atendimento a pessoas idosas, programas educacionais; percepção dos objetivos da Biblioteca; desenvolvimento de serviços (Nigéria); serviços referenciais e centros culturais.

As informações contidas nesta nota parecem suficientes para que o leitor tenha uma rápida percepção do que foi pesquisado, em leitura, envolvendo diretamente a Biblioteca, conforme o levantamento feito pela equipe que conduziu a pesquisa documental que gerou a publicação que serviu de base para esta nota.

## Referência:

- WEINTRAUB, Sam. **Annual summary of investigation relating to reading**, July 1, 1986 to June 30, 1987. Newark., Delaware (USA): International Reading Association, 1988. 293p.

## PESQUISAS EM ANDAMENTO<sup>1</sup>

No Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, estão em desenvolvimento as seguintes pesquisas.

ALENCAR, Maria de Cleófas Faggion, (Coordenadora). Referências bibliográficas nos planos de curso de pós-graduação em biblioteconomia da PUCCAMP (1977 / 1987). Pesquisa documental tendo por suporte os planos de curso das disciplinas oferecidas no mestrado de 1977 e 1988, focalizando as referências quanto ao tipo, formato, língua, conforme aparecem em duas fases da história do curso. Início: 1988.

ARAÚJO, Franca Maria Benedetti Galvão. Planejamento de informação para tecnologia aeroespacial: um estudo de caso. Com o objetivo de determinar padrões de consumo de tecnólogos através da demanda, recorreu-se à análise de citações em seus trabalhos, do uso de acervo e serviços e dos pedidos de aquisição. Início: 1987.

CORDEIRO: Xênia Lacerda. Produção cultural para a criança brasileira: o livro infantil em seu contexto editorial. Pesquisa documental analisando o livro de literatura infantil quanto a aspectos editoriais (texto, ilustração, diagramação e arte gráfica), dentro de uma perspectiva histórica. Início: 1988.

GARCIA, Cora Cordeiro. Informação Tecnológica: análise em uma empresa. Com o objetivo geral de analisar os fluxos sistêmicos da informação tecnológica (exógena e endógena) em uma empresa será feita uma pesquisa descritiva e correlacional junto a cientistas e engenheiros

<sup>1</sup>Encaminhar para publicação nota sobre pesquisa(s) em andamento, que venha(m) sendo realizada(s) em instituições, ou programas, ou isoladamente, em Biblioteconomia, Ciência da Informação ou áreas de domínio conexo, segundo o formato aqui utilizado.

usando o Quadro de Distribuição de Trabalho e uma entrevista com roteiro. Início: 1988.

GOUVEIA, José Vanderlei. O enfoque da administração na biblioteconomia brasileira: uma análise documental. Pesquisa documental enfocando a evolução da administração aplicada à biblioteconomia, no Brasil, do prisma histórico, destacando temas e enfoques referidos nos discursos: artigos de revistas e catálogo de dissertações e teses. Início: 1988.

GIACOMETTI, Maria Marta. A motivação e a busca da informação: análise de comportamento de docentes e pesquisadores de três áreas do conhecimento (UFMS). Pesquisa quase-experimental visando a análise da motivação e do próprio comportamento de docentes e pesquisadores ao buscarem informação, focalizando alvos finais e intermediários, manutenção da resposta, necessidades, fontes e canais, bem como a influência das variáveis sexo e área da ciência (Ciências Humanas e Sociais; Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Biológicas e da Saúde) a que se vincula o pesquisador. Início: 1988.

HENRIQUE, Ivanir Terezinha. A biblioteca universitária nas fundações educacionais de Santa Catarina: análise situacional como premissa ao planejamento. Pesquisa de levantamento visando ao diagnóstico e caracterização de bibliotecas universitárias de Santa Catarina. Início: 1986.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. Pesquisa escolar na biblioteca pública. Pesquisa de levantamento realizada em biblioteca pública do interior do Estado de São Paulo, recorrendo a questionário, análise documental de trabalho de alunos e a mini-entrevista para detectar o uso da instituição para a realização de trabalhos escolares (5ª e 8ª séries do 1º grau). Início: 1987.

MOSTAFA, Solange Puntel (Coordenadora). Objetivos nos planos de curso da pós-graduação em Biblioteconomia da PUCAMP (1977/1988). Pesquisa documental enfocando os planos de curso das disciplinas de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCAMP visando a análise da formulação dos objetivos quanto ao foco de direcionamento da atenção (docente/discente) e dimensão (afetiva, cognitiva, psicomotora), antes e depois da definição da administração como área de concentração do curso. Início: 1988.

NASCIMENTO, Maria Alice Rebello. Análise da ideologia contida em normas, códigos e regulamentos da biblioteconomia. Pesquisa documental descritiva objetivando a ideologia dos documentos normativos mais frequentemente empregados nas bibliotecas brasileiras (códigos de ética, de classificação e de catalogação). Início: 1987.

- OLIVEIRA, Rosa Maria Vivona B. Avaliação de coleção de periódicos em uma instituição de pesquisa utilizando análise de produção científica. Pesquisa documental tendo por base a produção científica para verificar o nível de atendimento da demanda, a idade mediana das citações e verificar se os documentos mais acessíveis são os mais utilizados pelos pesquisadores da área de energia nuclear aplicada à agricultura. Início: 1985.
- OTANI, Kazue. Educação continuada dos recursos humanos em bibliotecas universitárias: estudo comparativo. Pesquisa quase-experimental enfocando comparativamente diversos aspectos relacionados com a educação continuada do pessoal das bibliotecas de duas universidades brasileiras. Início: 1987.
- PALMA, Helena Maria de Camargo. Editoração como mercado de trabalho para o bibliotecário: um estudo no Estado de São Paulo. Com o objetivo geral de analisar o campo de editoração como mercado de trabalho para o bibliotecário. Foram remetidos questionários às editoras e conduzidas entrevistas com editores, comparando-se as editoras públicas com as particulares. Início: 1987.
- POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Comparação dos currículos dos cursos de graduação em biblioteconomia do Estado de São Paulo. Estudo avaliativo comparativo do currículo do curso de graduação em Biblioteconomia do Estado de São Paulo, focalizando as disciplinas de fundamentação geral, as instrumentais e as profissionais. Início: 1988.
- PRAZERES, Yara Maria Pereira da Costa. O comportamento do docente/pesquisador na Universidade Estadual de Londrina como usuário da informação. Pesquisa quase-experimental comparando o comportamento dos docentes/pesquisadores de três áreas distintas enquanto usuários da informação, tendo o questionário como meio para levantar os dados iniciais. Início: 1987.
- PURQUERIO, Maria Cecília Villani. Usuário da biblioteca universitária "Alfredo Américo Hamar" da Fundação Educacional de São Carlos. Pesquisa quase-experimental caracterizando e comparando usuários, professores e alunos de graduação quanto a busca e uso de documentos, bem como quanto a hábitos. Início: 1987.
- VÁLIO, Else Benetti Marques. (Coordenadora). Avaliação nos planos de curso da pós-graduação em biblioteconomia da PUCCAMP (1977/1988). Pesquisa documental concretizada a partir dos planos das disciplinas distribuídas a longo de dois períodos da história do curso, tendo por marco a mudança da área de concentração, focalizando as modalidades e tipo de avaliações usadas pelos professores. Início: 1988.

- RIGOLO, Solange. *Questão Agrária: usuário e uso da informação (O papel da biblioteca da ABRA)*. Pesquisa de campo quanto ao uso da revista *Reforma Agrária*, da ABRA, e análise de conteúdo e de aspectos formais da mesma publicação, recorrendo à metodologia da pesquisa documental. Início: 1987.
- SILVA, José Fernando Modesto da. *A microinformática nas bibliotecas das universidades públicas do Estado de São Paulo*. Tendo por objetivo fazer um diagnóstico do uso de microcomputadores nas bibliotecas universitárias estatais, quanto a aspectos físicos, humanos e operacionais, está em andamento uma pesquisa descritiva de levantamento com dados colhidos através de questionário. Início: 1988.
- WITTER, Geraldina P. e BERAQUET, Vera Sílvia Marão. *A biblioteconomia no Dissertation Abstracts International (1980/1984)*. Pesquisa documental localizando o DAI para detectar temas mais pesquisados e metodologia empregada nas teses arroladas na referida fonte.

## RESUMO DAS DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA DA PUCCAMP EM 1988

Kurihara, Maria Helena **Definição de núcleos básicos de periódicos do Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (CNHPPH/EMBRAPA):** proposta de modelo de ação para aquisição e descarte. Campinas, 1988. Dissertação de mestrado - Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP.

### RESUMO

Através da análise de cinco procedimentos de avaliação de coleções: Comutação bibliográfica, empréstimo, análise de citação, entrevista e questionário, procurou-se estabelecer critérios que permitissem a identificação de um núcleo comum de periódicos às 15 áreas de pesquisa em desenvolvimento no Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH), bem como identificar núcleos mínimos de periódicos para cada uma delas

A análise dos títulos e periódicos feita através dos cinco procedimentos mostrou ser viável quando aplicado todos eles para a caracterização posterior de possíveis zonas de periódicos. Entretanto, embora os procedimentos se correlacionem entre si, de um modo geral, quando aplicado individualmente, são insuficientes para atender a todas as áreas do Centro.

Com o uso concomitante dos cinco procedimentos, foi possível estabelecer como ponto de partida, um núcleo comum às 15 áreas de pesquisa, bem como determinar as zonas de periódicos para as áreas que tiveram maior atuação durante o período analisado.

A partir do núcleo comum e das zonas de periódicos, embora em caráter experimental, propõe-se um modelo de ação para aquisição e descarte de periódicos.

LEME, Roseli T. Silva. **Comunicação e Expressão nas Bibliotecas Infanto-Juvenis: ação e perspectivas de bibliotecários.** Campinas, S.P., 1988. Dissertação (mestrado) - Curso e Pós-Graduação em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

## RESUMO

O estudo levanta os tipos de Atividades de Comunicação e Expressão, realizadas nas unidades pertencentes à rede de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Cidade de São Paulo, considerando como variáveis os elementos administrativos: planejamento, implementação e avaliação, assim como as perspectivas dos Bibliotecários-Chefes quanto ao desenvolvimento dessas Atividades.

Os dados foram obtidos através de entrevistas efetuadas com as chefes das Bibliotecas Infantis, seguindo-se um roteiro pré-estabelecido.

Os resultados mostraram a ausência de planejamento com base científica, decorrendo daí falha a nível de avaliação. Há concentração em atividades plásticas e lúdicas, mas há aceitabilidade pelas crianças e jovens, quando outras possibilidades são fornecidas.

Evidenciou-se que há necessidade e uma atuação administrativa mais eficiente, tanto a nível local (unidades) como do Departamento, de modo a melhorar e integrar os programas de Comunicação e Expressão, bem como de conduzir avaliações periódicas de serviços. Isso proverá dados confiáveis para a administração atuar em moldes científicos.

NASTRI, Rosemeire Marino. **Formação e atuação dos egressos da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos: um estudo de avaliação (1959-1985).** Campinas, 1988. 342 p. Diss. (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

## RESUMO

Com o objetivo de analisar a situação dos egressos da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos no mercado de trabalho do Estado de São Paulo e a adequação de sua formação a esse mercado, levantou-se aspectos relevantes para a política educacional da Escola e para o ensino da biblioteconomia no Brasil. Através de levantamento de dados na EBDSC e no Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª Região e da aplicação de questionário aos ex-alunos da Escola, formados entre 1960 e 1985, atuantes no Estado de São Paulo, verificou-se que esses profissionais eram em sua maioria do sexo feminino, casados e em plena maturidade, oriundos de 98 cidades, predominantemente de São Carlos e que buscaram o curso

para aumentar sua cultura geral e para adquirir conhecimentos específicos. Atuavam principalmente em São Paulo e em São Carlos, em bibliotecas universitárias do governo estadual, com vencimentos superiores a dez salários mínimos, desempenhando predominantemente tarefas técnicas. Consideraram ter habilidades necessárias ao desempenho profissional e ressaltaram a importância do conteúdo das disciplinas profissionalizantes. Registrou-se grande interesse por cursos de especialização. Valorizaram a Escola como um todo, o corpo docente e as disciplinas. Criticaram aspectos conceituais e das disciplinas do currículo. A principal sugestão foi quanto ao conteúdo das disciplinas. No todo, a avaliação da Escola foi positiva.

OLIVERIA, M.O.E. **Biblioteca e sociedade:** confronto de duas concepções curriculares para a formação do bibliotecário. Campinas, SP., 1988. 148p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

## RESUMO

O trabalho parte da necessidade de se conhecer a função da biblioteca na sociedade e o papel social do bibliotecário, para o planejamento e avaliação de currículos e programas para o curso de graduação em Biblioteconomia. Tem como objetivo principal conhecer a situação do ensino de Biblioteconomia orientado por duas concepções curriculares de formação do bibliotecário. Para alcançar esta finalidade foi realizada uma coleta de informações através de depoimentos de professores e alunos dos cursos de Biblioteconomia da UFPa e da PUCCAMP, que representam, respectivamente, duas concepções curriculares: o currículo mínimo de 1962 (UFPa) e o currículo mínimo de 1982 (PUCCAMP). De acordo com o confronto dessas duas concepções curriculares, procurou-se conhecer qual o pensamento dos professores e alunos sobre: a) a função da biblioteca na sociedade e o papel social do bibliotecário; b) a filosofia e os objetivos desses dois cursos de graduação em Biblioteconomia; c) a ação pedagógica dos professores no desenvolvimento dos currículos e dos programas. Os resultados mostram que o ensino de graduação em Biblioteconomia, mesmo com a mudança para o novo currículo, precisa ser repensado na maneira de ver o social se pretende ter uma ação transformadora e sugere alternativas para reflexões e questionamentos.

SACCHI JR, N. **Biblioteca na antigüidade clássica**. Campinas, 1988. 139p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

## RESUMO

Analisa o papel das bibliotecas no mundo greco-romano, tendo em vista a obra de James Thompson, intitulada A history of the principles of librarianship. O referencial do materialismo histórico embasa a análise, principalmente no que lhe é mais caro: a categoria historicidade, de onde são pensadas as categorias educação e cultura para o período. Assim, a análise passa pela compreensão do "funcionamento" da sociedade greco-romana em seus aspectos infra e supra estruturais. Para tanto, a filosofia da história e a história da filosofia são apresentadas como momentos de um mesmo processo histórico-social. Como a obra de James Thompson, ponto de partida da análise, revela-se conservadora e elitista, uma nova maneira de pensar a sociedade e, conseqüentemente, a biblioteca, foi possível. Guardando a dialética passado/presente, a análise oferece embasamento para repensar o passado, quer o presente, abrindo dessa forma, uma linha de investigação processual inexistente na Biblioteconomia brasileira.

## RESUMO

O trabalho trata da necessidade de se conhecer a função da biblioteca na sociedade e o papel social da biblioteca, para o planejamento e avaliação de cursos e programas para o ensino de graduação em Biblioteconomia. Tem como objetivo principal conhecer a situação do ensino de Biblioteconomia ofertado por duas concepções curriculares de formação de bibliotecários. Para alcançar esta finalidade foi realizada uma coleta de informações através de depoimentos de professores e alunos dos cursos de Biblioteconomia da UFPA e da PUCAMP, que representam, respectivamente, duas concepções curriculares: o currículo mínimo de 1982 (UFPA) e o currículo mínimo de 1982 (PUCAMP). De acordo com o conteúdo dessas duas concepções curriculares, procurou-se conhecer qual o tratamento dos professores e alunos sobre: a) a função da biblioteca na sociedade e o papel social da biblioteca; b) a filosofia e os objetivos desses dois cursos de graduação em Biblioteconomia; c) a ação pedagógica dos professores no desenvolvimento dos currículos e dos programas. Os resultados mostram que o ensino de graduação em Biblioteconomia, mesmo com a mudança de um novo currículo, precisa ser repensado na medida de ver o social se pretende ter uma ação transformadora e atingir alternativas para melhorias e questionamentos.

**RELAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DEFENDIDAS  
NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA  
ATÉ DEZEMBRO DE 1987**

MARTUCCI, Elisabeth Marcia. **Automação**: estratégias e práticas de ensino. 180p.

MONTALLI, Kátia Maria Lemos. **Biblioteconomia comparada**: estratégias e práticas de ensino. 285p.

CAMPOS, Liene. **Publicações periódicas e seriadas**: estratégias e práticas de ensino. 173p.

ARRUDA, Ruth Moura. **Seleção e aquisição de materiais bibliográficos**: estratégias e práticas de ensino. 206p.

PESSOA, Hilva Moraes. **Introdução à Ciência da informação**: uma proposta de curso para biblioteconomia. 199p.

GOMES, Ângela Maria Castelo. **Estágio em biblioteconomia**: estratégias e práticas de ensino. 115p.

FERRIN, Ana Maria. **Bibliotecas universitárias**: uma proposta de ensino. 233p.

CUNHA, Marina Campos. **Arquivologia e arquivística**: no currículo de biblioteconomia. 308p.

BONETTO, Neusa Cordeiro. **Bibliotecas públicas**: estratégias e práticas de ensino. 263p.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. **História do livro e das bibliotecas**: modelo de instrução. 83p.

FREITAS, Maria Terezinha Neves. **Bibliotecas infanto-juvenis**: estratégias instrucionais. 191p.

AMORIM, Placida Leopoldina Ventura. **Biblioteca e a interação televisão-leitura**. 99p.

- HANAI, Sonia Maria Trombelli de. **Aspectos da formação profissional do bibliotecário brasileiro face às demandas audiovisuais à sua realidade de trabalho.** 165p.
- BRUNETTI, Maria Isabel Santoro. **Proposta de uma metodologia para integrar os programas de educação dos usuários aos objetivos educacionais da universidade.** 143p.
- SILVA, Valéria de Assumpção Pereira da. **Proposta de integração entre educador e bibliotecário nas escolas de 1º e 2º graus.** 101p.
- ALESSI, Clóris. **Análise e caracterização do ensino da disciplina "Orientação Bibliográfica" nos cursos de pós-graduação no país.** 154p.
- BROCATTI, Antonia Lúcia. **Uma metodologia para a construção de um questionário voltado à avaliação das percepções que o usuário tem da biblioteca universitária.** 142p.
- MADUREIRA, Maria Aparecida Ehke. **A biblioteca escolar na rede estadual de ensino de 1º grau do Paraná: diagnóstico e avaliação.**
- BONATO, Ana Lúcia Maia. **Caixas-biblioteca em bairros de periferia** sistematização de uma experiência.
- BRANDÃO, Lúcia Maria Batista. **Hábito de leitura dos estudantes de biblioteconomia:** referencial para uma proposta de inclusão da disciplina "Introdução à Leitura" nos cursos de formação do bibliotecário. 153p.
- PINTO, Antonia Terezinha Marcântonio. **Promovendo a leitura na escola:** um trabalho de intervenção em biblioteconomia. 88p.
- NOGUEIRA, Maria Christina de Almeida. **A importância da educação e usuário de biblioteca escolar para programas de incentivo à leitura e pesquisa.** 165p.
- LUCAS, Clarinda Rodrigues. **O sistema de informação e o processo de transferência tecnológica.** 141p.
- BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **A presença de elementos pedagógicos nos serviços biblioteconômicos.** 243p.

# DOCUMENTO

## TRANSFORMAÇÃO

### ESTATUTO

#### CAPÍTULO I - DA REVISTA E SEUS FINS

Art.1. Sob a denominação de **Transformação** fica criado o periódico técnico-científica do Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com sede à Praça Imaculada, 105 - Bairro Swift - 13.045 Campinas, SP.

Art.2. **Transformação** tem por objetivo divulgar o conhecimento científico nas áreas de biblioteconomia, ciência de informação e ciências de domínio conexo, através da publicação de contribuições que se enquadrem em uma das seguintes categorias:

**Temas em Debate:** Assuntos polêmicos para os quais a diretoria convidará de 3 a 5 especialistas da área para apresentarem seus pontos de vista; o tema de cada número será definido pelo Conselho Editorial (até 15 laudas por texto).

**Artigos:** Reflexões teóricas e relatos de pesquisa (até 25 laudas).

**Comunicações de pesquisa:** Informações sucintas de pesquisas realizadas (dissertações, teses e outros documentos até uma lauda).

**Informações sobre pesquisa em andamento:** Informações sucintas sobre pesquisas em andamento (1 lauda datilografada).

**Resenhas:** Apresentação e análise de livros publicados na área (até 5 laudas).

**Registro:** Informações sobre eventos.

**Correspondência:** Relativa a revista e a trabalhos nela publicados que o Conselho Editorial julgue relevante publicar.

Art.3. **Transformação** publicará artigos originais em português, inglês, francês, espanhol, sendo sempre apresentados resumos em português e inglês (inclusive título)

#### CAPÍTULO II - DA ADMINISTRAÇÃO

Art.4. A administração da **Transformação** será concretizada pelo Conselho Editorial, contando com um Corpo Editorial, além de Consultores **ad hoc**, quando necessário, e eleita conforme o estabelecido no Capítulo IV deste Estatuto.

- Art.5. O Conselho Editorial é constituído por quatro docentes, um ex-aluno e um aluno do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, e tem por competência:
- a) eleger seu Diretor;
  - b) eleger seu Secretário;
  - c) eleger seu Tesoureiro;
  - d) indicar membros para o Corpo Editorial;
  - e) decidir sobre temas a serem enfocados na revista;
  - g) decidir o conteúdo programático de cada número, respeitando a ordem de entrada na Secretaria e cuidando para que, pelo menos 50% sejam trabalhos de pesquisa;
  - h) decidir sobre questões administrativas e financeiras concernentes à revista;
  - i) revisão final (datilográfica e tipográfica) dos artigos;
  - j) definir o preço dos exemplares e o valor da assinatura;
  - k) decidir quanto às normas editoriais e de apresentação de trabalhos, e
  - l) promover as eleições designando uma comissão eleitoral.
- Art.6. O Conselho Editorial ficará instalado junto ao Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP, contando com seu pessoal de apoio técnico administrativo.
- Art.7. Compete ao Presidente: convocar, preparar e coordenar as reuniões do corpo Editorial; distribuir material para parecer; cuidar para manter o sigilo quanto às avaliações dos trabalhos apresentados para publicação; dar o voto de Minerva em questão de publicação; manter a secretaria e representar a revista.
- Art.8. Compete ao Secretário: Substituir o Diretor em seus impedimentos, assessorá-lo em todos os trabalhos da diretoria e ainda: arquivar originais e fotolitos; manutenção dos arquivos, organização da matéria para impressão de cada número; correspondência com autores, leitores, assinantes e membros do Corpo Editorial.
- Art.9. Compete ao Tesoureiro: Manter o cadastro dos assinantes e controle do material impresso e de sua distribuição; processamento da verba decorrente da venda da revista ou de propaganda nela veiculada; cuidar dos custos de publicação e de outros aspectos financeiros envolvendo **Transinformação** bem como fazer a apresentação de contas ao Conselho Editorial.
- Art.10. O Corpo Editorial é constituído pelos membros do Conselho Editorial e mais seis membros atuando em outras Universidades ou Instituições da área conexa, respeitando-se o disposto no Artigo 21 e seu parágrafo único deste Estatuto.

Art.11. O Corpo Editorial é responsável pela manutenção da qualidade da revista, devendo zelar pelo seu alto nível, bem como pela representatividade de todas as tendências e áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

### CAPÍTULO III - DA MATÉRIA PUBLICADA

Art.12. Todos os Direitos editoriais são reservados. Nenhuma, parte das publicações poderá ser reproduzida, estocada por qualquer sistema ou transmitida por qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, xerocópia, existente ou que venha a ser criado, sem prévia permissão do Conselho Editorial, ou sem contar com o crédito de referência, de acordo com as leis de direitos autorais vigentes no Brasil.

Art.13. A aceitação do trabalho para publicação implica na transferência de direitos do autor para Transinformação, sendo assegurada a mais ampla divulgação da informação.

Art.14. Junto ao artigo o autor encaminhará declaração no sentido de aceitação das regras da revista e da qual fará constar não ter apresentado o trabalho, na íntegra, em nenhum outro veículo de informação, bem como a autorização ou declaração de direitos cedidos por terceiros caso transcreva figuras, tabelas ou textos transcritos ou traduzidos, com mais de 200 vocábulos, editados por outros autores.

Art.15. O conteúdo dos trabalhos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Art.16. Em cada exemplar de **Transinformação** constarão as normas para apresentação de trabalhos.d4

### CAPÍTULO IV - DAS ELEIÇÕES E PREENCHIMENTO DE CARGOS E FUNÇÕES

Art.17. Os membros do Conselho Editorial serão escolhidos por seus pares, para uma gestão de 4 (quatro) anos, podendo haver re-eleição apenas para um mandato subsequente.

Art.18. O Conselho Editorial eleito escolherá o Diretor, o Secretário e o Tesoureiro e os demais membros do corpo editorial.

Art.19. A renovação dos representantes do corpo docente será feita em 50% após dois anos, através de eleição.

Art.20 O Conselho Editorial convidará seis outros membros atuando em outras Universidades e/ou Instituições nacionais ou estrangeiras, para comporem o Corpo Editorial.

§ 1. Poderão também ser convidados especialistas considerados

como consultores “ad hoc” para avaliar as contribuições.

§ 2. Na escolha deverá cuidar para que estejam representadas as seguintes áreas: Administração, Biblioteconomia, Comunicação, Educação, Filosofia, Informática, Linguística, Sociologia e outras.

## CAPÍTULO V - DOS DIREITOS E DEVERES DOS ASSINANTES

Art.21. O assinante tem o direito de receber a revista referente ao período da assinatura paga.

Art.22. O assinante tem o dever de pagar pontualmente a assinatura de acordo com o estabelecido e de comunicar à Diretoria de **Transinformação** qualquer mudança de endereço.

## CAPÍTULO VI - DA PERIODICIDADE

Art.23. A revista será trimestral (janeiro/abril; maio/agosto; setembro/desembro).

## CAPÍTULO VII - DAS NORMAS EDITORIAIS

Art.24. Poderão ser submetidos para publicação textos inéditos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrarem nas normas para publicação de cada uma das seções do periódico.

Art. 2. Para publicação o artigo deverá ter a aprovação de, pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do(s) nome(s) do(s) autor(es) ou da(s) instituição(ões) a que está(ão) vinculado(s). Somente o diretor saberá o nome dos avaliadores.

Art. 26 Os artigos recebidos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas de manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitado, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

Art. 2. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 (trinta) dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

Art. 28. O Conselho Editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

Art. 2. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

Art. 30. De cada trabalho publicado serão enviadas 10 (dez) separatas ao(s) seu(s) autor(es).

## CAPÍTULO VIII - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 31. Caso se torne necessário o Conselho Editorial pode mudar os Estatutos de **“Trans-in-formação”** publicando-o na íntegra no primeiro número da revista consecutivo à mudança.

Art. 32 O Conselho Editorial decidirá casos omissos neste estatuto.

## **INFORMATIVO**

## MATERIAL BIBLIOGRÁFICO RECEBIDO

- Tradução e Comunicação, 8**, 1986. Neste número a revista em tela traz, além de depoimentos, resenhas e notas, oito artigos que tratam: da obra e da ação de Fidelino Figueiredo (Amora); da tradução de poetas escoceses (Visoli); da tensão conversacional (Preti); possibilidades de leitura de um mesmo texto (Flesscher); traduções de obras alemãs no Brasil (Bink-Fiederici); Cláudio, Olívio e Lucano (Lopes); a condição humana em Lygia (Conorado) tradução comentada (Hartmann e Aze-nha Jr.).
- MACCOBY, M. (177). **Perfil de Águia**. Dirigir uma empresa uma nova arte. Tradução do original norte americano, de 1976, por W.H. Ferreira. São Paulo, DIFEL - Obra sobre administração de empresa com enfoque psicanalítico, focalizando o sexismo e apresentando dados de pesquisa realizada através de entrevista com 250 gerentes.
- FINNIGAN, J. (164). **A pessoa certa no lugar certo**. Tradução do original inglês, de 1973, por R. CASTALDI. São Paulo, DIFEL. Enfoca proble-mática básica na administração de pessoal, destacando o papel da ge-rência, mas enfocando o tema desde o recrutamento até a avaliação e projeto de carreira.
- LOVE, . F. (186). **McDonald's**. A verdadeira história e sucesso (3ª ed.). Tradução do original norte-americano de 1986 por D. SOARES & A. WEISSEMBERG. Enfoca a história, os aspectos administrativos e analisa as variáveis que influíram no êxito de uma das empresas "Mais em evidência, e menos compreendida da América" (p. 5) sendo toda-avia um trabalho independente e livre de qualquer controle editorial da companhia estudada.
- CAMARGO, S. de & OCAMPO, J.M.V. (1988). **Autoritarismo e democra-cia na Argentina e Brasil** (uma década de política exterior – 1973/1984).S.Paulo, Convívio. Focaliza as condições sócio-econômicas, políticas subjacentes ao autoritarismo e a busca da democracia, a opção pragmática no terceiro mundo, as relações entre os países lati-no americanos, com destaque para Brasil-Argentina, complementando com um estudo comparado do processo histórico-político nos dois países.

SELCHER, W.A. (org.) (1988). **A abertura política no Brasil**; dinâmica, dilemas e perspectivas. Tradução de original inglês de 1986, por M.A.G.C. Meyer, São Paulo: Convívio. Focaliza o processo de liberalização de Brasil a partir de 1974 destacando a lógica da liberalização, os momentos básicos, as contradições e dilemas, papel do congresso, o discurso político, as negociações e tecendo perspectivas para o futuro. Vários americanistas colaboraram para a concretização da obra

**Política e Estratégia**, 6(1, 2, 3) 1988. Revista editada pela Convívio, o primeiro número apresenta os tópicos: Integração Brasil-Argentina; cooperação no Atlântico Sul, Perestroika, a teoria dos sistemas e a ESG, o pensamento militar de Clausewitz. O segundo enfoca a doutrina da segurança nacional na Argentina; o Brasil e a não-proliferação nuclear. O terceiro trata da: indústria bélica e segurança nacional, questões sobre o cone sul da América Latina.

**Convívium** 1, 2, 3, 4, (1988). Esta edição de Convívio, no primeiro número enfoca temas da história da filosofia e da cultura; no segundo, trata de temas políticos e filosóficos; no terceiro, na temática aparecem a sociedade aberta, a política, a história além de várias resenhas; no quarto a história, a política e a educação merecem destaque.

**BARROS, R.S.M.** de (1988) Gorbachevismo: hipóteses e conjecturas. São Paulo: Convívio. A obra enfoca o Gorbachevismo do prisma filosófico, político e da sua concretização.

Composta e Impressa na  
IND. GRÁFICAS CAPELLI LTDA.  
Fone: 8-5581 - Campinas - SP

